FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

# Ligar o Construir no Construído

## A Quinta do Mocho e sua envolvente

**José António Feliciano Fidalgo Ferreira Crespo**

Dissertação/Projecto para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura

Orientador Científico: Professor Doutor Pedro Jorge Dias Pimenta Rodrigues
Co-orientador Científico: Professor Doutor Pedro António Janeiro

Júri

Presidente: Professora Doutora Marta Santos Feliciano

Vogal: Professor Doutor Miguel Baptista-Bastos

Vogal: Professor Doutor Pedro Jorge Dias Pimenta Rodrigues

Lisboa, FAUL, Setembro 2015

**Resumo**

Existe uma grande descontinuidade entre os tecidos urbanos - e sociais - no território envolvente ao Bairro da Quinta do Mocho. Este território de carácter suburbano é pontuado por *ilhas* que se encontram separadas entre si. Este trabalho procura entender quais as causas desta fragmentação e propor alternativas à situação actual, promovendo a continuidade dentro do território - e entre este e a cidade.

Ao analisar o Bairro da Quinta do Mocho e os bairros envolventes, concluiu-se que uma grande parte dos seus problemas advém precisamente desta condição de separação, onde nenhum dos tecidos urbanos, de forma isolada, se encontra numa posição de responder às necessidades das suas populações. Considerámos a hipótese de unir estes vários tecidos, através da inserção de dispositivos urbanos *ligantes* que facilitem este mesma união, de modo a criar um território uno.

Procurámos ainda desenvolver um sentido de lugar que promova a identidade dos seus habitantes, de modo a que a comunidade esteja rodeada por um ambiente físico que lhe seja familiar e promova a sua integração na sociedade e no mundo.

**Palavras-chave**: Bairro da Quinta do Mocho, Sacavém, Subúrbio, Gueto, Descontinuidade Urbana, Requalificação urbana.

**Abstract**

In the case of the neighbourhood *Quinta do Mocho,* and its surroundings, the discontinuity among urban and social tissues is most notorious. This suburban territory is punctuated by *urban islands* which find themselves to be separated from each other. This thesis seeks to understand the causes for this fragmentation and suggest alternatives to the current situation whilst promoting urban continuity within and throughout the territory.

By analysing *Quinta do Mocho,* and its surrounding neighbourhoods, we were able to conclude that a major part of the territory's problems, is due precisely to the fact of them being separated. None of the urban tissues, in their own isolation, are capable of responding to the their own population's needs. We, therefore, considered the possibility of joining these several tissues by inserting urban elements which aggregate the territory so it may become one.

We also considered it to be of vital importance to develop a sense of place which promotes the identity of its residents, so that the community may be surrounded by a physical atmosphere that is familiar and which promotes its social integration, as well as its place in the world.

**Keywords**: Quinta do Mocho, Sacavém, Suburb, Gueto, Urban Discontinuity, Urban Renewal.

**Índice**


**1. Introdução**

1. 1. Objectivos 6

1. 2. Questões de trabalho 9

1. 3. Metodologia 10

**2. Levantamento e reconhecimento do objecto / lugar**

2. 1. Localização e relação geográfica com a envolvente

2. 1. 1. Concelhos envolventes 11

2. 1. 2. Freguesias envolventes 12

2. 1. 3. Quinta do Mocho/Lisboa 13

2.2. Enquadramento histórico e territorial 14

2.3. Enquadramento sócio-cultural 29

2.4. Caracterização morfológica

2. 4. 1. Tecidos urbanos envolventes 36

2. 4. 2. Morfologia do terreno 38

2. 4. 3. Barreiras físicas 41

2. 4. 4. Infra-estruturas 45

2. 4. 5. Rede viária 46

2. 4. 6. Mobilidade 48

**3. Fundamentação teórica**

3. 1. Introdução 55

3. 2. Caracterização 59

3. 3. Espaço Público

3. 3. 1. Geral 66

3.3.2. Desenho urbano 73

3. 4. Construído

3. 4. 1. Edifícios 84

3. 4. 2. Intervenções 87
3. 4. 3. Comércio 89
3. 4. 4. Limites 92
3. 4. 5. Referências 95
3. 5. Conclusão 99

**4. Proposta projectual**
4.1. Proposta Geral 103
4. 2. Eixo Central 106
4. 3. Quinta do Mocho 109
4. 4. Terraços da Ponte 113
4. 5. Bairro Novo 115
4. 6. Zona Ribeirinha 117
4. 7. Sacavém 120
4. 8. Zona industrial 123
4. 9. Bairro de Santo António 126
4. 10. Prior Velho 129

**5. Conclusão** 130

**6. Bibliografia** 131

**7. Indice de Imagens** 132

**8. Anexos** 136

## 1. Introdução

### 1.1. Objectivos

Pretende-se com este projecto abordar de forma crítica a cidade, particularmente na sua qualidade de periferia - tal como é o caso na área de Loures-Lisboa. Procurando analisar os diferentes contextos de formação e as problemáticas presentes, prestando um particular interesse à zona do bairro da Quinta do Mocho e sua envolvente.

Propõe-se a idealização de um projecto alargado de Arquitectura e Desenho Urbano, tendo como base um conjunto de processos: Análise do lugar; Diagnóstico; Fundamentação teórica; Proposta de intervenção.

É nosso objectivo reconhecer as estruturas de suporte existentes no lugar, identificando a sua importância e apontando quais os seus pontos frágeis e potencialidades. Tendo como base o tema da reabilitação urbana, visar-se-á ainda potenciar possíveis pontos e eixos estruturantes, apoiando nestes o desenho de uma estrutura urbana flexível.

Pensando no contexto geral onde se encontra centrado o objecto de estudo: Quinta do Mocho, é nossa intenção desenvolver sistemas que permitam, através de uma implementação, sensível e pontual, estabelecer e ligar as diversas comunidades e bairros em seu redor, que se encontram presentemente desarticulado(a)s entre si. Assim como espaços sobrantes e abandonados que deverão passar a servir e a serem integrados na cidade.

Visa-se assim redesenhar o território, reabilitando-o através de inserções cirúrgicas de equipamentos (colectivos ou privados) e espaços públicos. Procurando a união dos vários tecidos urbanos e sociais - que vivem de forma isolada e desconexa entre si - e a superação de obstáculos que foram sendo criados com o desenvolvimento e progressivo avanço territorial do grande centro urbano de Lisboa.

Embora esta expansão tenha ocorrido de forma natural e previsível numa grande escala, a resposta dada a nível local, pelas novas centralidades criadas, foi insuficiente, tendo em conta a frequência e velocidade em que estas alterações foram transformando o território, e a situação presente nesta zona da cidade.

É central a necessidade de regenerar o tecido urbano e social da cidade, procurando também contribuir para a dinamização económica, de forma a criar uma identidade local inclusiva e receptiva, capaz de responder de modo sustentável, criativo e saudável ao processo de crescimento e qualificação da cidade.

Imagina-se a criação de um território mais seguro, sustentável e integrado, dando espaço ao aparecimento de novas actividades, empresas sociais e empregos. Promovendo atrações locais que permitam despertar o interesse e a atenção dos cidadãos -nomeadamente de Lisboa - criando assim um lugar integrado com a restante população urbana.

Pretende-se com este trabalho implementar um conceito urbano cuja natureza incorpore aquilo que é proposto à situação pré-existente, promovendo uma ocupação ordenada e sustentável do espaço público, em busca de um relação integrada entre o edificado (habitação, comércio e serviços) e o espaço público.

Num modo sucinto, delineam-se então os seguintes objectivos:

- Qualificação urbana e ambiental: Reconversão do Espaço Público, Infra-estruturas e Ambiente Urbano em geral, Criação de Habitação;
- Dinamização económica: Novas Oportunidades e Fomento do Empreendorismo, Criação de espaços para novas actividades económicas no apoio ao auto-emprego;
- Dinamização Social: Construção e implementação de equipamentos de proximidade, Promoção da cidadania de interacção e da coesão social, Dinamização de actividades recreativas e desportivas;

- Dinamização Cultural: Construção de equipamentos culturais, Implantação de obras de arte, Dinamização de actividades artísticas e culturais;

Concluindo, o objectivo global é o de criar uma zona urbana integrada no todo, dinamizando as relações humanas e consolidando o conjunto global que envolve o bairro estudado: A Quinta do Mocho.

## 1. 2. Questões de trabalho

- Isolamento geográfico em relação às várias centralidades do município;
- Desconexão com a cidade e seus serviços;
- Estrutura urbana do bairro sem hierarquia;
- Grande dependência da viatura privada;
- Hegemonia do espaço viário
- Desarticulação de usos urbanos (habitação, armazéns, serviços, etc.)
- Falta de comércio - pequenos serviços;
- Falta de equipamentos colectivos;
- Estrutura verde praticamente inexistente;
- Separação e desarticulação entre bairros vizinhos;
- Falta de continuidade urbana;
- Falta de identidade urbana local;
- Isolamento urbano e social;
- Envelhecimento da população;
- Medo e insegurança;
- Estigmatização social;

## 1. 3. Metodologia

O trabalho desenvolve-se com base em duas componentes: uma Teórica e uma Prática. Estas duas componentes visam estudar e pôr em prática um conjunto de conhecimentos do âmbito da cidade e da arquitectura.

Desenvolvendo assim métodos de investigação referentes aos objectivos propostos. Sistematizando ainda diferentes processos de criação projectual, que por sua vez envolvem instrumentos operacionais da prática urbanística e arquitectónica.

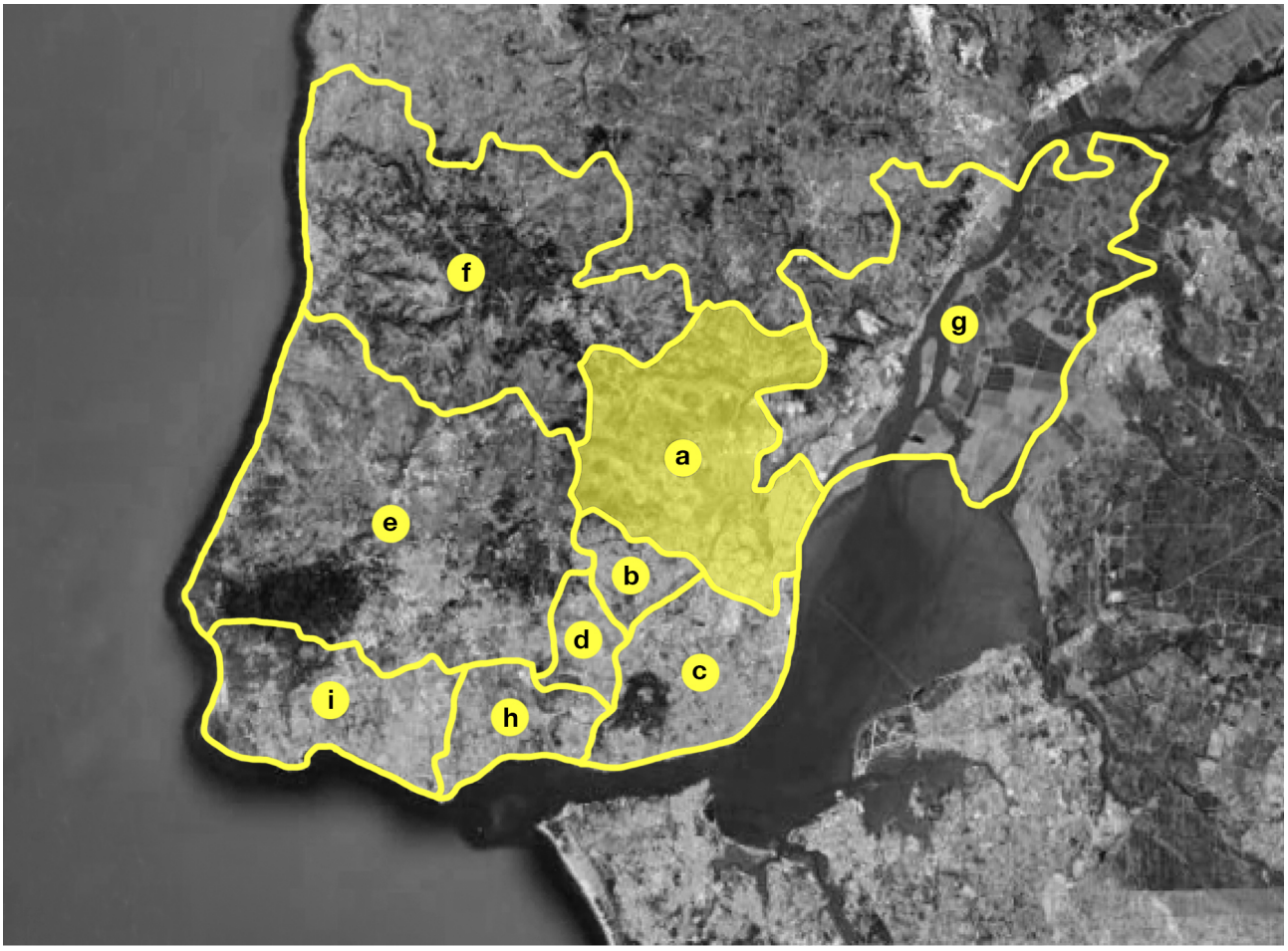
Em síntese serão consideradas as seguintes fases metodológicas:

- Desenvolvimento sustentável e construção de metodologias de abordagem ao projecto de Arquitectura e Desenho Urbano;
- Identificação das estruturas de suporte em arquitectura e do lugar tendo como base o tema proposto;
- Constituição do processo e método de aprendizagem tendo como base o conhecimento tectónico e a leitura do lugar;
- Compreensão de formas de instrumentalização da análise e do projecto de Arquitectura/ Desenho Urbano, segundo uma lógica de sustentabilidade social. (Esc. 1:3000 a 1:200);
- Reflexão sobre as estratégias operativas morfológicas, tipológicas e tectónicas de construção, tendo em conta vários elementos: Clima, Estrutura Física, Contexto Económico, Social, e Cultural (Esc. 1: 200 a 1:10 ou 1:5);
- Recurso instrumental com base na leitura de projectos arquitectónicos/urbanos considerados exemplares.

## 2. Levantamento e reconhecimento do objecto / lugar

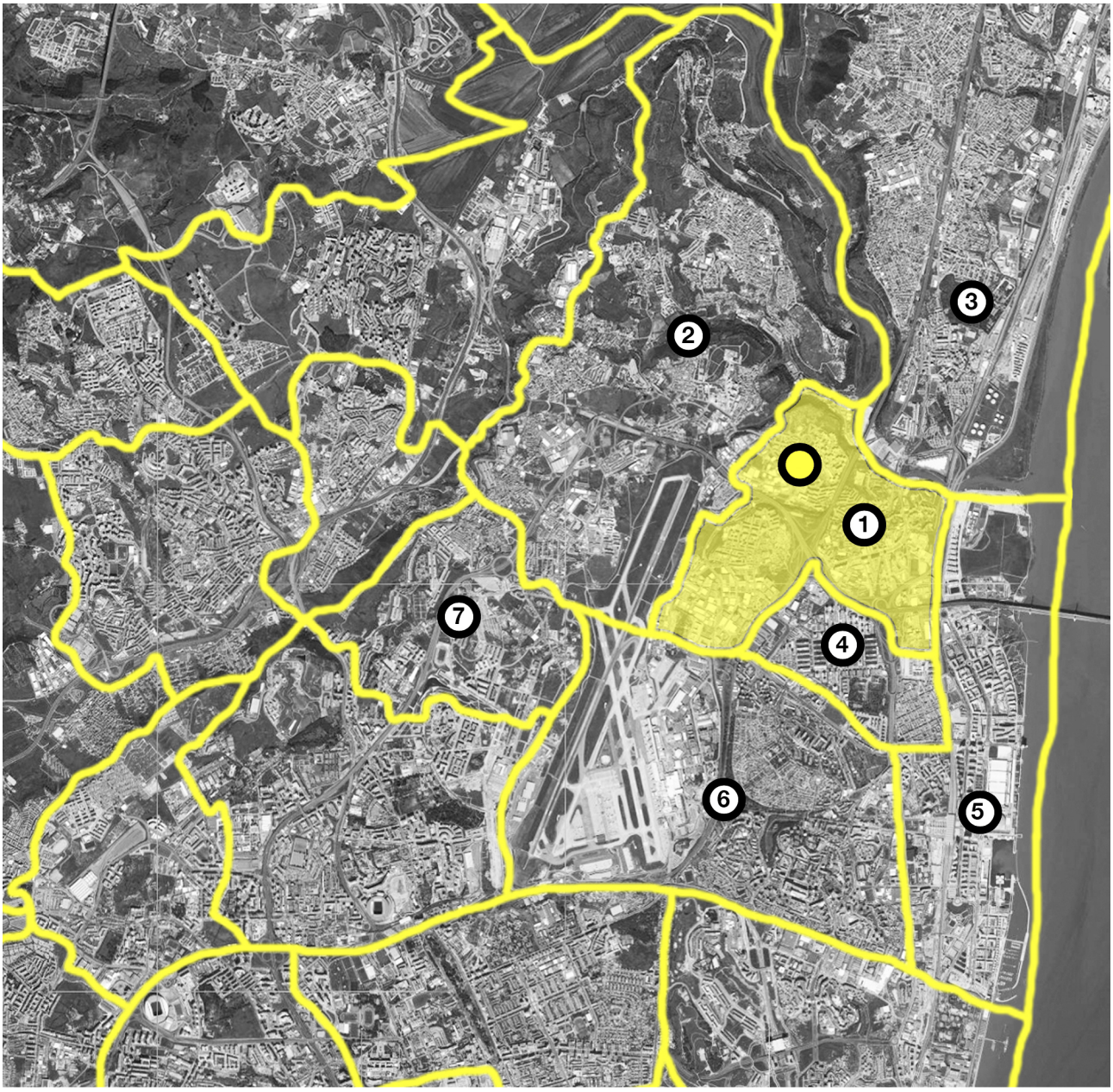
### 2.1. Localização e relação geográfica com a envolvente

#### 2.1.1. Concelhos envolventes



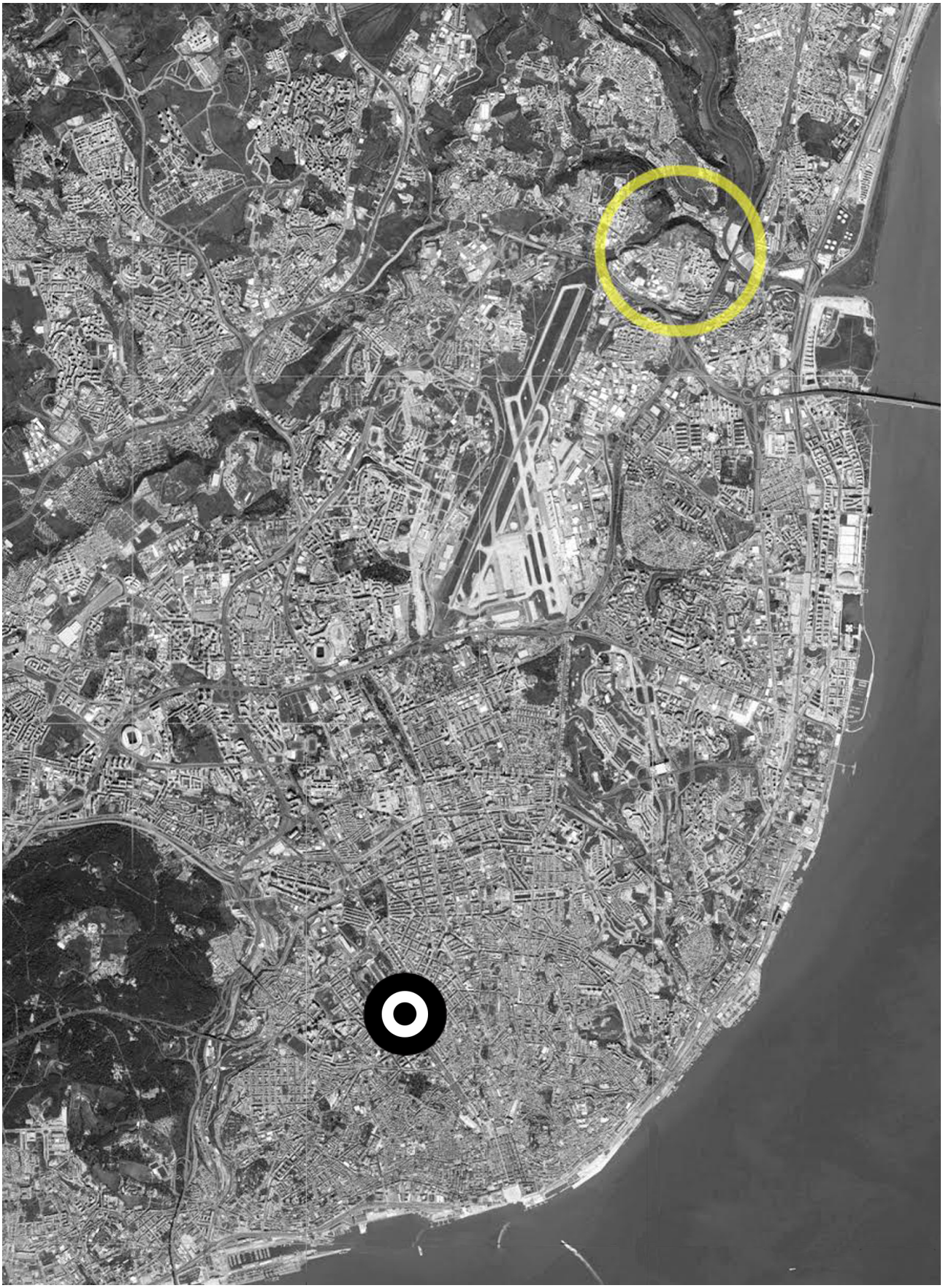

**a** Loures **b** Odivelas **c** Lisboa **d** Amadora **e** Sintra **f** Mafra **g** Vila Franca de Xira **h** Oeiras **i** Cascais

## 2.1.2. Freguesias envolventes




- Quinta do Mocho
- 1 Sacavem e Prior Velho
- 2 Camarate, Unhos e Apelação
- 3 Santa Iria da Azoia, S.João da Talha e Bobadela
- 4 Moscavide e Portela
- 5 Parque das Nações
- 6 Olivais
- 7 Santa Clara

## 2.1.3. Quinta do Mocho / Lisboa



## 2.2. Enquadramento histórico e territorial

Iniciamos este enquadramento salientando que a nossa atenção centrou-se sobre a cidade e freguesia de Sacavém. Esta escolha deve-se ao facto do nosso caso de estudo - A quinta do Mocho - se localizar dentro dos limites administrativos desta freguesia. Reforçando assim a necessidade de uma compreensão prévia de Sacavém de modo a poder contextualizar o fenómeno geral - espacial e temporal - no qual se enquadra o aparecimento do bairro da Quinta do Mocho.

Sacavém como paróquia remonta ao século XII (1191). Desta freguesia desmembram-se as de S.João da Talha em 1388 e Camarate em 1511. Chegou a fazer parte integrante do Concelho de Lisboa várias vezes, mas em 1895 a freguesia foi unificada e integrada no Concelho de Loures. Recentemente, em 2013, no âmbito de uma reforma administrativa nacional, agregar-se-ão as freguesias de Sacavém e Prior Velho. Sendo que, a sede desta nova freguesia encontra-se situada em Sacavém.

De modo a entendermos o seu aparecimento e desenvolvimento é necessário partirmos com base na situação geográfica - e estratégica - de Sacavém, enquanto encruzilhada de caminhos - vindos do Norte e do Este - que se dirigiam a Lisboa. Facto este que a torna numa porta de entrada na capital - Portela de Sacavém.

Ao longo da história de Sacavém é precisamente esta a condição mais influente na sua formalização espacial e territorial. De resto, atribui-se a origem do nome de sacavém ao étimo árabe šaqabi - significando «próximo» ou «vizinho» – entenda-se, da cidade de Lisboa.[1]

[1] Existem no entanto outra teorias relativamente à origem do nome de Sacavém:

O linguista português José Pedro Machado propõe uma origem francesa para o termo (Sacavin), derivado precisamente de saca (significando odre para depositar vinho, azeite, ou líquidos em geral), e vin (fr. para «vinho»), Sacavém significaria então, segundo o linguista, «odre de vinho».

Existe ainda uma terceira teoria de base popular, segundo a qual o nome Sacavém teria tido a sua origem nos trabalhadores que descarregavam mercadorias nas margens do Rio Trancão, dizendo entre eles, «Saca» e «vem», formando assim o nome Sacavém.

O Rio Trancão (ou Rio de Sacavém) desempenhou também um papel de grande relevo enquanto via de comunicação para o escoamento de produtos agrícolas vindos da região saloia[2] para Lisboa.

É também decisiva a construção de várias infra-estruturas viárias - que permitem, com a sua implementação, a industrialização da zona oriental de Lisboa. Estas infra-estruturas seriam o caminho de ferro (linha do norte)[3] e a estrada nacional 10 - ambas construídas em meados do século XIX. Surgindo posteriormente a auto-estrada 1 (A1)[4] e a via rápida IC17 - CRIL[5].

Avançamos ainda sublinhando a importância de entender os tipos de ocupação neste território, e como ocorreram ao longo da história - conforme pressões dominantes e grupos sociais envolvidos- de modo a determinar quais os períodos influentes na sua evolução e como estes o definiram e transformaram territorialmente.

Sintetizando, elegemos três vertentes que consideramos serem as mais representativas na ocupação e caracterização do território:

- **dominante militar**
- **dominante agrícola e comercial**
- **dominante industrial**

---

[2] **Região Saloia:** engloba vários concelhos, a saber: Alenquer, Amadora, Arruda dos Vinhos, Cadaval, Loures, Mafra, Odivelas, Sintra, Sobral de Monte Agraço e Torres Vedras.

[3] **Linha do Norte:** é um caminho de ferro entre Lisboa e Porto, com o comprimento total de 336 km. A Linha do Norte cumpre ainda a particularidade de servir a região mais populosa de Portugal: cerca de 6,7 milhões de pessoas, 63% da população nacional.

[4] **A 1** (Auto-Estrada do Norte)**:** é a mais importante auto-estrada de Portugal. Liga Lisboa ao Porto, atravessando algumas capitais de distrito e zonas industrializadas. Sendo ainda a de maior dimensão: 303 km.

[5] **IC17 - CRIL** (Circular Regional Interior de Lisboa)**:** é uma via rápida que circunda Lisboa, a norte e a oeste. Liga Algés a Sacavém, numa extensão de 21 km e fecha um anel rodoviário em torno de Lisboa, também a sul, pelo seu seguimento contínuo com a Ponte Vasco da Gama e com a A12.

A **dominante militar** foi a mais presente ao longo de todas as fases da evolução de Sacavém. Estando esta claramente ligada às vias que comunicavam com o norte, largamente utilizadas nos períodos de ocupação dos romanos e dos árabes, e ainda durante a idade média.

Não nos é possível determinar qual o espaço formal de Sacavém até aos finais da idade média, no entanto, é sabido que esse espaço - já sob o domínio dos romanos - era atravessado pela estrada militar de Lisboa/Mérida.

"*Dessa forma, algures entre os séculos II a.C. e I d.C., foi construída, junto ao lugar de Sacavém (então parte integrante do município romano de Lisboa), às margens do rio Trancão (o qual, à data, se afigurava um rio muito mais caudaloso que hoje em dia), uma ponte de quinze arcos de volta perfeita, que ligava o pequeno povoado à margem Norte do seu rio, e pela qual passava um troço comum a duas vias romanas: a VIA XV, ligando OLISIPO (Lisboa) a EMERITA AVGVSTA (Mérida) e a VIA XVI, ligando também OLISIPO a BRACARA AVGVSTA (Braga).*" [6]

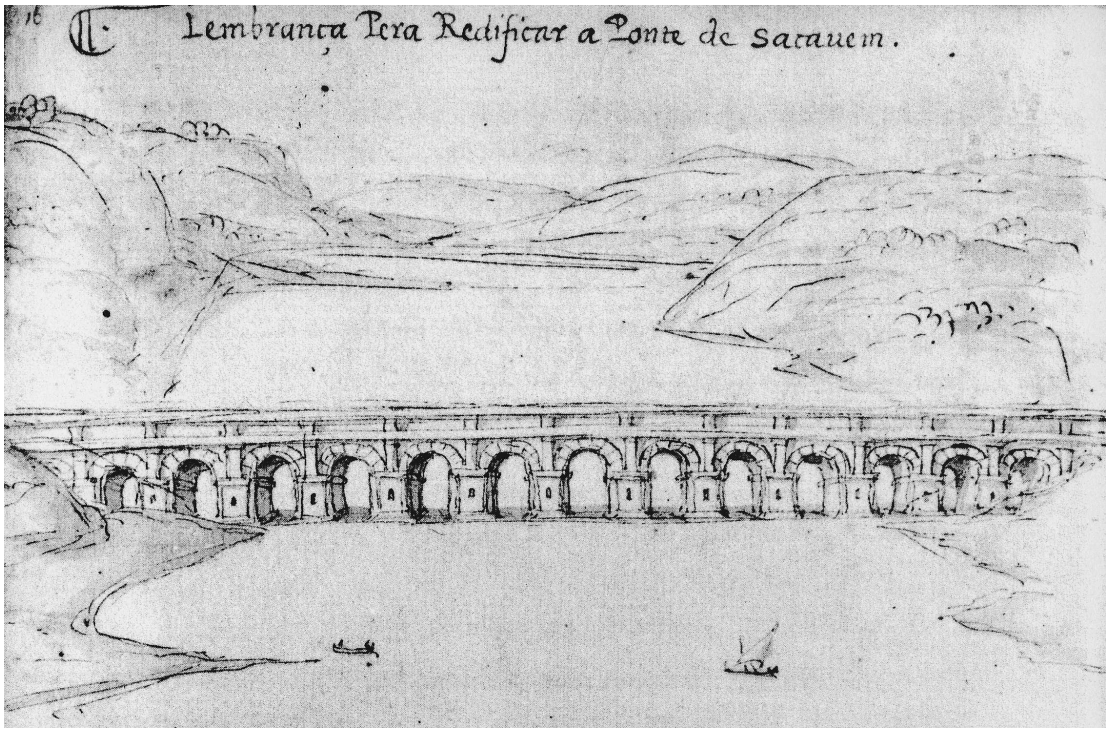



Fig.1

[6] Wikipedia: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ponte_de_Sacavém

Segundo reza a lenda, o Rei D. Afonso Henriques terá enfrentado os mouros - nessa mesma ponte - antes da tomada de Lisboa.

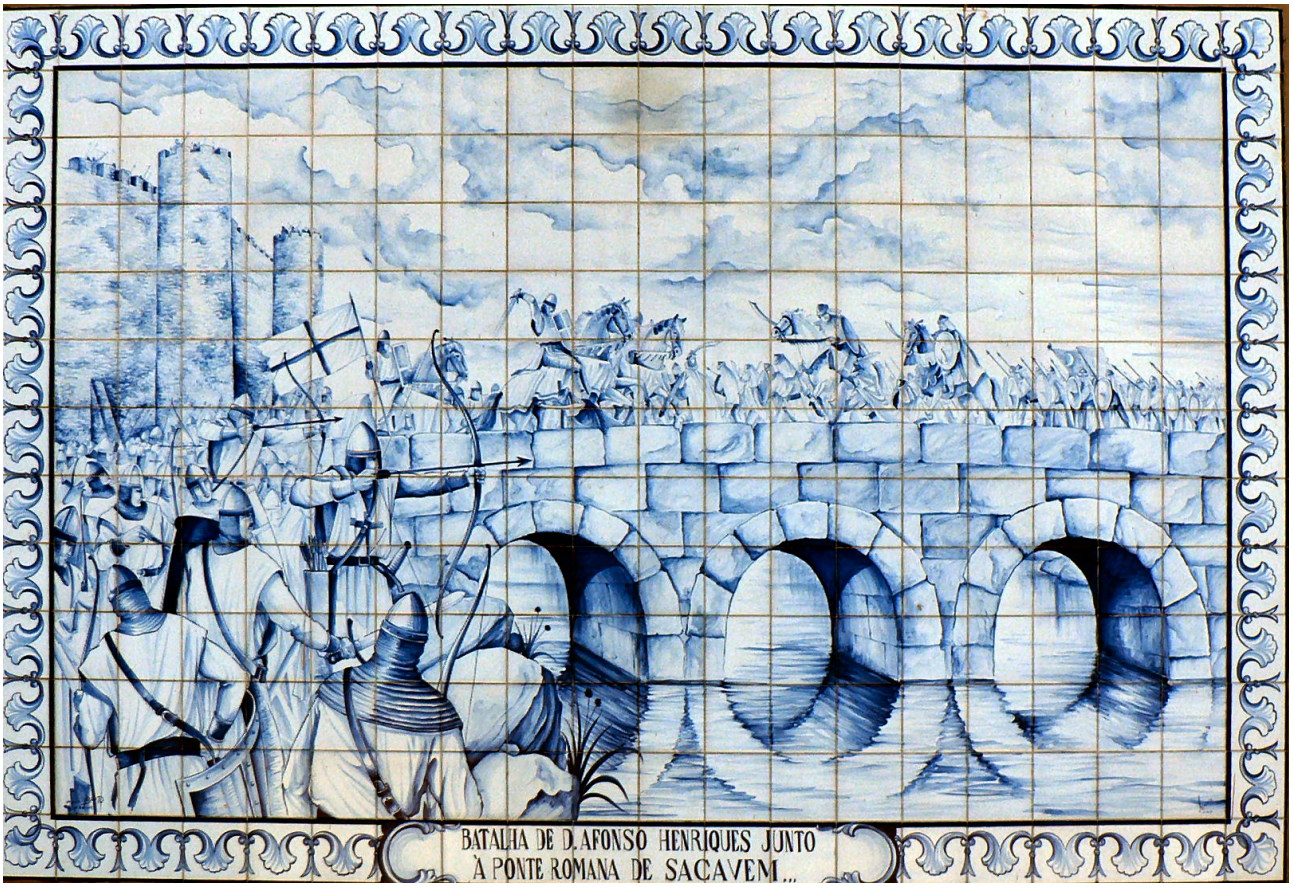



Fig.2

Em 1755, o grande terramoto de Lisboa terá no entanto eliminado os últimos vestígios visíveis da ponte romana - que se encontrava já então num estado muito degradado. No entanto, as grandes mudanças orográficas originadas pelo terramoto aproximaram as duas margens do Rio e permitiram subsequentemente a edificação de uma ponte de madeira.

O carácter militar voltou a assumir particular evidência sobre o território aquando do período das guerras da restauração da independência contra o Reino de Castela (Século XVII).

Após a Restauração, surgiu várias vezes a ideia de ligar o Rio Trancão ao Oceano Atlântico.

"(…) *chegando mesmo os reis D. João IV e D. Afonso VI a planear a ligação do Rio de Sacavém com o oceano junto à praça de Peniche. Assim constituir-se-ia uma extraordinária linha de defesa da Capital e simultaneamente, resultaria num grande melhoramento para a agricultura e para o comércio, facilitando os transportes.*" [7]

O projecto nunca se chegou a concretizar e foi momentaneamente esquecido, voltando no entanto a ser discutido aquando das invasões napoléonicas.

(…) *Tal projecto do século XVII foi certamente lembrado nos primeiros anos do século XIX, a propósito da invasões francesas (1807-1811). Lembrem-se, a propósito, as batalhas de Roliça e Vimeiro e a convenção de Sintra (…) e as Linhas de Torres Vedras (…) que se desenrolam, sensivelmente, no mesmo cenário, ou pelo menos numa linha paralela e com carácter defensivo de Lisboa. Aliás, as linhas de Torres Vedras, terminam não longe de Sacavém* (…)" [8]

Com o fim da Guerra Peninsular, têm início obras como a Estrada Militar, ligando Benfica a Sacavém, e circunvalando a Capital Portuguesa.

"*Com efeito, esta estrada militar, partindo do forte de sacavém (monte cintra), em morro sobranceiro à foz do rio trancão e à estação do caminho de ferro, atravessa grande parte do espaço geográfico de sacavem e contorna a freguesia nas áreas de unhos, apelação e camarate que antigamente constituiram reguengos da Casa de Bragança de que sacavém era a cabeça.*" [9]

---

[7] AFONSO, A. Monteiro, "Sacavém. O Espaço, as Gentes, a História", Sacavém: Junta de Freguesia, 1982, Sacavém; p.77

[8] AFONSO, A. Monteiro, "Sacavém. O Espaço, as Gentes, a História", Sacavém: Junta de Freguesia, 1982, Sacavém; p.77

[9] AFONSO, A. Monteiro, "Sacavém. O Espaço, as Gentes, a História", Sacavém: Junta de Freguesia, 1982, Sacavém; p.78

A construção do Forte de Sacavém - bem como a estrada militar, e demais estruturas de apoio - é ordenada pelo exército constitucional como parte do projecto de uma linha de defesa, constituída por uma série de obras de fortificação em torno da cidade - mais conhecidas como as fortificações do campo entrincheirado de Lisboa. Embora a sua edificação termine apenas no fim do século XIX, o projecto é uma resposta à recente Guerra peninsular mas é também em grande parte idealizado como medida defensiva à pressão exercida pelo exército de D.Miguel que se encontrava nessa altura muito próximo da cidade de Lisboa.

O mesmo exército de D.Miguel será influente no destino de Sacavém, na medida em que "(...) *a 12 de Outubro de 1833, parte das forças miguelistas, após terem sido expulsas da capital pelo Marechal Saldanha, e derrotadas num breve recontro junto a Loures, dirigem-se a Sacavém, a fim de tomarem a estrada rumo a Santarém, para onde fugiam; depois de atravessarem o rio de Sacavém, atearam fogo à ponte de madeira que ligava as duas margens e que havia sido reconstruída pouco depois do terramoto de 1755. Só em 1842 viria a ser reconstruída uma nova em cantaria e ferro, com dezoito metros de comprimento, assente em apenas quatro pilares, com um rodízio central para a passagem dos barcos.*" [10]



Fig.3

[10] Wikipédia: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ponte_de_Sacavém

Esta mesma ponte volta a ser incendiada, em 1910, por revolucionários republicanos, com o intuito de impedir a chegada de reforços monárquicos. [11]




Fig.4

A instabilidade que teve lugar ao longo da 1ª República conduziu ao Movimento Nacional em 1926, tendo sido em Sacavém onde Gomes da Costa e Cabeçadas se encontram e estabelecem o seu quartel-general.

Mais tarde deu-se o golpe de 9 de Julho, que deu o poder a Óscar Carmona e derrubou Gomes da Costa, sendo este acontecimento também planeado no quartel-general de Sacavém.

[11] No entanto, a ponte subsistiu até meados do século XX, altura em que foi construída uma outra, em betão, pela Junta Autónoma das Estradas, a qual subsiste até hoje.

No período inicial e de consolidação da ditadura, o Regimento de Artilharia Pesada 1 (RAP 1), sediado no Convento dos Mártires[12], assumiu um papel preponderante na defesa do regime.



Fig.5

No dia 25 de Abril de 1974, a coluna comandada pelo capitão Salgueiro Maia, passa as portagens da auto-estrada do Norte em Sacavém, rumo a Lisboa, a fim de iniciar a Revolução. De resto, nos eventos subsequentes à revolução, a vila de Sacavém - mais especificamente o quartel do RALIS - volta a ser cenário de importantes acontecimentos no final do Verão Quente de 1975.[13]

[12] **Convento de Nossa Senhora dos Mártires** e da Conceição dos Milagres manteve-se activo até 1834, data da expulsão das Ordens Religiosas de Portugal. Ocupado pelas Clarissas até 1877, data em que foi apropriado pelo Ministério da Guerra. Aqui estiveram sediados o Regimento de Artilharia Pesada nº 1 (RAP 1) e a Escola Prática do Serviço de Material (EPSM).

[13] À semelhança do que ocorrera aquando da proclamação da República, em 1910, deu-se uma mudança na toponímia local: o Largo da Junta passa a Largo 1.º de Maio. Várias ruas são ainda são cunhadas com o nome de operários cerâmicos e lutadores antifascistas.

A **dominante agrícola e comercial** encontrou-se activa durante o período da romanização e da ocupação árabe, prolongando-se pela idade média e moderna até meados do século XIX.

Embora não exista informação documentada sobre a actividade agrícola dos romanos nesta zona, sabemos no entanto que os árabes tiveram uma presença muito marcante na agricultura. Deixando como legado técnicas de irrigação, tais como "(…) as noras[14], levadas, canais de rega, etc." e também novos cultivos, como por exemplo a laranjeira e o limoeiro. A presença árabe contribuiu ainda para do desenvolvimento do comércio terrestre e marítimo.

"*Da sua presença nesta zona durante quase 4 séculos (do séc.VIII ao séc. XII) ficaram-nos imensos vestígios a que numerosos documentos medievais se referem e que se reflectem na economia agrícola dos horticultores saloios.*"[15]

Esta dominante agrícola e comercial prolongou-se durante longos séculos influindo na economia da zona, facto ainda hoje visível, tanto pela existência das quintas centenárias de Sacavém como do que nos resta dos armazéns à beira do Rio Trancão.

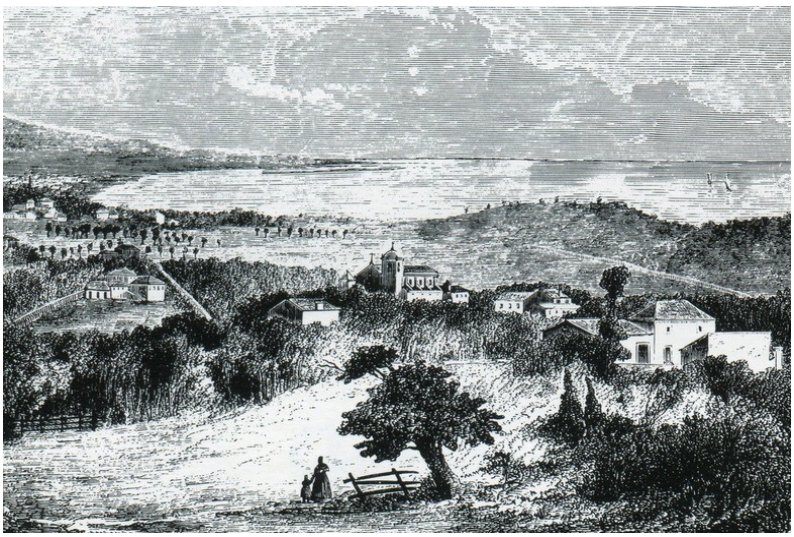


Fig.6

[14] * **Nora**, s.f. "*Aparelho, para extrair água de poços ou cisternas, e cuja parte principal é uma roda que faz girar uma corda, a que estão presos alcatruzes. Prov. alg. Poço, donde se extrai água por meio do engenho*" ( NIMER, Miguel, "Influências Orientais na língua Portuguesa: os vocábulos árabes, arabizados, persas e turcos : etimologia, aplicações analíticas" p.233, Edusp, 2005, São Paulo )

[15] AFONSO, A. Monteiro, "Sacavém. O Espaço, as Gentes, a História", Sacavém: Junta de Freguesia, 1982, Sacavém; p.79

É também curioso verificar a predominância de bairros residenciais na zona das quintas (parte alta) e a existência de fábricas e armazéns na zona ribeirinha (parte baixa).



Fig.7

Levando em conta o papel que a agricultura desempenhou em toda esta zona e a tradição agrícola da região de Loures - onde o escoamento das suas mercadorias era feito através do Rio de Sacavém - poderemos entender a importância da navegação neste rio e também o enorme movimento de embarcações nos cais de Sacavém.

"*Este movimento nos é confirmado aliás no "Livro das Grandezas de Lisboa" ao dizer-nos que "diante de Sacavém chegavam a estar 60 e 70 embarcações a carregarem fruta, sal e vinho". É que "outrora o Tejo, entrando pela ria de Sacavém, vinha imponente, estender preguiçosamente um dos seus braços por este vale e chegava a acariciar alguns dos lugares desta Freguesia (Loures). Trazia-lhe então, com as suas águas o oiro do seu sal e o dos transportes fáceis e baratos".*" [16]

[16] AFONSO, A. Monteiro, "Sacavém. O Espaço, as Gentes, a História", Sacavém: Junta de Freguesia, 1982, Sacavém; p.112

A **dominante industrial** iniciou com a construção da Fábrica da Loiça - no terreno de uma das quintas famosas de Sacavém: Quinta da Aranha - implantada ao lado do caminho de ferro e respectiva estação.




Fig.8

"*Estávamos em 1850 e Sacavem não teria sequer 1000 habitantes*." [17]

No final do século XIX a Fábrica da Loiça de Sacavém[18] empregaria cerca de 400 operários, dando assim trabalho a quase metade da população da vila.

Será outra vez a proximidade a Lisboa, bem como a localização ribeirinha, a tornarem sacavém num sítio ideal para a implantação industrial. Com o fomento das estradas e do caminho de ferro, Sacavém - e toda a região até Vila Franca de Xira - tornar-se-á num dos maiores centros fabris de Portugal.

---

[17] AFONSO, A. Monteiro, "Sacavém. O Espaço, as Gentes, a História", Sacavém: Junta de Freguesia, 1982, Sacavém; p.80

[18] Nota: É ainda curioso verificar que as 3 maiores figuras da admnistração da Fábrica (de origem inglesa) são lembradas ainda hoje através da toponímia da vila: Escadinhas do Barão de Sacavém (John Howorth), Avenida James Gilman, Rua Herbert Gilbert)

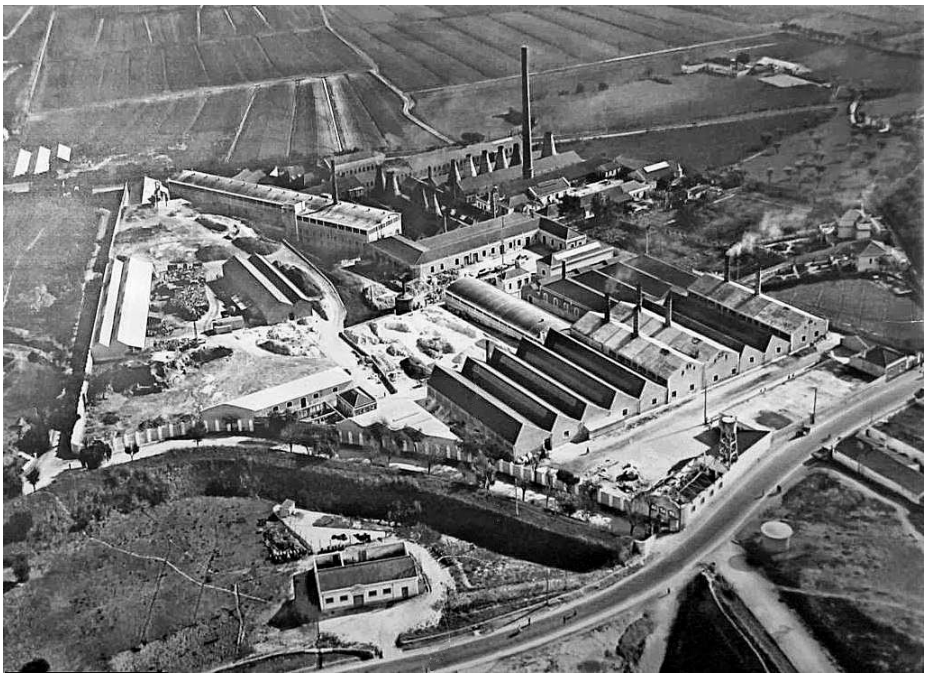


Fig.9

É já na primeira metade do século XX que a zona se começa a transformar de forma mais notável, erguem-se fábricas, aumenta a população vinda da província e começam a surgir problemas relacionados com a habitação. Surge a fábrica de tecidos, e com ela surgem também numerosos trabalhadores da Loriga[19] - habituados ao trabalho com este tipo de material.

"*Daí a enorme quantidade de famílias originárias da Loriga!*" [20]

Dá-se então um enorme crescimento demográfico, crescimento este que não viria ter uma resposta proporcional na construção de habitações.

É então que "*Surgem à beira das azinhagas que ladeiam as numerosas quintas de sacavém os mais diversos bairros de barracas. Torna-se a única maneira de todos estes assalariados migrantes possuírem a sua "casa" própria e próxima do trabalho.*" [21]

[19] **Loriga** - Vila e Freguesia portuguesa do concelho de Seia, distrito da Guarda

[20] AFONSO, A. Monteiro, "Sacavém. O Espaço, as Gentes, a História", Sacavém: Junta de Freguesia, 1982, Sacavém; p.80

[21] AFONSO, A. Monteiro, "Sacavém. O Espaço, as Gentes, a História", Sacavém: Junta de Freguesia, 1982, Sacavém; p.81

No anos 50 ocorre uma intensificação no processo de industrialização e surge então



Fig.10



Fig.11



Fig.12

mais uma grande vaga imigratória, sendo esta originária sobretudo da região do Alentejo.

"*Em pouco tempo, a pequena vila que contava com 4.653 habitantes em 1930, torna-se num "(…) vasto aglomerado em que predomina a subintegração do ponto de vista económico, social e político. Assim se transforma Sacavém num curto espaço de algumas dezenas de anos*." [22]

Ao longo do século XX sediam-se em Sacavém diversas " (…) indústrias de curtumes, cortiças, adubos, cremes e pomadas, tecidos, estamparia, louça, moagem, tintas, refrigerantes, sabões, móveis, lagares de azeite, margarina, trefilaria, etc." [23]

O ambiente físico do território sofre uma grande alteração a partir dos anos 60, quando a dimensão rural e agrícola é praticamente excluída.

"(…) *a quinta deixa de ser considerada de interesse agrário e passa a dominar a especulação imobiliária.*" [24]

---

[22] AFONSO, A. Monteiro, "Sacavém. O Espaço, as Gentes, a História", Sacavém: Junta de Freguesia, 1982, Sacavém; p.81

[23] AFONSO, A. Monteiro, "Sacavém. O Espaço, as Gentes, a História", Sacavém: Junta de Freguesia, 1982, Sacavém; p.123

[24] AFONSO, A. Monteiro, "Sacavém. O Espaço, as Gentes, a História", Sacavém: Junta de Freguesia, 1982, Sacavém; p.123

Entre 1950 e 1970 a vila quadruplica o número dos seus habitantes.

O desequilíbrio causado por esta explosão demográfica deu origem a uma outra explosão - de carácter urbanístico. A construção desregrada, e altamente desqualificadora do meio envolvente, transformou Sacavém num local identificável sobretudo pela penúria de alojamento e pela carência de equipamentos.

Após a revolução de 1974, surgiu uma nova vaga de migração, vinda das antigas colónias portuguesas em África.

A partir dos anos 1980, o crescimento demográfico estabiliza[25] e é, entretanto, em 1983 que a Fábrica de Louça de Sacavém encerra.

Já na década de 90, acentua-se o processo de desindustrialização, acentuando-se ainda mais a degradação do espaço.

É então que surge o Plano de Salvaguarda de Sacavém, com o intuito de responder às necessidades existentes, recuperando nomeadamente as áreas mais antigas. Subsequentemente, procede-se ainda a uma reabilitação urbana parcial, investindo-se em novas acessibilidades e infra-estruturas.

No final do século XX, e no enquadramento das obras de construção da Expo'98 procede-se à requalificação do terreno da Fábrica de Loiça de Sacavém e da zona ribeirinha.

Destrói-se a antigo bairro Quinta do Mocho em Sacavém, realojando a população em novos edifícios.

[25] Nota: Sacavém chega então a albergar uma população máxima de aproximadamente 25 mil habitantes.

"*Nos anos 1990, Sacavém vê enfim reconhecido todo o seu valor e potencial, tendo sido*



Fig.13

*elevada a cidade em 4 de Junho de 1997* (…)"[26]

Presentemente, apesar do reconhecimento de Sacavém como cidade, muito lhe falta, enquanto território, para que constitua realmente uma Cidade. Esta não se encontra, a nosso ver, munida de qualidades essenciais que cumpram a designação de cidade, enquanto um espaço ordenado, integrado, contínuo e vivo.

[26] https://pt.wikipedia.org/wiki/História_de_Sacavém

## 2.3. Enquadramento Sócio-cultural

Sacavém apresenta-se hoje com problemas de imagem, subsequentes do processo de urbanização acelerada e sem qualidade. Este processo conferiu-lhe presentemente um carácter *sub-urbano*. Sacavém vê-se hoje como um território fragmentado onde tecidos urbanos e sociais se encontram desvinculados. Onde não existe continuidade no construído.

Existindo ainda um problema central que se chama: Quinta do Mocho. Este bairro representa uma *zona-problema*, não só para a Freguesia de Sacavém e Concelho de Loures, mas também para a Cidade de Lisboa. Sendo que o território em questão é caracterizado por uma manifesta dinâmica de afastamento e exclusão.

Acreditamos que apenas um processo de integração e inclusão do tecido urbano e social - representado pelo bairro da Quinta do Mocho - poderá resolver este problema. Sublinhamos que nos parece mais construtivo procurar a aproximação, em vez do afastamento. Tanto no caso da Quinta do Mocho como em outros bairros, que também se encontram isolados e desmembrados no território.

Procedemos então com um estudo para tentar entender o que caracteriza a Sociedade que compõe Sacavém e Loures.

Devido ao já referido processo de industrialização[27] e subsequentes vagas de imigração - da província e de Lisboa[28] - a freguesia de Sacavém e o Concelho de Loures, foram sujeitos a um forte crescimento demográfico, com particular incidência nas décadas de 60 e 70. Na base deste crescimento estiveram ainda forte pressões urbanísticas que fomentaram o desordenamento e desequilíbrio no território.

[27] Nota: Que teve o seu auge entre 1940 e 1970

[28] Nota: Migração consequente da expansão do sector terciário na Cidade Capital.

Com a formação da Freguesia da Portela (1985) e do Prior Velho (1989), Sacavém ficou com metade da sua área inicial, reduzindo o seu número de habitantes, nos anos entre 1981 e 1991, como podemos ver no seguinte quadro.

| | 1950 | 1960 | 1970 | 1981 | 1991 | 2001 | 2011 |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| **Sacavém** | 6488 | 10 624 | 19 087 | 27 945 | 16 231 | 17 659 | 18 469 |
| **Loures** | 50 440 | 102 124 | 166 167 | 276 467 | 322 158 | 199 059 | 205 054 |

*Fonte: INE, Censos de 2011*

É a partir de 1950 que se regista uma alteração significativa no ritmo de crescimento populacional do Concelho de Loures. Este grande surto não se distribui de forma uniforme ao longo das várias datas e nas várias freguesias do Concelho, mas em todas elas, o aumento populacional incidiu mais nas décadas de 60 e 70, inclusivamente em Sacavém.[29]

Quanto à estrutura etária da população residente, esta regista uma tendência para envelhecer. Estes sintomas de envelhecimento traduzem-se numa diminuição dos grupos etários mais jovens (0-4 anos e 5-9 anos) e num aumento do grupo dos mais adultos (40-44 anos, 45-49 anos e 50-54 anos) e dos idosos (65 e mais anos), ou seja, um peso não muito elevado de núcleos familiares com filhos pequenos, apontando para um predomínio da população adulta.

Relativamente ao índice de envelhecimento[30], a Freguesia de Sacavém tem um valor superior ao do Concelho de Loures: 115 e 111, respectivamente.

[29] Segundo a informação recolhida com base nos censos de 2011.

[30] **Índice de Envelhecimento** (**IE**) : Relação entre a população idosa e a população jovem, definida habitualmente como o quociente entre o número de pessoas com 65 ou mais anos e o número de pessoas com idades compreendidas entre os 0 e os 14 anos (expressa habitualmente por 100 (10^2) pessoas dos 0 aos 14 anos).

| | Índice de Envelhecimento (Nº) |
|---|---|
| **Freguesia de Sacavém** | 115 |
| **Concelho de Loures** | 111 |

*Fonte: INE, Censos de 2011*

Quanto ao número de famílias, a Freguesia de Sacavém conta com 7529 famílias, enquanto o Concelho de Loures alberga o número de 80 533 famílias.

| | Famílias (Nº) |
|---|---|
| **Freguesia de Sacavém** | 7529 |
| **Concelho de Loures** | 80 533 |

*Fonte: INE, Censos de 2011*

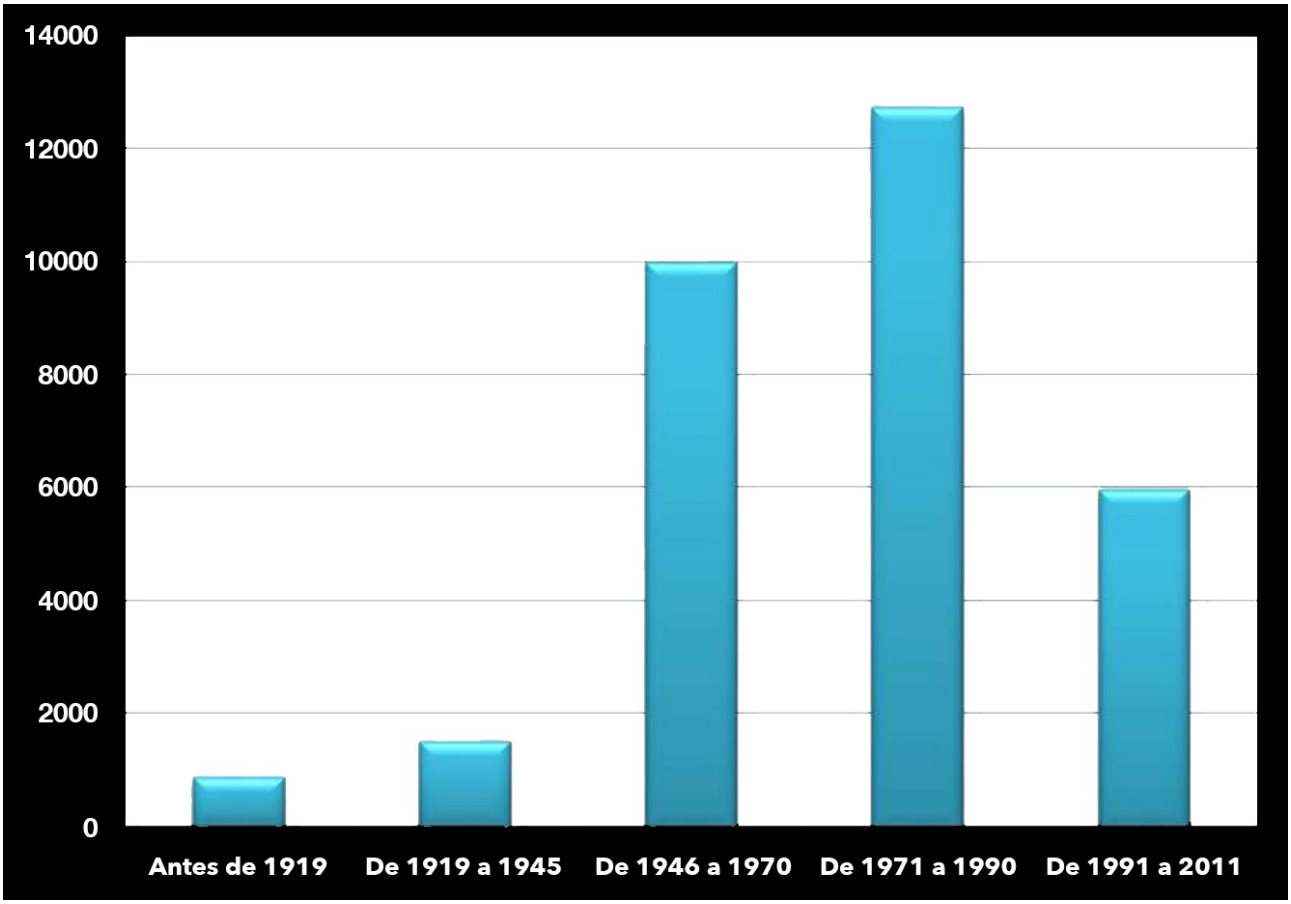
No que diz respeito ao agregado familiar e sua dimensão, remetemos para a consulta do seguinte quadro:

| | 1 Pessoa | 2 Pessoas | 3 Pessoas | 4 Pessoas | 5 ou mais |
|---|---|---|---|---|---|
| **Freguesia de Sacavém** | 1846 | 2712 | 1593 | 906 | 471 |
| **Concelho de Loures** | 17 494 | 27 289 | 18 945 | 11 915 | 4823 |

*Fonte: INE, Censos de 2011*

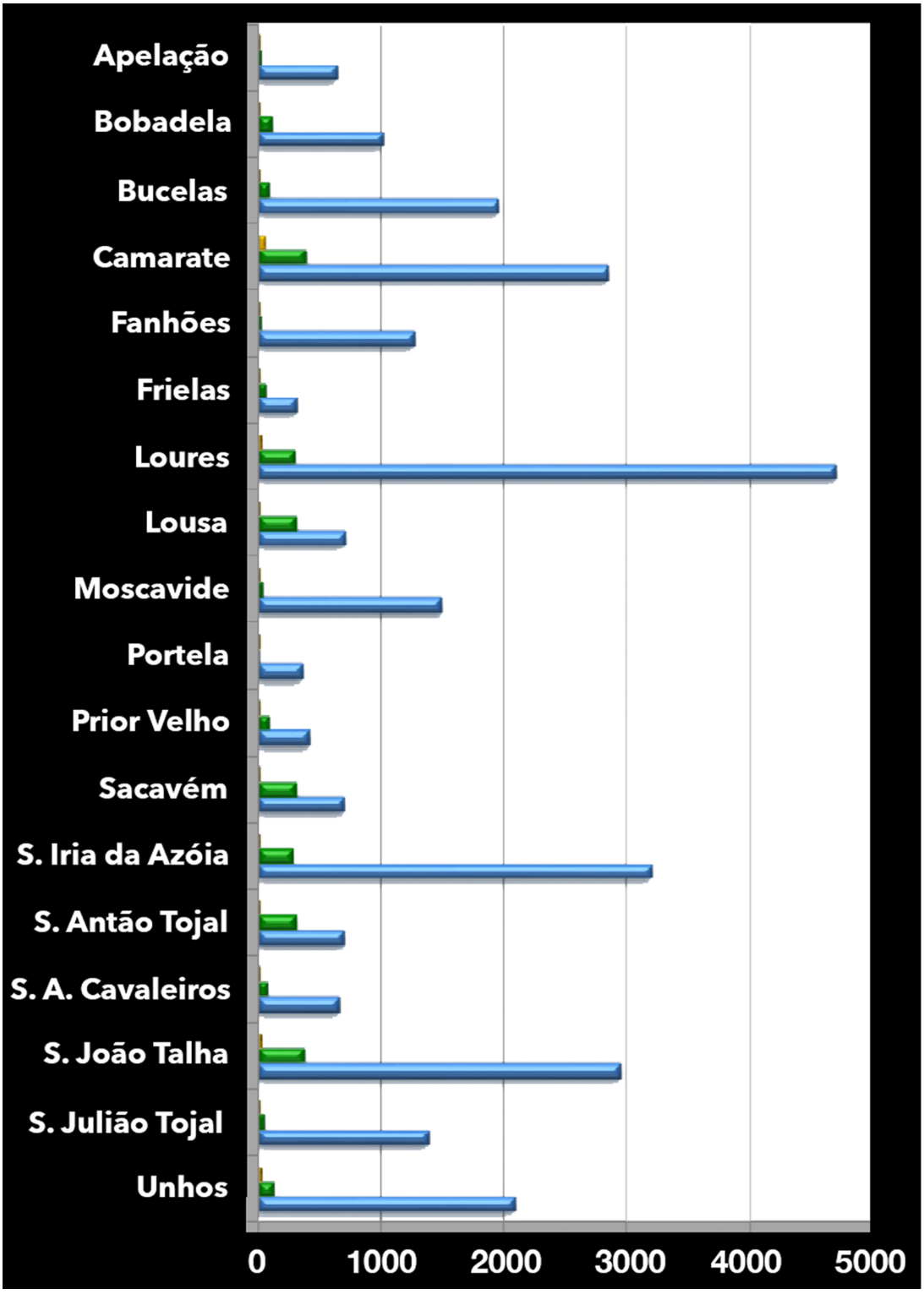
Relativamente aos edifícios que albergam estas famílias, poderemos ver uma amostra dos tipos de edifícios que existem actualmente no Concelho de Loures:

Ainda, e a título de comparação - com a evolução demográfica do Concelho - chamamos a atenção para o seguinte gráfico, onde se pode verificar o número e a data de construção dos edifícios erigidos no Concelho de Loures.




*Fonte: INE, Censos de 2011*

De forma a aproximar-nos a uma síntese deste enquadramento, apresentamos de seguida um resumo da matéria recolhida com base em diversos dados e estudos de carácter Sócio-Cultural.




*Fonte: INE, Censos de 2011*

- Edíficio principalmente não residencial (até 49%)
- Edíficio principalmente residencial (de 50% a 99%)
- Edíficio exclusivamente residencial (100%)

Tendo como referência os grandes traços de caracterização sócio-demográfica é de acentuar que se está perante uma freguesia composta por uma população tendencialmente envelhecida e com um capital escolar baixo. Sacavém é uma freguesia marcada por dinâmicas migrantes, sendo composta por uma maioria de residentes vindos do exterior da freguesia.

Verifica-se uma forte relação de pendularidade com Lisboa - nos destinos da população - não só pela proximidade de Sacavém a esta cidade, mas também porque se trata do local de emprego de cerca de 40% da população. Sendo ainda Lisboa a cidade escolhida para a ocupação de tempos livres, quer sejam actividades culturais ou de consumo.

Lisboa, simultaneamente zona de proveniência mais importante daqueles que actualmente residem em Sacavém, exerce um poder atractivo muito mais forte sobre esta população do que o Concelho de Loures, onde a oferta é muito mais reduzida a todos os níveis. Esta situação, aliada à dificuldade dos acessos e à resposta deficiente dos transportes colectivos - sobretudo nas ligações internas - fazem de Lisboa o local preferencial para o desenvolvimento de práticas culturais.

Convém no entanto salientar a pouca predisposição que a população de Sacavém revela para práticas deste tipo. Os hábitos culturais de carácter mais social são diminutos e poucos ultrapassam o estrito círculo pessoal/doméstico. A maior parte do tempo livre é passado em casa, onde o consumo televisivo é a actividade que merece maior destaque. A sobreposição do espaço doméstico/privado face ao público/exterior, revela-se também nas relações de sociabilidade limitadas ao núcleo familiar e aos amigos.

A prática de sociabilidade local regular - como a *ida ao café* - acaba por constituir fundamentalmente um prolongamento do convívio doméstico, visto que ocorre geralmente em companhia de familiares e amigos.

As práticas de sociabilidade são muito reduzidas nesta população, no entanto existe uma actividade que ocupa um papel importante na estrutura geral dos tempos livres da população, sendo esta a actividade de consumo - característica nas sociedades actuais. A ida da população de Sacavém aos centros comerciais de Lisboa tornou-se numa prática regular.

Se é verdade que Sacavém se encontra carente em relação aos circuitos culturais, o mesmo também se nota em relação à oferta de equipamentos de cultura e recreio, praticamente inexistentes. Destaca-se ainda da nossa recolha, uma avaliação negativa relativa à existência deste tipo de equipamentos - bem como de espaços verdes. A maior parte da população considera a freguesia poluída, apontando como principais agentes responsáveis: o tráfego automóvel, as actividades industriais e a inexistência de espaços verdes.

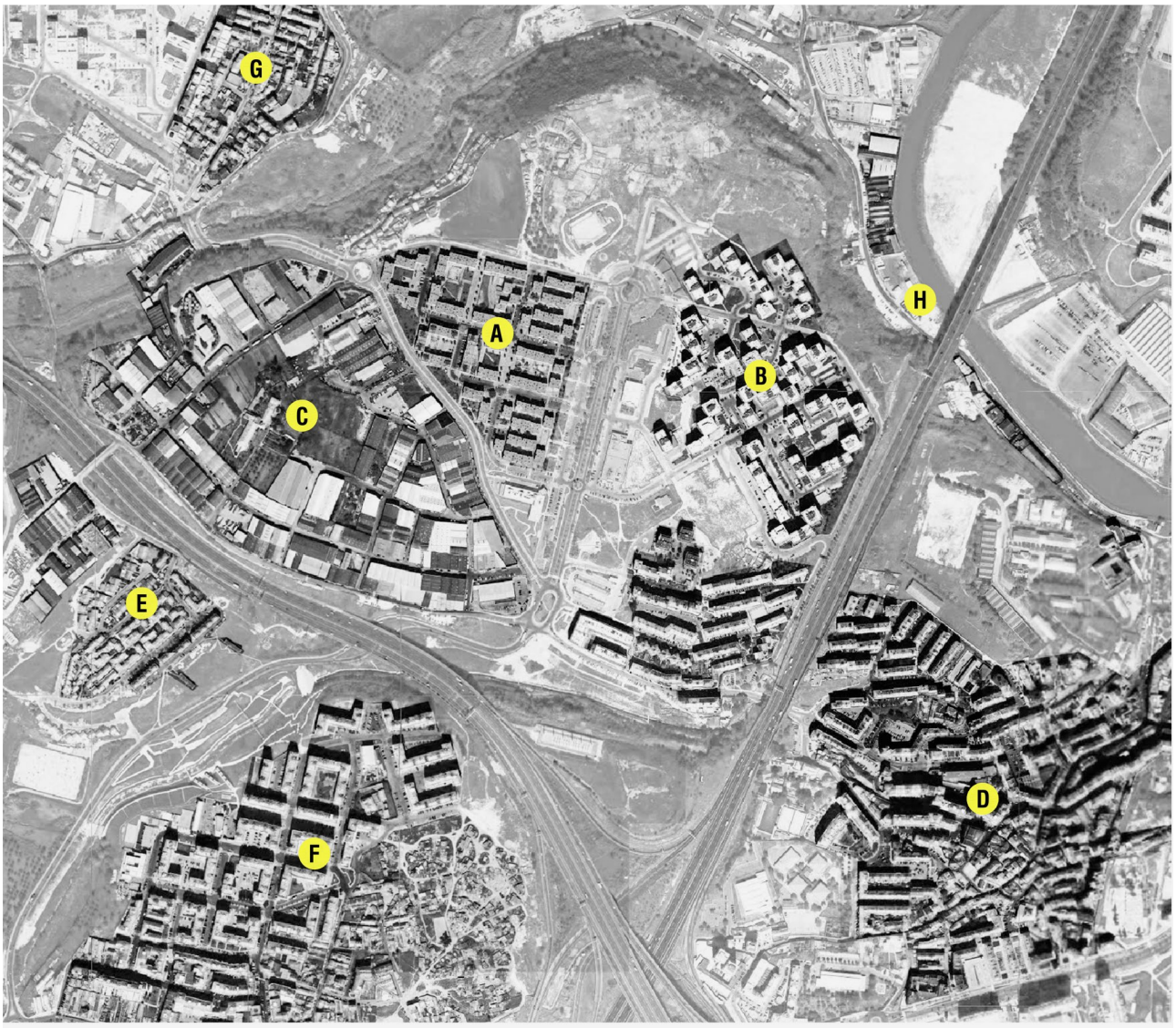
Entre as sugestões ao nível de equipamentos que podem melhorar a qualidade de vida dos residentes em Sacavém, a informação revela uma atenção dada em particular às zonas verdes.

As carências estendem-se ainda ao nível de infra-estruturas e serviços, onde o policiamento surge como primeira prioridade. Tal como o policiamento, os serviços de saúde e a rede viária são outras situações que mereceriam, segundo os habitantes, uma resolução prioritária.

Verificamos ainda uma posição de subalternização deste território - e população - perante Lisboa. A nosso ver, seria importante contrariar esta dinâmica, assumindo antes uma posição de integração, consolidando tecidos, urbanos e sociais, e promovendo um desenvolvimento construtivo da identidade própria de cada local.

## 2. 4. Caracterização Morfológica

### 2. 4. 1. Tecidos urbanos envolventes




**A** Quinta do Mocho **B** Terraços da Ponte **C** Zona Industrial **D** Sacavém
**E** Bairro de Sto. António **F** Prior Velho **G** Bairro de Santiago **H** Zona Ribeirinha

É-nos visível o carácter fragmentário do território a partir desta imagem. Os tecidos urbanos encontram-se claramente divididos entre si. Aponta-se ainda para a curiosidade do eixo que divide o bairro da Quinta do Mocho e a urbanização Terraços da Ponte, é notável a distância e os obstáculos que os separam. Enquanto nos outros casos a separação se deva sobretudo à presença de infra-estruturas viárias.



**A.** Quinta do Mocho



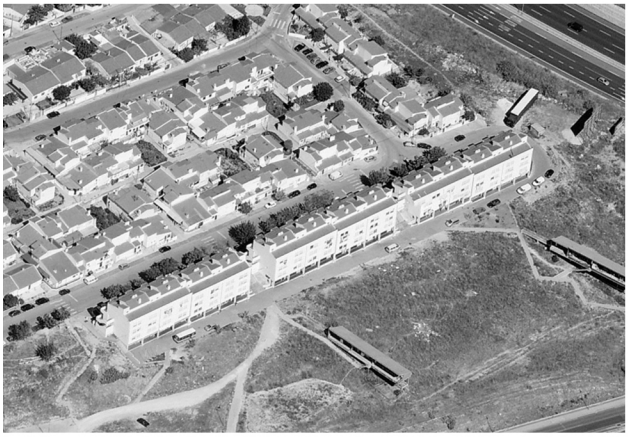
**B.** Terraços da Ponte



**C.** Zona Industrial



**D.** Sacavém



**E.** Bairro de Santo António



**F.** Prior Velho



**G.** Bairro de Santiago



**H.** Zona Ribeirinha

## 2. 4. 2. Morfologia do Terreno

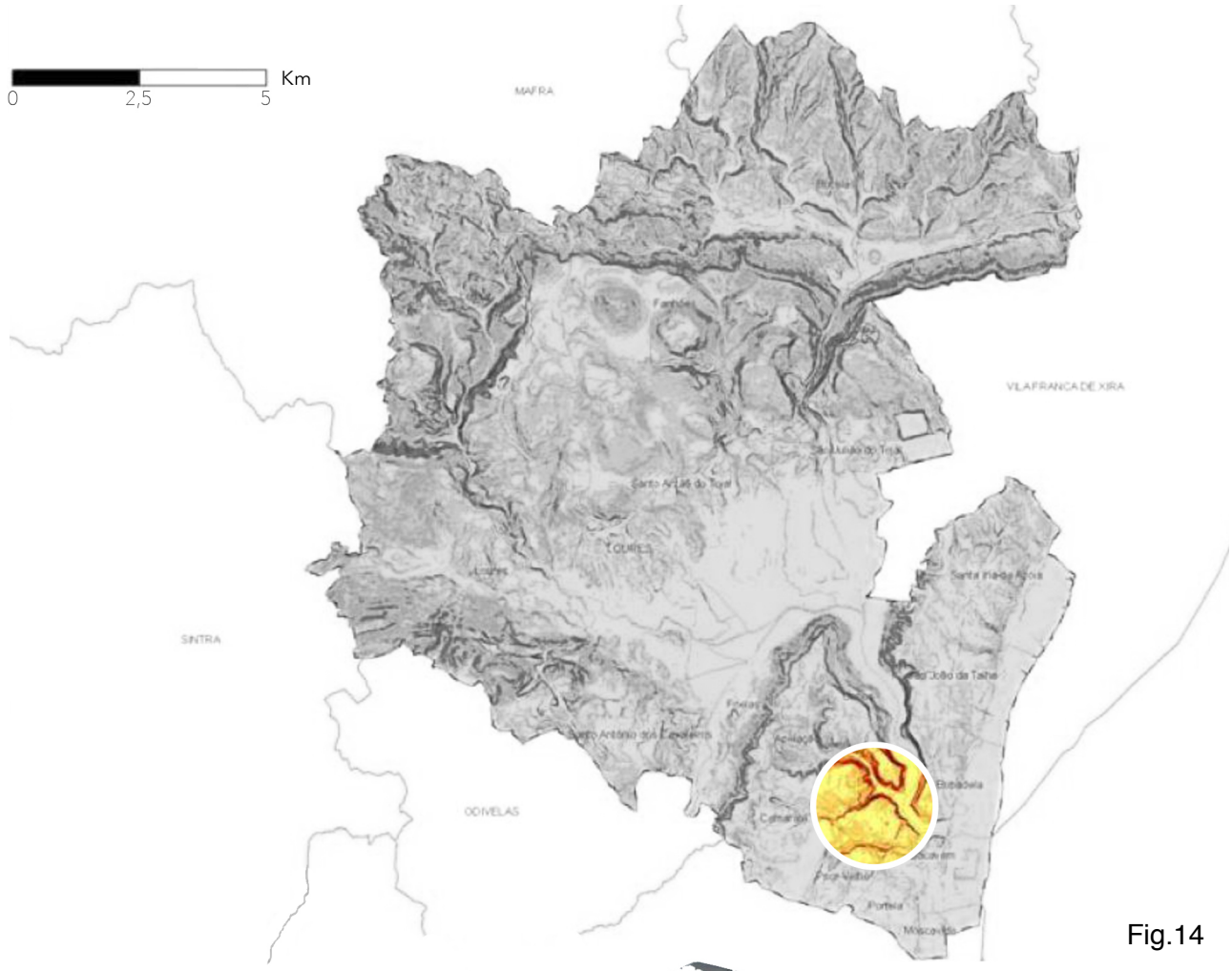



Fig.14

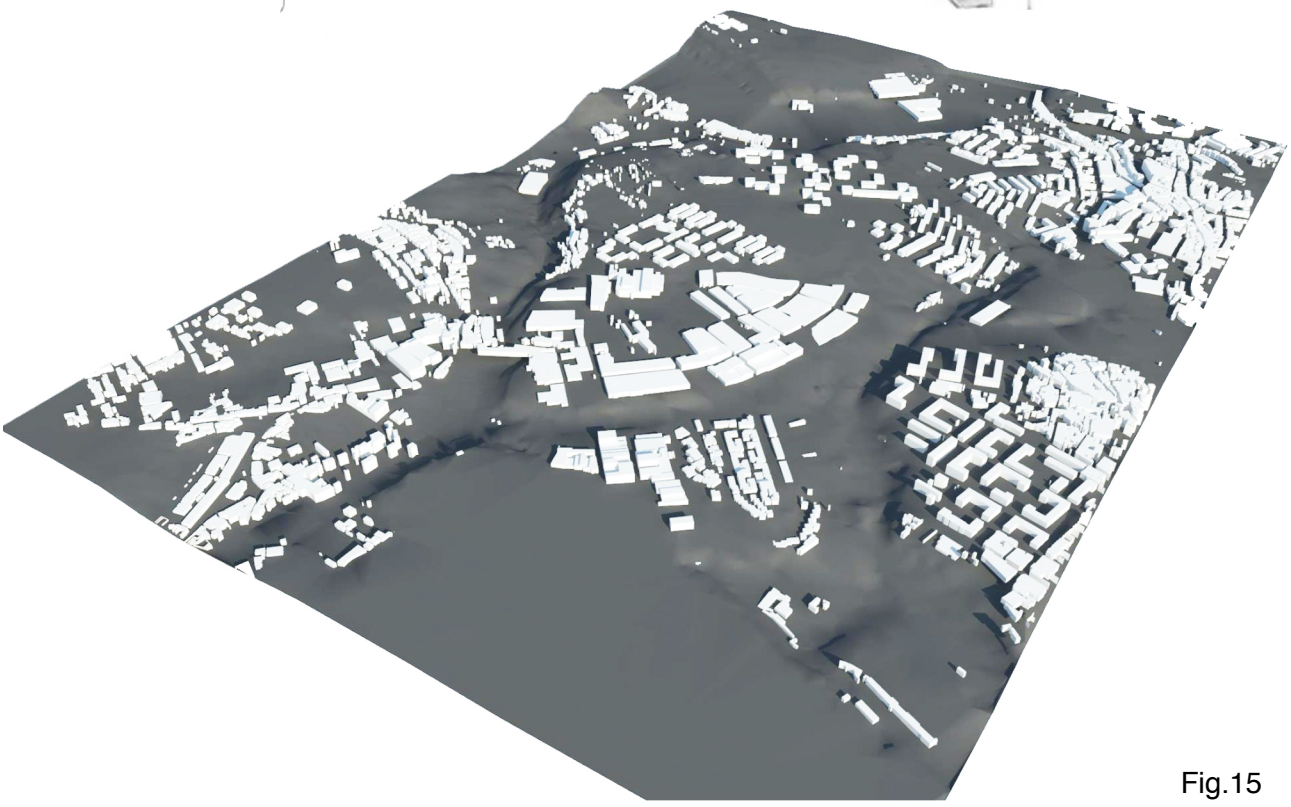
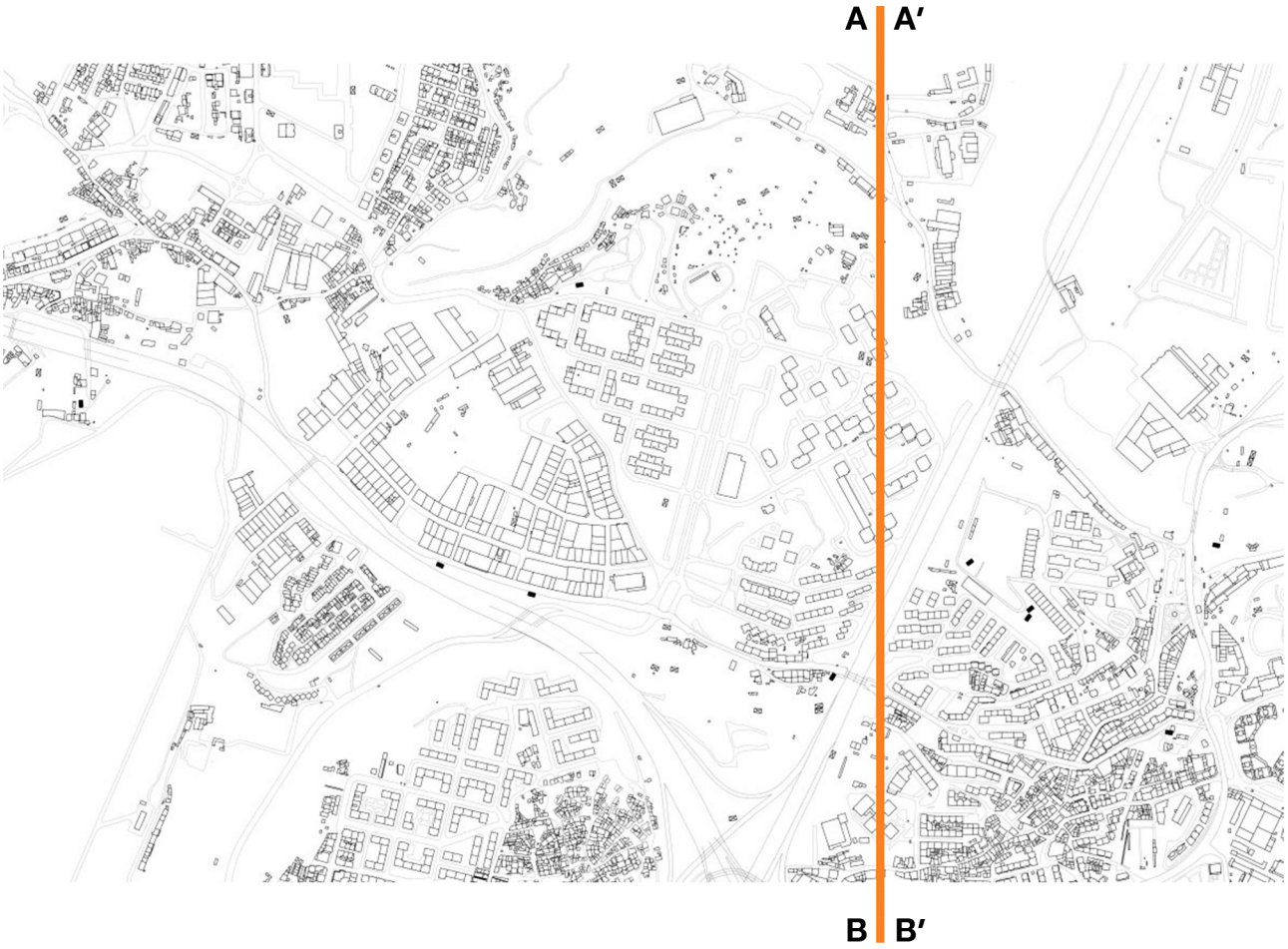


Fig.15

## Perfil do terreno







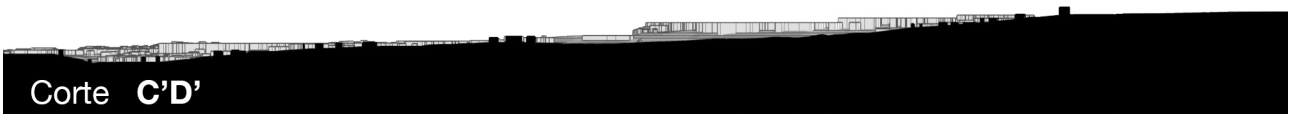


## Perfil do terreno



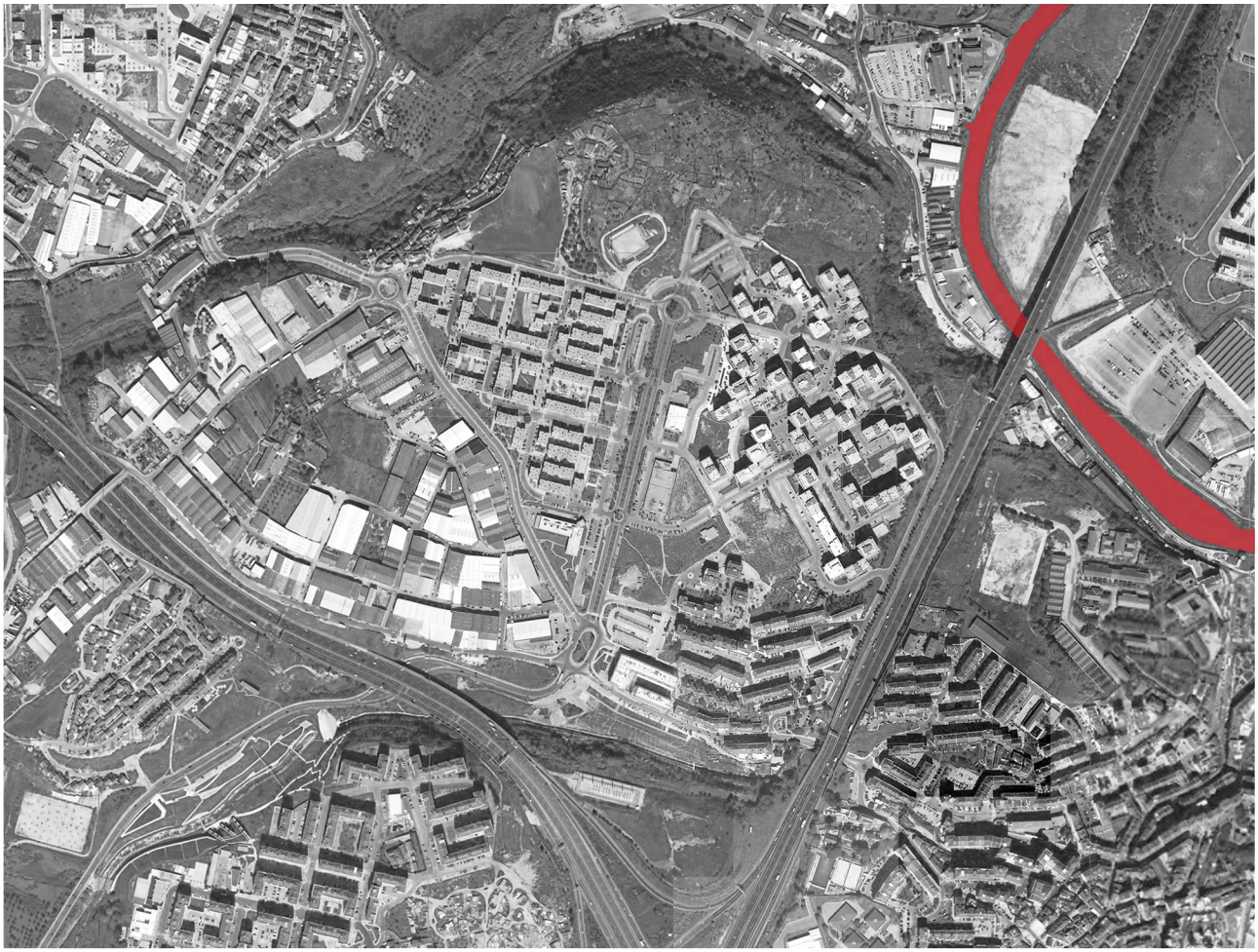


Corte **CD**


Corte **C’D’**

## 2. 4.3. Barreiras Físicas

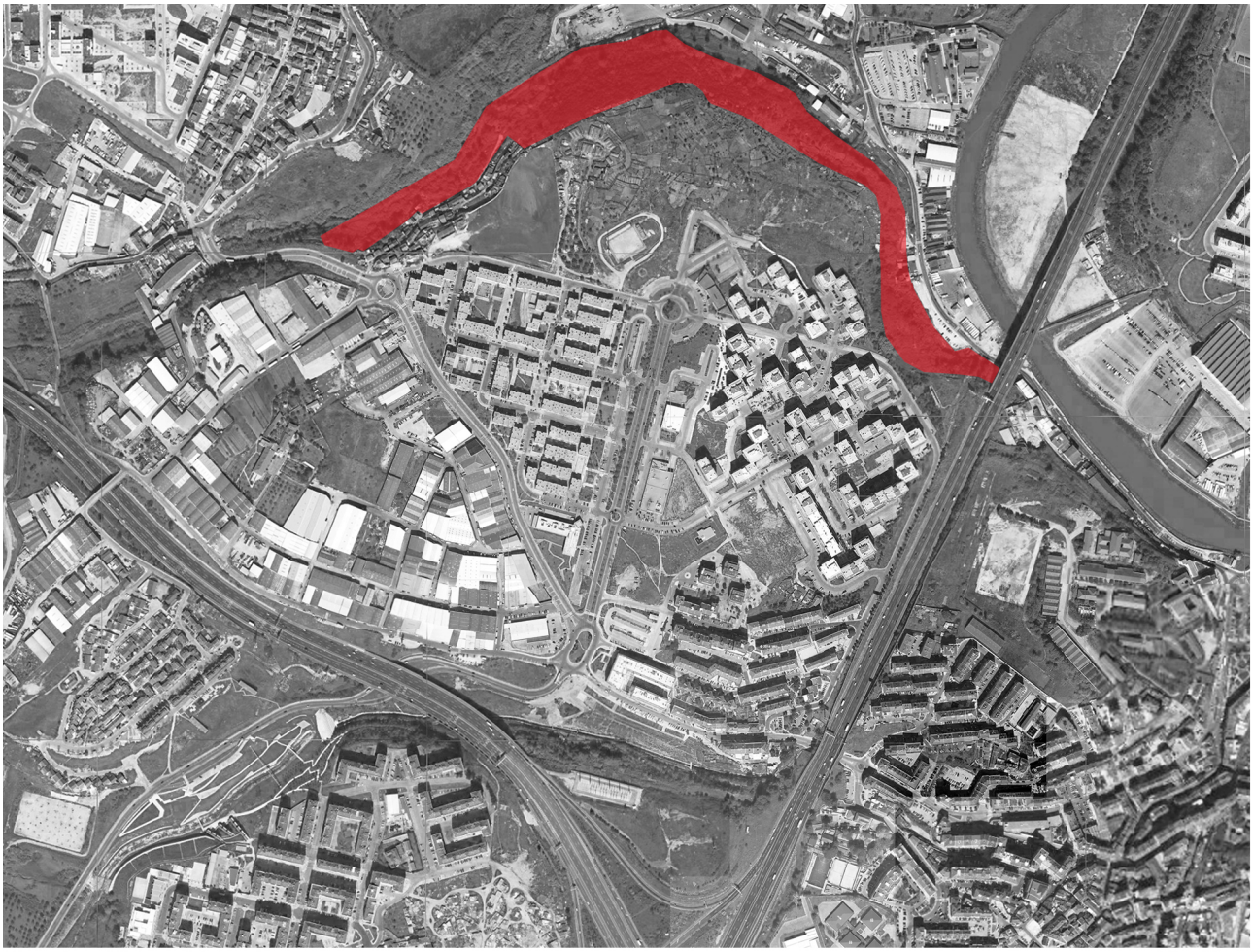
### Rio



Barreiras Físicas Naturais **Rio**

Esta ortofotografia põe em evidência a presença do Rio enquanto limite imposto pela morfologia do terreno. A travessia do Rio, e sua subsequente apropriação por parte dos habitantes do terreno, manifesta claras fragilidades a nível urbano. Em Sacavém existem de momento três pontes rodoviárias, duas ferroviárias, e dois aquedutos. Sendo que apenas uma das travessias permite  circulação pedonal - feita de modo limitativo pois a ponte é monopolizada pela via rodoviária, deixando muito pouco espaço para a circulação de pessoas.

## Declive



Barreiras Físicas Naturais **Declive**

A área assinalada representa um declive acentuado na morfologia natural do terreno. Este contribui para a separação dos edifícios implantados - a uma cota superior - da zona ribeirinha. Delimita também um confim para a urbanização do terreno, obstaculizando ainda a passagem humana. Evidenciamos então o modo no qual esta área cria, presentemente, uma barreira para o crescimento urbano, e uma restrição a ter conta na eventualidade de edificar contiguamente a essa zona.

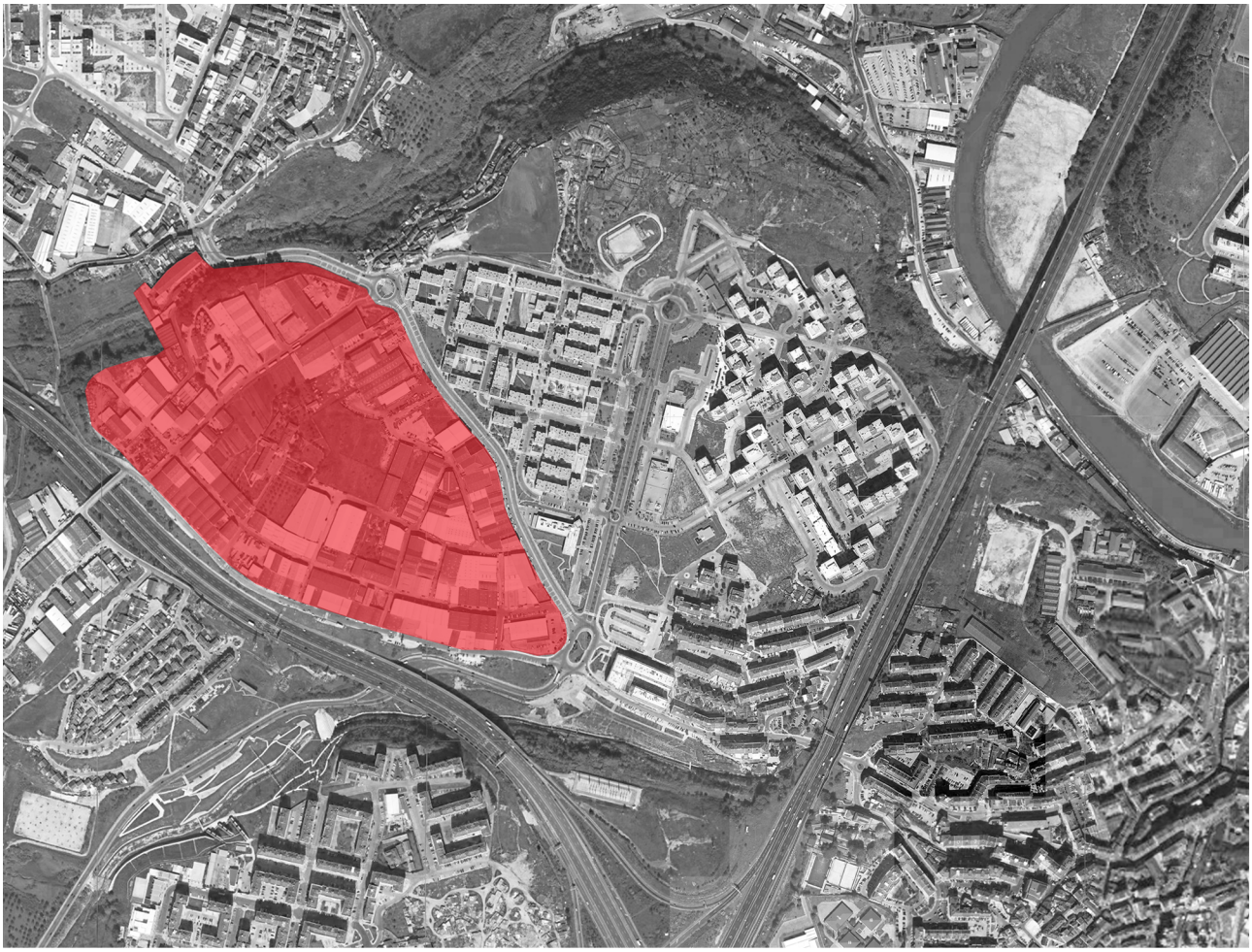
## Auto-estradas



Barreiras Físicas Artificiais **Auto-estradas**

As auto-estradas criam consideráveis hiatos no centro deste território. Cavando *fossos* que põem em causa a integridade do espaço urbano no território. Ainda sendo necessários, impossibilitam a livre deslocação - a pé - de pessoas. É ainda notável o problema que representam no caso de uma eventual procura de continuidade urbana, visto que separam os tecidos urbanos.

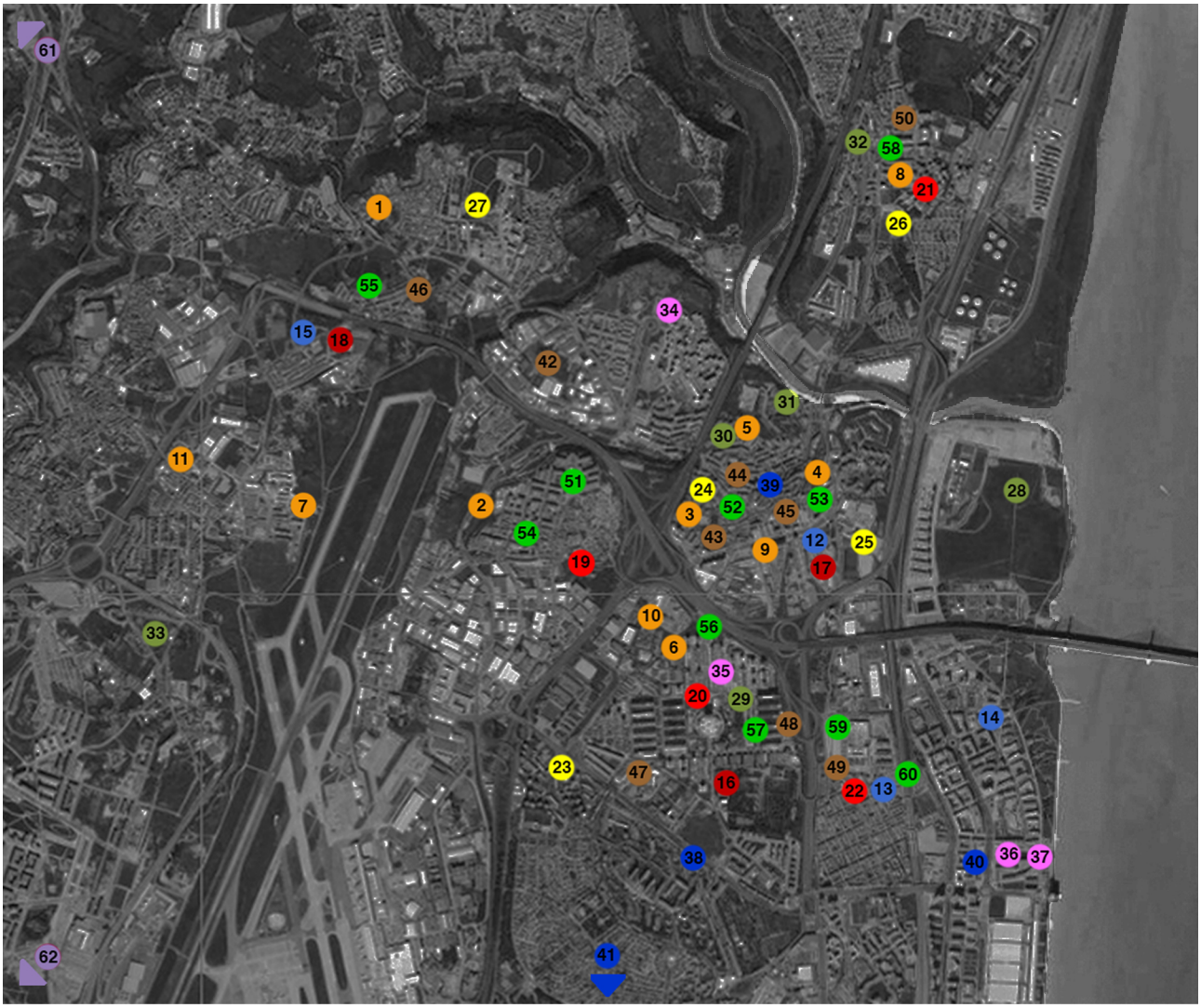
## Zona Industrial



Barreiras Físicas Artificiais **Zona Industrial**

A zona industrial - área de armazéns, oficinas e unidades fabris - engloba uma série de edifícios que compõem, no seu total, uma barreira. É caracterizado por edifícios pobremente qualificados e ruas cuja única função é a de permitir a deslocação de automóveis e camiões.  Não existem passeios para o peão, nem tão tampouco jardins ou qualquer outro tipo de espaço projectado para as pessoas. Existem ainda vários espaços vazios que assumem a forma de descampados. A única excepção à regra é uma antiga quinta- Quinta S.João das Areias - que hoje alberga um lar de idosos - Centro Social de Nossa Senhora das Graças.

## 2. 4. 4. Infra-estruturas




### ESCOLAS

**1.** EB Mario de Sá Carneiro
**2.** EB do Prior Velho
**3.** EB Bartolomeu Dias
**4.** EB Sacavém
**5.** EB #3 de Sacavém
**6.** EB Gaspar Correira
**7.** EB de Camarate
**8.** EB da Bobadela
**9.** ES de Sacavém
**10.** ES da Portela
**11.** ES de Camarate

### POLICIA

**12.** PSP Sacavém
**13.** PSP Moscavide
**14.** PSP Pq. das Nações
**15.** PSP Camarate

### BOMBEIROS

**16.** BV Moscavide/Portela
**17.** BV Sacavém
**18.** BV Camarate

### CORREIOS

**19.** CTT Prior Velho
**20.** CTT Portela
**21.** CTT Bobadela
**22.** CTT Moscavide

### DESPORTO

**23.** Estádio Fernando Perfeito
**24.** Pq. Desportivo de Sacavém
**25.** Sport Grupo Sacavenense
**26.** Polidesportivo da Bobadela
**27.** Águias de Camarate

### JARDINS

**28.** Passeio Heróis do Mar
**29.** Jardim Almeida Garrett
**30.** Jardim de Sacavém
**31.** Jardim Praça da República
**32.** Jardim da Bobadela
**33.** Campo das Amoreiras

### CULTURA

**34.** C. C. de Sacavém
**35.** C. C. da Portela
**36.** Feira Internacional de Lisboa
**37.** Meo Arena

### SERVIÇOS CIDADÃO

**38.** Finanças #6
**39.** IEFP
**40.** Campus da Justiça
**41.** Loja do Cidadão (Marvila)

### CENTROS SOCIAIS

**42.** C. S. N.Sra. das Graças
**43.** NHC Coop. de Solidariedade
**44.** C. S. de Sacavém
**45.** Serviço Local Acção Local
**46.** C. S. Nuno Alvares Pereira
**47.** Apoio ao Deficiente
**48.** C. S. Cultural da Portela
**49.** C. S. de Moscavide
**50.** C. S. da Bobadela

### FARMÁCIAS

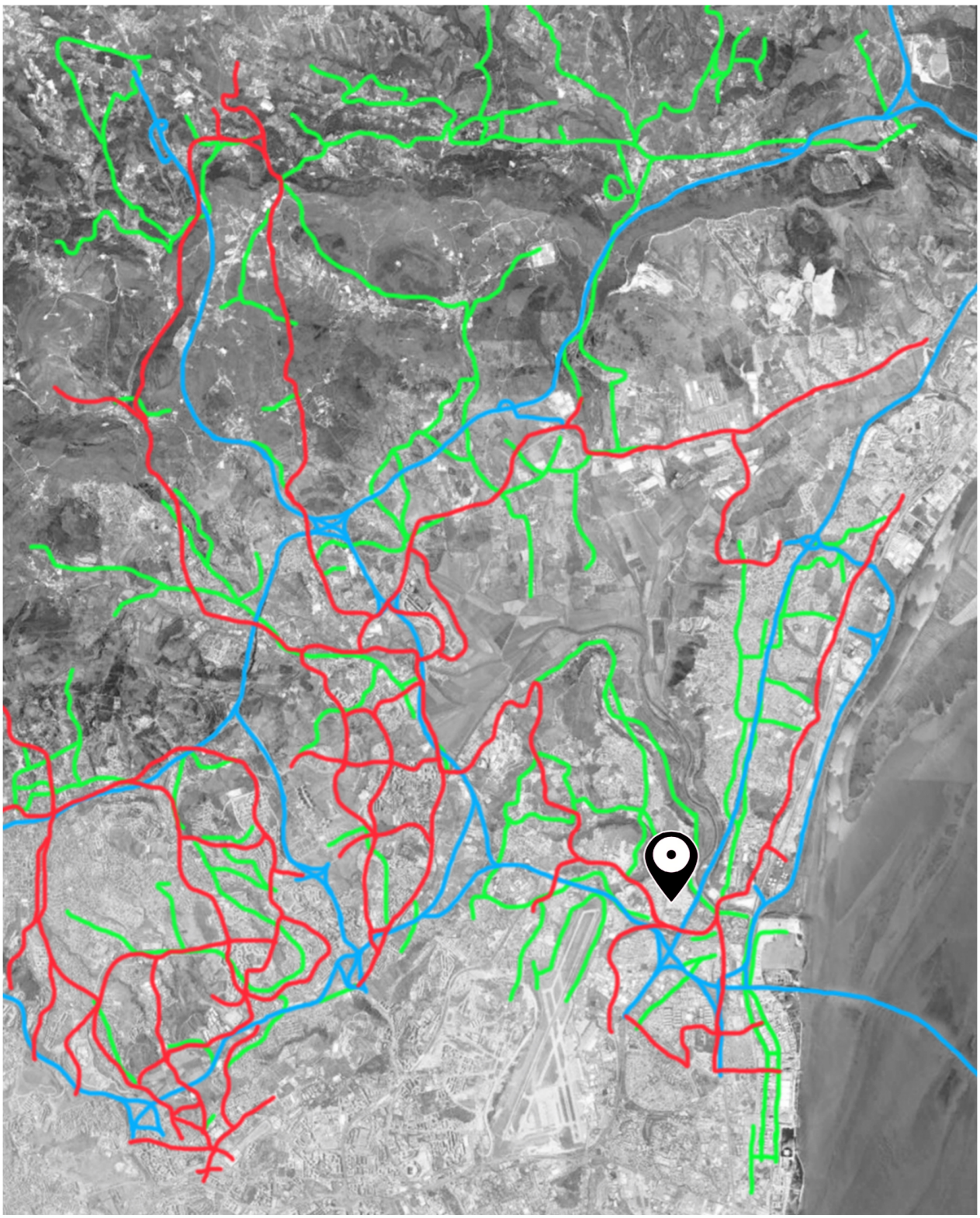
**51.** Farmácia Prior Velho
**52.** Farmácia Maria
**53.** Farmácia Cortes
**54.** Farmácia Matos
**55.** Farmácia Batalha
**56.** Farmácia Nova da Portela
**57.** Farmácia Paula Campos
**58.** Farmácia Leite
**59.** Farmácia Sta. Bárbara
**60.** Farmácia Pedro Gomes

### HOSPITAIS

**61.** Hospital Beatriz Ângelo
**62.** Hospital de Santa Maria

## 2. 4. 5. Rede Viária

### Concelho de Loures



Auto-estradas, Itinerários Principais e Complementares

Estradas Nacionais

Estradas e Caminhos Municipais

Quinta do Mocho

**Quinta do Mocho e envolvente**

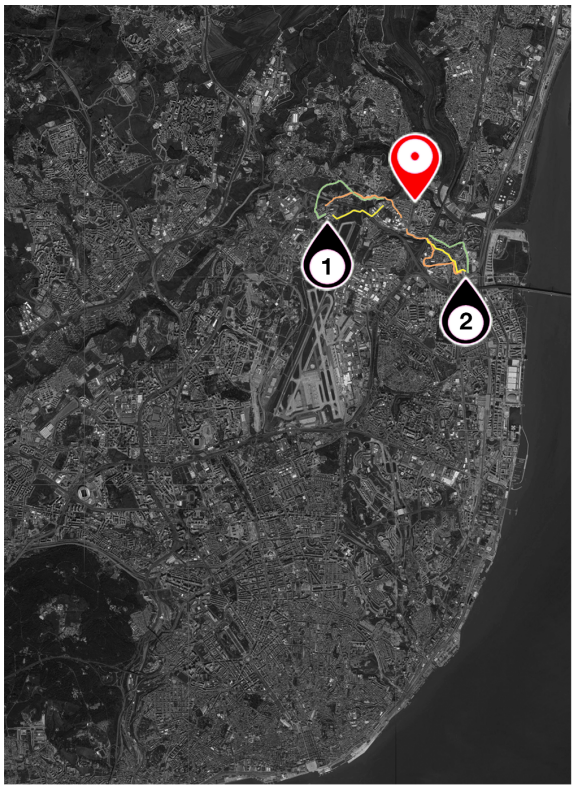


Rede Viária **Geral**

Nesta imagem do terreno podemos confirmar que a descontinuidade não é somente uma característica dos tecidos urbanos mas também das vias que aí existem. Aparentemente, estas não cumprem a sua função de modo eficaz. É peremptória a deficiência estrutural existente na composição da rede viária. Chamamos assim a atenção para aquilo que consideramos ser uma das causas para a desvinculação e isolamento dos tecidos urbanos.

## 2. 4. 6. Mobilidade

Policia



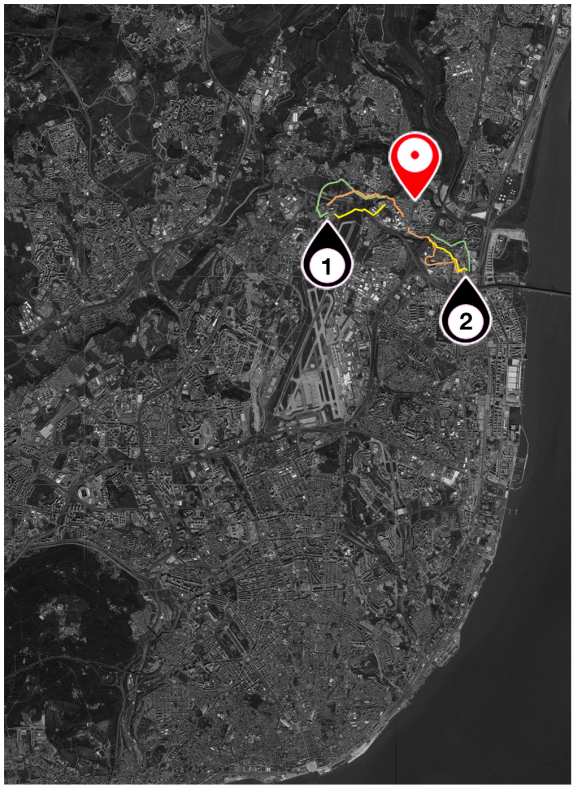

**01 Esquadra da PSP de Camarate**

| | DISTÂNCIA | TEMPO | € |
|---|---|---|---|
| | 2 Km | 28min | x |
| | 2,2 Km | 22min | 0,60 |
| | 2,5 Km | 05min | x |

**02 Esquadra da PSP de Sacavém**

| | DISTÂNCIA | TEMPO | € |
|---|---|---|---|
| | 1,9 Km | 22min | x |
| | 2,4 Km | 17min | 0,50 |
| | 2,7 Km | 06min | x |

Bombeiros



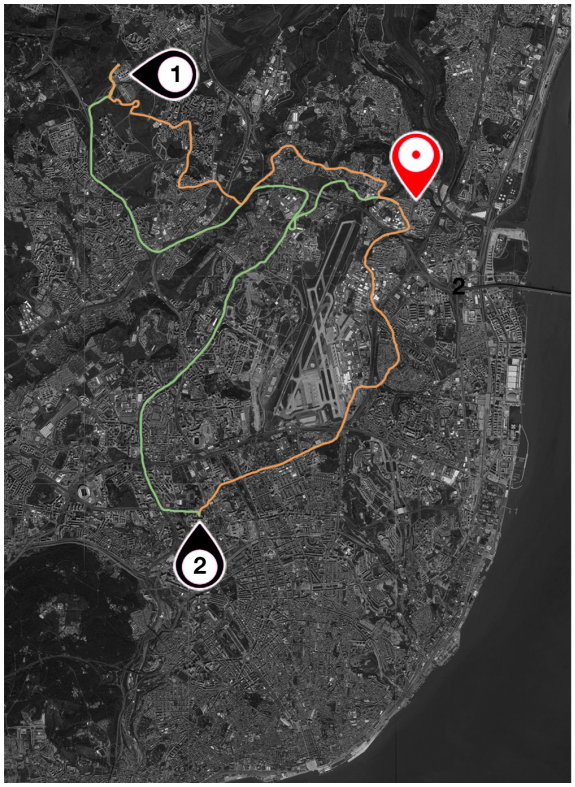

**01 Bombeiros Voluntários de Camarate**

| | DISTÂNCIA | TEMPO | € |
|---|---|---|---|
| | 2 Km | 28min | x |
| | 2,2 Km | 22min | 0,60 |
| | 2,5 Km | 05min | x |

**02 Bombeiros Voluntários de Sacavém**

| | DISTÂNCIA | TEMPO | € |
|---|---|---|---|
| | 1,9 Km | 22min | x |
| | 2,4 Km | 17min | 0,50 |
| | 2,7 Km | 06min | x |

## Hospitais



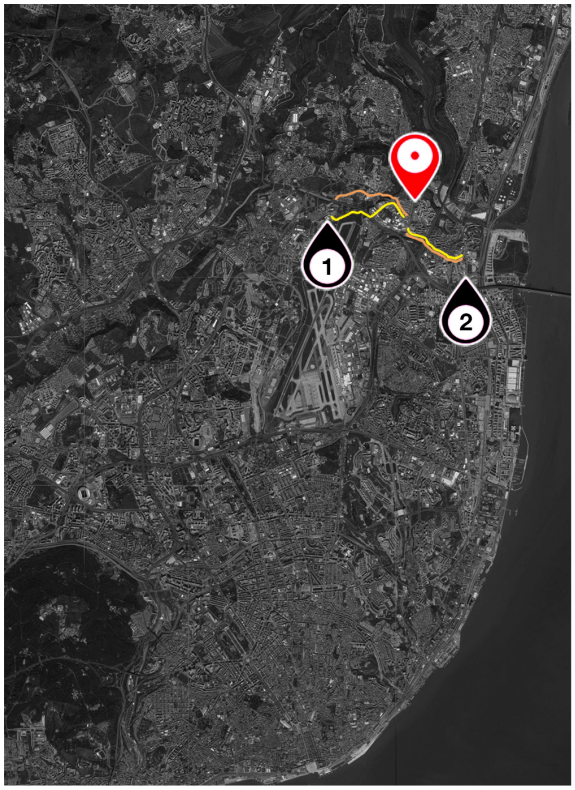

**1 Hospital Beatriz Ângelo**

| | DISTÂNCIA | TEMPO | € |
|---|---|---|---|
| | 15 Km | 1h 08min | 5,50 |
| | 3,7 Km | 08min | |

**2 Hospital Santa Maria**

| | DISTÂNCIA | TEMPO | € |
|---|---|---|---|
| | 9 Km | 52min | 4,00 |
| | 9,6 Km | 12min | |

## Farmácias



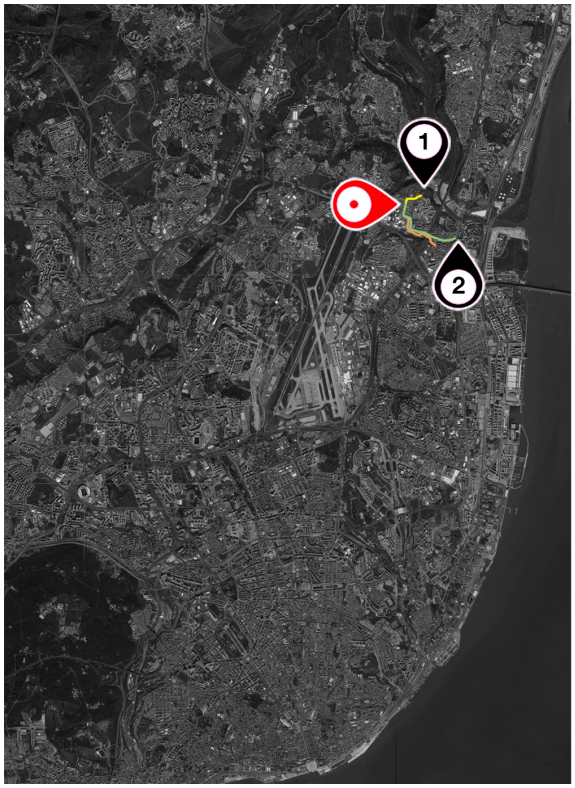

**1 Farmácia do Prior Velho**

| | DISTÂNCIA | TEMPO | € |
|---|---|---|---|
| | 2,5 Km | 32min | x |
| | 2,2 Km | 22min | 0,60 |

**2 Farmácia Batalha**

| | DISTÂNCIA | TEMPO | € |
|---|---|---|---|
| | 1,4 Km | 17min | x |
| | 910 m | 19min | 2,25 |

## Infantários



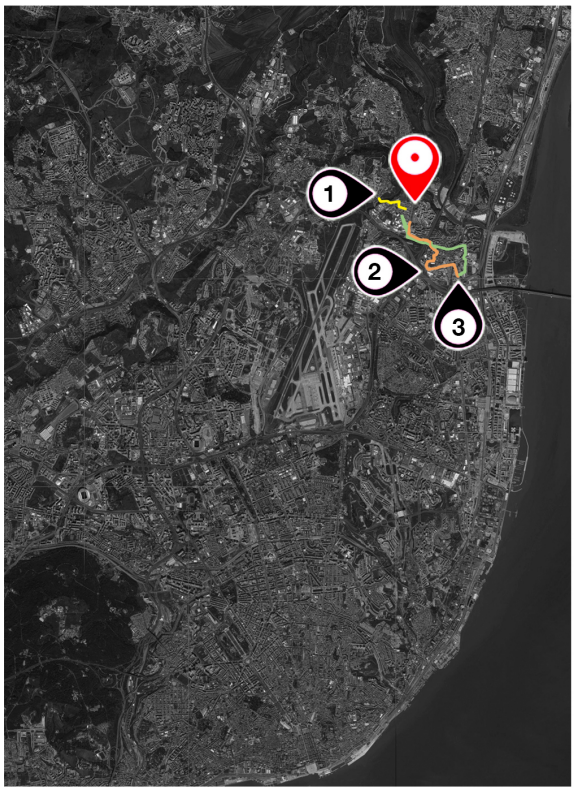

**1 Infantário Terraços da Ponte**

| DISTÂNCIA | TEMPO | € |
|---|---|---|
| 500 m | 05min | x |

**2 Infantário Quinta de S. José**

| DISTÂNCIA | TEMPO | € |
|---|---|---|
| 02 Km | 25min | 0,60 |
| 1,6 Km | 03min | x |

## Escolas




**1 Escola Básica de Camarate**

| DISTÂNCIA | TEMPO | € |
|---|---|---|
| 640 m | 08min | x |

**2 Escola Básica Bartolomeu Dias**

| DISTÂNCIA | TEMPO | € |
|---|---|---|
| 1,5 Km | 12min | 0,50 |
| 1,7 Km | 03min | x |

**3 Escola Secundária de Sacavém**

| DISTÂNCIA | TEMPO | € |
|---|---|---|
| 2,5 Km | 25min | 0,50 |
| 1,4 Km | 03min | x |

## Universidades




**1 Polo Universitário da Ajuda**

| | DISTÂNCIA | TEMPO | € |
|---|---|---|---|
| | 10 km | 50min | 0,60 |
| | 18 Km | 20min | x |
| | 16 km | 30min | 3,25 |

**2 Instituto Superior Técnico**

| | DISTÂNCIA | TEMPO | € |
|---|---|---|---|
| | 8,5 Km | 40min | 2,25 |
| | 9,2 Km | 18min | x |
| | 700 m | 05min | 1,40 |

## Correios



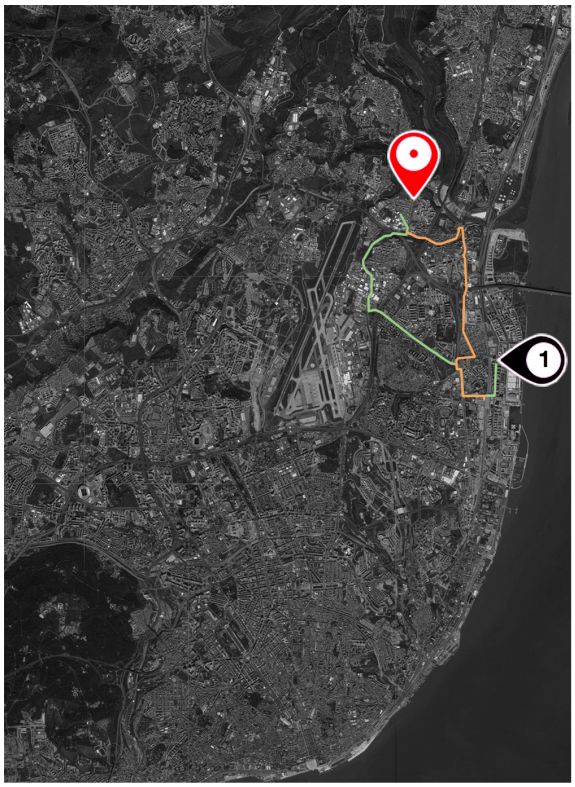

**1 CTT da Portela**

| | DISTÂNCIA | TEMPO | € |
|---|---|---|---|
| | 4,5 Km | 30min | 2,25 |
| | 3,5 Km | 07min | x |

**2 CTT de Moscavide**

| | DISTÂNCIA | TEMPO | € |
|---|---|---|---|
| | 04 Km | 30min | 2,25 |
| | 3,7 Km | 08min | x |

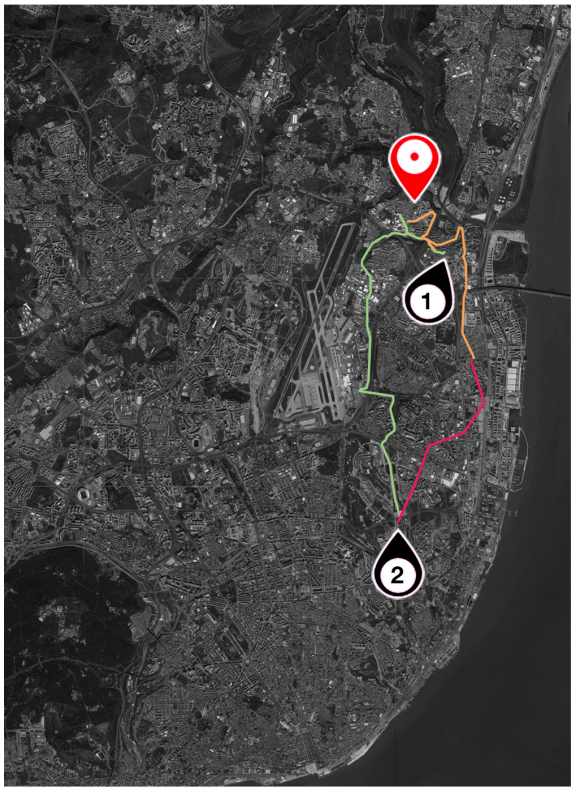
Tribunal / Repartição de Finanças




**Campus da Justiça / Repartição de Finanças**

| 1 | DISTÂNCIA | TEMPO | € |
|---|---|---|---|
| | 05 Km | 40min | 2,25 |
| | 6,6 Km | 11min | x |

Instituto de Emprego e Formação Profissional / Loja do Cidadão



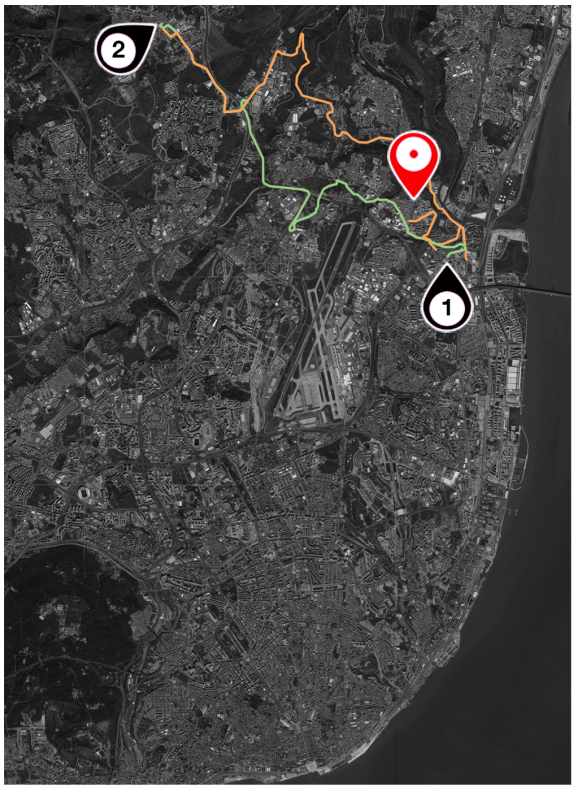

**IEFP**

| 1 | DISTÂNCIA | TEMPO | € |
|---|---|---|---|
| | 1,3 Km | 16min | x |
| | 1,3 Km | 10min | 0,60 |
| | 1,5 Km | 04min | x |

**Loja do Cidadão**

| 2 | DISTÂNCIA | TEMPO | € |
|---|---|---|---|
| | 6 Km | 20min | 2,25 |
| | 4 Km | 15min | 1,40 |
| | 7,5 Km | 10min | |

Junta de Freguesia de Sacavém / Câmara Municipal de Loures




**1 Junta de Freguesia de Sacavém**

| | DISTÂNCIA | TEMPO | € |
|---|---|---|---|
| | 1,4 Km | 16min | x |
| 710 | 1,4 Km | 10min | 2,25 |
| | 2,2 Km | 05min | x |

**2 Câmara Municipal de Loures**

| | DISTÂNCIA | TEMPO | € |
|---|---|---|---|
| 301 + 302 | 14 Km | 1h 10min | 5,50 |
| | 9,1 Km | 13min | x |

Desporto



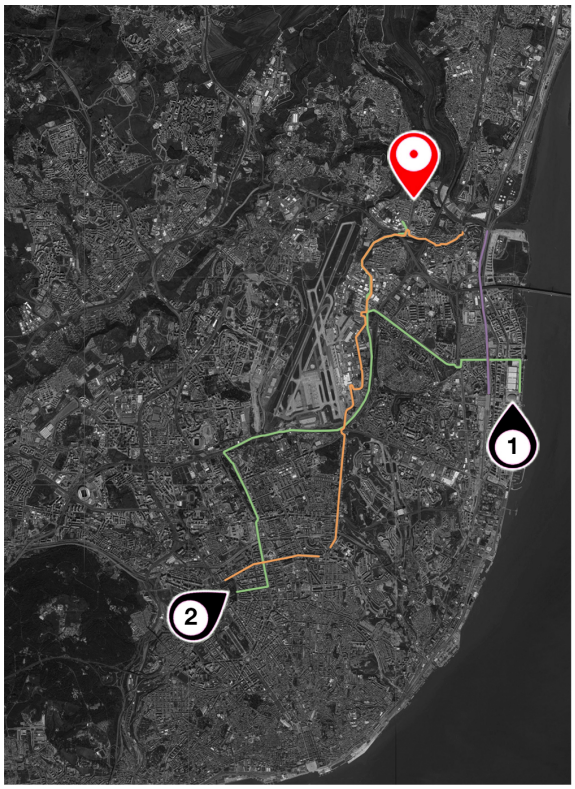

**1 Associação Desportiva Bobadelense**

| | DISTÂNCIA | TEMPO | € |
|---|---|---|---|
| | 3,3 Km | 10min | 2,25 |
| | 4,2 Km | 08min | x |

**2 Parque Desportivo de Sacavém**

| | DISTÂNCIA | TEMPO | € |
|---|---|---|---|
| | 0,8 Km | 07min | 0,60 |
| | 1,3 Km | 03min | x |

## Cultura




**1 MEO Arena**

| | DISTÂNCIA | TEMPO | € |
|---|---|---|---|
| | 1,2 Km | 15min | 2,25 |
| | 6,4 Km | 10min | x |
| | 3,2 Km | 12min | 1,55 |

**2 Fundação Calouste Gulbenkian**

| | DISTÂNCIA | TEMPO | € |
|---|---|---|---|
| | 10 Km | 60min | 4,05 |
| | 11,4 Km | 16min | x |

## Jardins




**1 Jardim da Bobadela**

| | DISTÂNCIA | TEMPO | € |
|---|---|---|---|
| | 3,9 Km | 53min | 2,25 |
| | 4,2 Km | 8min | x |

**2 Jardim Almeida Garrett**

| | DISTÂNCIA | TEMPO | € |
|---|---|---|---|
| | 4,8 Km | 60min | 2,25 |
| | 3,7 Km | 7min | x |

## 3. Fundamentação Teórica

**(…)** ***O mundo era tão recente que muitas coisas ainda não tinham nome e para as mencionar era preciso apontar com o dedo.*** **(…)**

"Cem anos de solidão", Gabriel García Márquez[31]

### 3.1. Introdução

A imagem central da proposta é uma de integração, feita através da criação de ligações entre os tecidos soltos e isolados do território estudado. Para tal, é imperativo estudar as características e dinâmicas que existem actualmente nos seus espaços e estruturas, a complexidade gerada pelas relações internas e externas, bem como a sua relação com a cidade em geral, tanto a nível físico como social. Procurando assim entender o modo como a sua apropriação é feita por parte da população.

Estudando instrumentos, dispositivos, estratégias, e tipos de intervenção que sejam passíveis de serem recriados, de modo a encetar assim um processo construtivo que vise encontrar alternativas ao modo de ocupação presente.

O ponto de partida foi o de procurar entender o que caracteriza o Bairro da Quinta do Mocho, e compreendê-lo na sua qualidade de bairro isolado e problemático. Procurando aprender com outros casos que padecem, de modo genérico, dos mesmos males. Assinalando as dinâmicas negativas presentes neste tipo de fenómenos urbanos, e a dificuldade que existe em contrariá-las, na medida em que "*Os guetos e as suas populações são as vítimas (e os perpetuadores) de problemas aparentemente infindáveis que se reforçam mutuamente*."[32]

---

[31] Tradução de Margarida Santiago, Ed. Círculo de Leitores, 1988, Lisboa

[32] JACOBS, Jane, "The Death and Life of Great American Cities", Vintage Book Edition, 1992, New York; p.270 (Tradução do autor)

A dificuldade em inverter esta lógica acresce aquando da análise do território e sua complexidade, tornando-se difícil destacar elementos separados entre aquilo que parece ser um caos generalizado e estrutural.

Dito isto, enfrentamo-nos com o facto de que muitas vezes nos esquecemos ou simplesmente não nos apercebemos "(…) *do que uma estrutura pode significar em termos de satisfação diária, de abrigo para a existência, ou como prolongamento do sentido ou riqueza do mundo*."[33]

Ao verificarmos que, o bairro da Qta. do Mocho e a área onde este se encontra, é pautada por rupturas e fragmentos, e caracterizada por uma enorme desunião territorial, é-nos possível considerar a urgência de compreender este território como um todo, no qual é preciso operar-se em vários pontos para criar uma estrutura diversa, mas total, que funcione. "*Uma estrutura física viva e integral, capaz de produzir uma imagem clara, desempenha também um papel social. Pode fornecer a matéria-prima para os símbolos e memórias colectivas da comunicação entre grupos*."[34]

É assim essencial unir os vários tecidos, tanto físicos como sociais. Inverter a dinâmica de separação que se verifica entre as comunidades e os bairros existentes. Inverter a dinâmica de discriminação sentida a nível interno e externo.

"*Na maior parte dos guetos, a superação face à discriminação externa, bem como o processo de "desguetização" interior, deverão acontecer de modo concorrente. Nenhum destes poderá esperar pelo êxito do outro. Qualquer tipo de apaziguamento na discriminação externa poderá ajudar a "desguetização" interior. Por sua vez, o progresso de desguetização interior virá a ajudar externamente. Ambos os processos estão ligados.*

[33] LYNCH, Kevin, "A Imagem da Cidade", Edições 70, 2009, Lisboa; p.10

[34] LYNCH, Kevin, "A Imagem da Cidade", Edições 70, 2009, Lisboa; p.34

*(…) o processo de desguetização é directamente - e indirectamente - inibido pela discriminação."*[35]

Consideramos que uma das medidas que poderá ajudar a este fim, será a de revitalizar os terrenos baldios ou desqualificados - que agem como barreiras e contribuem para que esta parte da cidade seja uma zona discriminada e isolada.

A nível físico e social *"Estas zonas habitacionais problemáticas, tais como qualquer tipo de guetos, precisam de ser desguetizadas. Isto significa, entre outras coisas, que é necessário que estas sejam capazes de manter as suas populações através da escolha. Significa que deverão ser seguras e transformadas para se integrarem na vida urbana (…) no processo de religação ao tecido urbano, estas zonas problemáticas deverão incorporar em si-mesmas as qualidades de tecidos urbanos saudáveis."*[36]

Consideramos que ao agir em duas frentes, sendo estas, a revelação das potencialidades que o local encerra, e a superação dos problemas que o território apresenta, as possibilidades para a organização de uma estrutura positiva e construtiva duplicará. Na medida em que são os próprios problemas que apontam as soluções e encerram em si as respostas gerais e particulares a serem dadas. As decisões projectuais passarão por primeiro compreender as necessidades sentidas pelo território e seus habitantes, com vista a integrá-los (território e cidadãos) no contexto geral da cidade, resgatando-os da sua condição de isolamento.

"*Um processo de desguetização de sucesso implica que um número suficiente de pessoas tenha uma ligação suficientemente forte ao bairro de modo a existir um desejo de permanência, sendo que isto significa ainda a viabilidade de se manterem a viver lá*."[37]

---

[35] JACOBS, Jane, "The Death and Life of Great American Cities", Vintage Book Edition, 1992, New York; p.285 (Tradução do autor)

[36] JACOBS, Jane, "The Death and Life of Great American Cities", Vintage Book Edition, 1992, New York; p.394 (Tradução do autor)

[37] JACOBS, Jane, "The Death and Life of Great American Cities", Vintage Book Edition, 1992, New York; p.287 (Tradução do autor)

Acreditamos que esta zona possa trazer algo de novo à cidade, aumentando-a a nível cultural e social, na medida em que esta área encerra um enorme potencial devido à sua posição geográfica e à diversidade das pessoas residentes.

Ainda assim, "*Sabemos que o planejamento é um processo. Por melhor que seja, não consegue gerar transformações imediatas. Quase sempre é uma centelha que inicia uma ação e a subsequente propagação desta ação.*"[38]

Existem várias *"(…)* qualidades básicas num meio ambiente que se deseja belo: significado de capacidade de expressão, prazer estético, ritmo, estímulo, escolha. A nossa concentração na imaginabilidade não nega a sua importância: apenas nos empenhamos em considerar a necessidade de identidade e estrutura no nosso mundo da percepção e ilustrar a importância especial desta qualidade para o complexo e mutável meio ambiente citadino.*"*[39]

Sem uma estrutura geral que sirva de base, as intervenções que forem feitas serão menos consequentes e não agiram na plenitude do seu potencial. É, portanto, crucial que a estrutura basilar seja bem delineada, de modo a potenciar as intervenções nos lugares mais críticos. Sem com isto querer dizer que se deseja uma estrutura rígida e inflexível, pois "(…) *o que procuramos não é uma ordem definitiva mas aberta, capaz de um desenvolvimento posterior contínuo.*"[40]

O que procuramos é uma estrutura geral que seja capaz de albergar e potenciar a vida humana.

---

[38] LERNER, Jaime, "Acupuntura Urbana", Editora Record, 2011, Rio de Janeiro; p.8

[39] LYNCH, Kevin, "A Imagem da Cidade", Edições 70, 2009, Lisboa; p.18

[40] LYNCH, Kevin, "A Imagem da Cidade", Edições 70, 2009, Lisboa; p.14

### 3.2. Caracterização

Verifica-se nesta área uma série de fenómenos que são comuns a várias cidades a nível mundial, acontecimentos e dinâmicas que são partilhadas com a maioria das grandes zonas urbanas.

"*Projectos de baixo rendimento que se tornam em piores centros de delinquência, vandalismo e desespero social do que os guetos que supostamente viriam a substituir. Projectos habitacionais de rendimento médio que são verdadeiras odes ao aborrecimento e à regimentação, vedados contra qualquer tipo de permeabilidade ou vitalidade da vida urbana. Projectos residenciais de luxo que procuram atenuar a sua própria ostentação, com uma célere vulgaridade. Centros culturais incapazes de albergar uma livraria decente. Centros comerciais que são uma imitação de cadeias de lojas estandardizadas suburbanas. Passeios que vão de nenhum lugar a lugar algum e que não têm passeantes. Auto-estradas que evisceram grandes cidades. Isto não é a reconstrução das cidades. Isto é o saqueamento das cidades.*"[41]

A cidade de Lisboa, à imagem de tantas outras cidades, explodiu, dispersando-se pelo território e alargando-se em termos de área e população. Com o aparecimento do transporte individual a rede viária alastrou-se, conectando vastos territórios a uma imensa escala e criando, de modo paralelo, paisagens fragmentadas, unidas por novas infra-estruturas de vias rápidas e auto-estradas.

Como consequência surgiu um novo modelo urbano, ou antes, suburbano. Sendo a grande maioria dos casos que segue este padrão, caracterizada precisamente por uma falta de identidade própria. Esta lógica de organização tende a alastrar-se, "*O carácter da cidade é tornado sombrio até que todos os lugares se assemelhem mais a qualquer outro lugar, resultando no aparecimento de uma sucessão de não-lugares. Nas áreas mais derrotadas, os usos que não podem existir funcionalmente isolados - centros*

[41] JACOBS, Jane, "The Death and Life of Great American Cities", Vintage Book Edition, 1992, New York; p.4 (Tradução do autor)

*comerciais, residências, espaços públicos, ou centros de trabalho - são rasgados uns dos outros*."[42]

O crescimento vertiginoso visado à ampliação da cidade e seus canais de comunicação, criou antiteticamente um novo tipo de cidade: descontínuo e fragmentado. Uma cidade constituída por hiatos. A lógica é uma de dispersão. Os usos e funções da cidade são separados.

"*Numa grande escala - a nível do planeamento urbano - existe uma efectiva dispersão de pessoas e eventos que se verifica quando as habitações, os serviços públicos, as indústrias e as funções comerciais estão implantadas separadamente ao longo de grandes extensões de terreno pertencentes a uma estrutura funcionalmente segregada da cidade que está por sua vez dependente do automóvel como meio de transporte entre unidades. A dispersão de eventos e de pessoas é um fenómeno comum a quase todas as áreas suburbanas do mundo.*"[43]

Ainda que mal integrados, estes territórios, de características suburbanas, fazem parte daquilo que consideramos a grande cidade, e embora estejam de certo modo separados, eles exercem um influência activa, e a nosso ver, nefasta, na cidade e seus habitantes.

Consideramos que a condição de fragilidade física e social em que estas áreas se encontram crie um forte impacto, negativo, no funcionamento geral da urbe. O limite urbano dissipa-se, criando uma área cinzenta. Sendo esta fértil para a implantação desregrada de estruturas físicas e aparecimento de sucessivos problemas sociais.

A cidade deixa de ser caracterizada por uma rede de ruas e praças para se tornar um espaço atravessado por canais de transporte, colectores de pessoas no território,

---

[42] JACOBS, Jane, "The Death and Life of Great American Cities", Vintage Book Edition, 1992, New York; p.338 (Tradução do autor)

[43] GEHL, Jan, "Life between Buildings", Island Press, 2011, Washington DC; p.85 (Tradução do autor)

ligados por sua vez a um centro congestionado. O uso de automóvel torna-se imperativo, promovendo um conceito que o autor Jaime Lerner[44] apelida de *Colesterol Urbano*, descrevendo-o como *"(…) o acúmulo, em nossas veias e artérias, do uso excessivo do automóvel."*[45]

*" Isso afeta o organismo e até a mente das pessoas. Logo elas começam a pensar que tudo se resolve com o automóvel. Preparam então a cidade só para o automóvel (…) e separar as funções urbanas - isto é, morar aqui, trabalhar ali e ter atividades de lazer em outro lugar - um desperdício de energia. A consequência é o aumento de pressão pelo congestionamento, pelo tempo que se perde, pela poluição, pelo estresse."*[46]

É este tipo de mobilidade que responde à necessidade da população viver e movimentar-se para mais longe, incentivando a uma vivência dispersa que obriga por sua vez à criação de mais infra-estruturas de mobilidade. Resultando assim num ciclo vicioso que vai criando exponencialmente mais descontinuidade urbana nos contextos em que se vai inserindo.

Ainda assim acreditamos ser "*pertinente pensar até que ponto a destruição causada pelos automóveis à cidade aconteça devido à necessidade de transportação e tráfego, equacionando ainda a possibilidade desta acontecer como causa, pura e simples, do desrespeito pelas outras necessidades, usos e funções urbanas*."[47]

Na medida em que "É frequentemente atribuída aos automóveis a responsabilidade por todos os males das cidades, bem como pelas desilusões e futilidades do planeamento urbano. No entanto, os efeitos destrutivos dos automóveis são menos uma causa e mais um sintoma da incompetência na própria construção da cidade."[48]

---

[44] **Jaime Lerner** (Curitiba, 17 de dezembro de 1937) é um político, arquitecto e urbanista brasileiro.

[45] LERNER, Jaime, "Acupuntura Urbana", Editora Record, 2011, Rio de Janeiro; p.85

[46] LERNER, Jaime, "Acupuntura Urbana", Editora Record, 2011, Rio de Janeiro; p.85-86

[47] LERNER, Jaime, "Acupuntura Urbana", Editora Record, 2011, Rio de Janeiro; p.339

[48] JACOBS, Jane, "The Death and Life of Great American Cities", Vintage Book Edition, 1992, New York; p.7 (Tradução do autor)

Verificamos uma dedicação exclusiva de inteiros espaços a uma só função. Factor este que potencia a separação entre as areas urbanas e a promoção de um desligamento entre tecidos (urbanos e sociais), criando hiatos e fronteiras dentro da cidade. Isto parece vir a contrariar a ideia original da cidade enquanto organismo contínuo capaz de integrar em si a diversidade dos seus cidadãos e das estruturas que a compõem.

A propósito das cidades e sua vida - enquanto fenómeno genuinamente múltiplo e variado - Eugene Raskin viria a apontar " *(…) o entrelaçamento de tecidos humanos. Elas (as cidades) estão cheias de pessoas que fazem coisas diferentes, por razões diferentes e com objectivos diferentes, sendo que a arquitectura reflecte e expressa esta diferença - que é uma de conteúdo e não unicamente formal. Sendo humano, os seres humanos são aquilo que nos interessa mais. Tanto na arquitectura como na literatura ou no teatro, é a riqueza da diversidade humana que dá vida e cor ao cenário humano (…) Considerando o perigo da monotonia (…) a falha mais séria originada pela lógica da separação reside no facto de esta permitir que uma inteira área possa ser dedicada a um só uso.*"[49]

É-nos impossível determinar até que ponto esta separação de usos e desconexão entre tecidos urbanos resulte na existência das comunidades e bairros problemáticos que compõem este território. Parece-nos no entanto válido questionar esta lógica, pensando quais os efeitos que esta possa vir a ter nas populações residentes, uma vez que o isolamento aparente apenas exponenciar problemas já existentes. O modelo de compartimentalização de usos e comunidades parece acentuar os problemas e impossibilitar qualquer tipo de crescimento positivo.

A nível histórico "*O desenvolvimento desde a cidade medieval, com um tecido compacto onde existia um padrão interligado rico em actividades, até à cidade funcionalista altamente especializada, ilustra as possibilidades que o planeamento físico permite na integração e separação de pessoas e eventos.*

[49] Eugene Raskin apud Jane Jacobs, "The Death and Life of Great American Cities", Vintage Book Edition, 1992, New York; p.229 (Tradução do autor)

*Nas cidades medievais, o trânsito pedonal ditava a estrutura da cidade onde mercantes e artesãos, ricos e pobres, jovens e velhos, tinham que trabalhar lado a lado. Tais cidades incorporam as vantagens e desvantagens de uma estrutura de cidade orientada para a integração. Comparativamente, o planeamento orientado para a segregação é bem ilustrado pelo modelo de estrutura da cidade funcionalista, no qual se visava a separação de funções diferentes. O resultado era uma cidade dividida em áreas monofuncionais."*[50]

Evidencia-se no caso estudado, de modo geral, uma forte dinâmica de segregação, entre bairros e comunidades, sendo que este fenómeno contamina ainda a relação que este território mantém com a cidade de Lisboa. Observa-se uma grande desconexão de tecidos e eventos que na sua globalidade compõem uma espécie de estrutura auto-reforçante, alicerçada sobre a segregação, a desunião e a descontinuidade.

"*Em contraste a este caso, encontra-se a estrutura urbana que agrega consistentemente eventos e pessoas num padrão claro, no qual os espaços públicos são os elementos mais importantes do plano da cidade, e onde todas as outras funções estão eficazmente localizadas lado-a-lado e voltadas para as ruas."*[51] promovendo a continuidade e integração dos tecidos urbanos e consequentemente dos seus habitantes.

Mantendo a nossa atenção sobre o fenómeno de isolamento urbano, nos quais estas zonas existem, é-nos possível entender o efeito nefasto originado pela atribuição mono-funcional a inteiras áreas urbanas. Movimento este que agrava a sua qualidade de "ilhas" urbanas, permitindo-as ainda de agirem, sobre a égide desta mesma dinâmica, nos terrenos contíguos.

---

[50] GEHL, Jan, "Life between Buildings", Island Press, 2011, Washington DC; p.101 (Tradução do autor)

[51] GEHL, Jan, "Life between Buildings", Island Press, 2011, Washington DC; p.85 (Tradução do autor)

"*As enormes áreas destinadas a usos singulares têm uma qualidade em comum entre elas. Formam fronteiras, sendo que as fronteiras urbanas normalmente criam bairros destrutivos.*"[52]

Este é o caso estudado, consequente de um crescimento urbano sem regra e manifestamente caracterizado por descontinuidades. Muitos destes espaços descontínuos promovem o hiato e reforçam a sua qualidade de ocupação não-planeada.

"*Sendo as fronteiras frequentes, sejam estas auto-estradas, instituições, habitações sociais, campus universitários, parques industriais, ou qualquer outro tipo de território destinado a um único uso massivo, a consequência poderá despedaçar a cidade de tal forma a deixá-la em estilhaços.*"[53]

Mesmo quando planeados a nível municipal, os planos resultam maioritariamente sem regras claras definidas e sem uma política de ligação com o restante tecido urbano. No caso dos espaços atravessados por infra-estruturas viárias, estas funcionam como barreiras físicas e psicológicas, deixando estas áreas periféricas numa situação de isolamento geográfico e social.

"*O problema central das fronteiras, enquanto bairro urbanos, é o facto de estas serem propensas à formação de becos sem saída para a maioria dos utilizadores das ruas da cidade. Elas representam, para a maior parte das pessoas, e na maioria das vezes, barreiras. (...) podendo assim tender à formação de vácuos de uso nos espaços contíguos.*"[54]

---

[52] JACOBS, Jane, "The Death and Life of Great American Cities", Vintage Book Edition, 1992, New York; p.257 (Tradução do autor)

[53] JACOBS, Jane, "The Death and Life of Great American Cities", Vintage Book Edition, 1992, New York; p.264-265 (Tradução do autor)

[54] JACOBS, Jane, "The Death and Life of Great American Cities", Vintage Book Edition, 1992, New York; p.259 (Tradução do autor)

Voltamos assim a frisar que a ligação destes espaços com o tecido urbano envolvente ajuda a criar um senso de unidade, e que a consolidação dos mesmos é de uma importância crítica, tanto para a criação de uma identidade local e regional, bem como na integração de uma imagem partilhada e comum da cidade.

"*O crescente tamanho da nossa área metropolitana e a velocidade a que a atravessamos criam muitos problemas novos à nossa percepção. A região da metropole constitui, agora, a unidade funcional do nosso meio ambiente e é desejável que esta unidade funcional seja identificada e estruturada pelos que a habitam. Os meios de comunicação recentes, que nos permitem viver e trabalhar numa região tão independente, poderiam também permitir-nos a elaboração das nossas imagens conforme as nossa experiências. Tais saltos para novos níveis de atenção ocorreram no passado, quando também foram dados novos saltos para a organização funcional da vida.*"[55]

É urgente repensar este território e descobrir qual o papel que poderá vir a desempenhar na cidade. Aproveitando a sua relação geográfica com a mesma, as qualidades morfológicas do terreno e sobretudo a imensa variedade humana - munida de uma vasta diversidade de capacidades, conhecimentos, competências e atributos.

"*Acredito que algumas "magias" da medicina podem, e devem, ser aplicadas às cidades, pois muitas delas estão doentes, algumas quase em estado terminal. Assim como a medicina necessita da interação entre médico e paciente, em urbanismo também é preciso fazer a cidade reagir. Cuturar uma área de tal maneira que ela possa ajudar a curar, melhorar, criar reações positivas em cadeia. É indispensável intervir e revitalizar, fazer o organismo trabalhar de outra maneira.*"[56]

---

[55] LYNCH, Kevin, "A Imagem da Cidade", Edições 70, 2009, Lisboa; p.115

[56] LERNER, Jaime, "Acupuntura Urbana", Editora Record, 2011, Rio de Janeiro; p.7

## 3.3. Espaço Público

### 3.3.1. Geral

O espaço público, como tal, é praticamente inexistente neste território, na medida em que não existe qualquer tipo de qualificação nos espaços que são, de forma geral, destinados ao usufruto de todos, sejam estas de circulação ou de permanência. Nota-se ainda a ausência de espaços de encontro ou de partilha social, faltando assim pontos de atracção ou dinamização da vida comunitária.

A esta ausência acresce ainda a falta de um plano geral que una as várias zonas urbanas. Acreditamos que um plano geral - composto por vários elementos agregadores - possivelmente contribuirá para a criação de um todo, qualificado por uma imagem própria - capaz de munir o território de uma identidade particular - a ser integrada pela cidade.

Acreditamos ser importante incutir ainda uma certa diversidade nas funções, de modo a permitir uma maior pluralidade àquilo que este território possa oferecer.

"*Para conseguir compreender as cidades, devemos lidar com combinações ou misturas de usos como o fenómeno essencial, e não usos separados (…) Uma mistura de usos, de modo a ser suficientemente complexa para sustentar segurança urbana, contacto público e usos díspares, necessita uma enorme diversidade de ingredientes*."[57]

Apesar do desejo de projectar um plano que integre estas zonas dispersas, criando espaços unificadores onde seja potenciada a vida urbana, estamos conscientes da necessidade de avançar com cautela para não criar uma sucessão de espaços demasiadamente rígidos que criem estranheza, e uma consequente não-aceitação dos futuros utilizadores destes mesmos espaços.

---

[57] JACOBS, Jane, "The Death and Life of Great American Cities", Vintage Book Edition, 1992, New York; p.144 (Tradução do autor)

"*Uma especialização total, uma engrenagem perfeita são improváveis e indesejáveis. A forma tem, de certo modo, que ser não comprometedora, moldável aos propósitos e às percepções dos cidadãos. Existem, contudo, funções fundamentais que podem ser expressas pelas formas de uma cidade: circulação, aproveitamento dos espaços mais importantes, pontos-chave focais. As esperanças e satisfações comuns podem ser humanizadas. Sobretudo se o meio ambiente está visivelmente organizado e nitidamente identificado, poderá então o habitante dá-lo a conhecer, por meio dos seus próprios significados e relações. Nesse momento tornar-se-á um verdadeiro lugar notável e inconfundível.*"[58]

Levando sempre em conta que a imagem procurada para esta parte da cidade deverá ser uma de integração, aberta à diversidade dos seus habitantes. Isto porque "*A cidade não está construída apenas para um indivíduo, mas para grandes quantidades de pessoas, com antecedentes altamente variados, com temperamentos diversos, de diferentes classes, com diferentes ocupações. (…) O planificador deve, por isso, conseguir uma cidade tanto quanto possível rica em vias, cruzamentos, limites, elementos e bairros, uma cidade onde apareça não só uma ou duas qualidades de forma, mas todas elas. Se assim for, diferentes observadores encontrarão material de percepção adaptado ao seu modo individual de olhar para o mundo. Enquanto um deles pode reconhecer uma rua com base no seu pavimento, outro pode lembrar-se de uma curva e um terceiro terá descoberto elementos marcantes de menor importância, ao longo da mesma rua.*"[59]

Visa-se então a criação de um plano contínuo e claro que englobe estes fragmentos soltos e desconexos, com o intuito de promover uma imagem local enraizada nas qualidades físicas e sociais do lugar. Procurando assim revitalizar os tecidos urbanos e

[58] LYNCH, Kevin, "A Imagem da Cidade", Edições 70, 2009, Lisboa; p.114

[59] LYNCH, Kevin, "A Imagem da Cidade", Edições 70, 2009, Lisboa; p.95

sociais com o apoio de estruturas que suportem actividades úteis ao desenvolvimento da vida humana.

"*Se as actividades e as pessoas estiverem juntas, é possível que eventos individuais se possam estimular uns aos outros. Participantes duma dada situação têm a oportunidade de experienciar e participar em outros eventos. Um processo de auto-reforço poderá iniciar.*"[60]

Aferindo vida à cidade como um fenómeno total, na medida em que o ambiente construído revitaliza a actividade, sendo que esta última potencia a intervenção que uma dada estrutura tem na cidade.

Dito isto, "*(…) o ênfase coloca-se perante os problemas de agregação, em parte porque se torna bastante mais difícil agregar eventos do que separá-los, e por outro lado, porque tanto as tendências de desenvolvimento da sociedade como o planeamento urbano dogmático estabeleceram uma forte tendência geral para a dispersão de pessoas e eventos, tanto em áreas urbanas novas como antigas*."[61]

De modo a desenvolver uma proposta geral clara, teremos de levar em conta vários aspectos, nomeadamente entender o que nos traz a esta escolha e o que pretendemos com ela.

"*Tal como qualquer bom trabalho de organização, uma tal estrutura dá ao indivíduo uma possibilidade de escolha e um ponto de partida para a aquisição de informação posterior. Uma imagem clara do meio ambiente é, assim, uma base útil para o crescimento do indivíduo.*"[62]

---

[60] GEHL, Jan, "Life between Buildings", Island Press, 2011, Washington DC; p.81 (Tradução do autor)

[61] GEHL, Jan, "Life between Buildings", Island Press, 2011, Washington DC; p.81 (Tradução do autor)

[62] LYNCH, Kevin, "A Imagem da Cidade", Edições 70, 2009, Lisboa; p.12

Acrescentaríamos que é uma ideia central se quisermos planear uma estrutura urbana aberta onde os habitantes se consigam realmente situar e referenciar perante o resto da cidade.

"A imagem de um bom ambiente dá, a quem a possui, um sentido importante de segurança emocional. Pode estabelecer uma relação harmoniosa entre si e o mundo exterior. Isto é o inverso do medo que resulta da desorientação; significa que o doce sentido do lar é não só familiar mas também distintivo.
Na realidade, um meio ambiente característico e legível não proporciona apenas segurança mas também intensifica a profundidade e a intensidade da experiência humana."[63]

Uma estrutura clara e bem alicerçada que não confunda ou desoriente os cidadãos, onde cada lugar tenha uma identidade única mas remeta ainda assim para uma ideia global de território, também ela qualificada e característica. Para alcançar esta premissa "*Torna-se necessária uma certa quantidade de repetições, redundâncias e reforços. Assim, uma região com uma forma simples seria inconfundível, uma região que tivesse uma continuidade no tipo de edifícios e costumes, única na cidade, nitidamente limitada, claramente ligada à região vizinha (…)*"[64]

Levando sempre em conta de que ainda que trabalhando com tecidos urbanos pré-existentes, o plano virá a influir drasticamente neste mesmo tecidos, e que ainda tratando-se de uma requalificação, aquilo que surgirá será de certo modo novo - ainda que informado pela realidade envolvente e histórica. Este gesto construtivo acarreta consigo uma enorme responsabilidade.

[63] LYNCH, Kevin, "A Imagem da Cidade", Edições 70, 2009, Lisboa; p.12

[64] LYNCH, Kevin, "A Imagem da Cidade", Edições 70, 2009, Lisboa; p.112

"*Estamos a construir rapidamente uma unidade funcional, a região da grande cidade, mas temos, contudo, também de compreender que esta unidade deveria ter a sua imagem correspondente*."[65]

A imagem global deverá ser assim muito bem delineada, mantendo sempre a sua ideia central de reconciliar realidades espaciais díspares e separadas, estabelecendo um todo. Reforçamos então a necessidade de desenvolver uma imagem comum para o território em questão.

"*A imaginabilidade total de uma área tão extensa quanto a urbana não significaria uma intensidade de imagem igual em qualquer ponto. Haveria figuras dominantes e cenários mais extensivos, pontos focais e material de ligação. Mas, seja intensiva ou neutra, cada parte seria presumivelmente clara e nitidamente ligada ao todo*."[66]

Voltando ao tema da integração, esta "*implica que seja permitido o funcionamento conjunto de várias actividades e categorias de pessoas. A segregação implica a separação de funções e grupos que difiram uns dos outros. A integração de várias actividades e funções dentro e em torno de espaços públicos permite às pessoas envolvidas de funcionarem em conjunto e de se estimularem e inspirarem umas às outras.*"[67]

Para que o processo de integração tenha sucesso "*(…) necessitamos todos os tipos de diversidade, misturados intrincadamente e apoiando-se mutuamente. Necessitamo-lo de modo a que a vida urbana possa funcionar de modo decente e construtivo, e para que os cidadãos possam sustentar (e desenvolver) a sua sociedade e civilização. Corpos públicos e semi-públicos são responsáveis por algumas das empresas que ajudam na criação da diversidade urbana - por exemplo, parques, museus, escolas, auditórios,*

---

[65] LYNCH, Kevin, "A Imagem da Cidade", Edições 70, 2009, Lisboa; p.20

[66] LYNCH, Kevin, "A Imagem da Cidade", Edições 70, 2009, Lisboa; p.116

[67] GEHL, Jan, "Life between Buildings", Island Press, 2011, Washington DC; p.101 (Tradução do autor)

*hospitais, certos escritórios e certas habitações. No entanto, a maior parte da diversidade urbana é criada por inúmeras organizações privadas, com ideias e propósitos vastamente diferentes, que se organizam e agem fora da estrutura formal da acção pública. A responsabilidade principal do planeamento e do desenho urbano deveria ser o de desenvolver - na medida em que a política e a acção pública o podem fazer - cidades que sejam lugares apropriados para que esta grande variedade de planos, ideias e oportunidades não-oficiais possam florescer, bem como proporcionar o aparecimento de empresas públicas. Os bairros citadinos serão lugares economicamente e socialmente convenientes para a diversidade se gerar, alcançando o seu máximo potencial caso os bairros possuam boas misturas de usos primários, ruas frequentes, habitantes de várias idades nos seus edifícios, e uma densidade elevada de pessoas."*[68]

De modo a atingir esta meta *"(...) dever-se-ão usar parques, praças e edifícios públicos como parte do tecido de rua; utilizando-os para intensificar e tricotar conjuntamente a complexidade dos vários usos do tecido. Os mesmos não deverão ser utilizados para isolar os diferentes usos entre si-mesmos, ou mesmo para isolar bairros."*[69]

É importante reforçar a ideia de que *"Muitos dos grandes problemas urbanos ocorrem por falta de continuidade. O vazio de uma região sem atividade ou sem moradia pode se somar ao vazio dos terrenos baldios. Preenchê-los seria boa acupunctura. É importante também incluir a função que falta a determinada região. Se só existe a atividade econômica e falta gente, é essencial incentivar a moradia. Se o que ocorre é a falta de atividade, o importante é incentivar os serviços. Se um terreno vai ficando vazio, é importante trazer alguma coisa para aquele local."*[70]

---

[68] JACOBS, Jane, "The Death and Life of Great American Cities", Vintage Book Edition, 1992, New York; p.241-242 (Tradução do autor)

[69] JACOBS, Jane, "The Death and Life of Great American Cities", Vintage Book Edition, 1992, New York; p.129 (Tradução do autor)

[70] LERNER, Jaime, "Acupuntura Urbana", Editora Record, 2011, Rio de Janeiro; p.37

O desejo de elaborar um projecto urbano capaz de incorporar qualidades próprias e sustentáveis, obriga-nos a pensar na sua validade enquanto plano parcialmente independente e munido de condições para encerrar em si mesmo respostas aos seus próprios problemas. No sentido em que, o território deverá, de certo modo, ser auto-suficiente, englobando as estruturas necessárias ao seu bom funcionamento.

Recapitulando, "*Este entrelaçamento de padrões enfatiza a importância das destinações no ambiente público: acontecimentos e lugares que o indivíduo procura de modo natural, entendendo-os como razão e estímulo para sair. As destinações poderão ser lugares específicos, miradouros, sítios onde ver o por-do-sol, ou poderão ser lojas, centros comunitários, instalações desportivas, etc.*"[71]

Para isto, é vital a existência de centralidades que se unam entre si, e estejam porventura ligadas ainda a um ponto geograficamente situado no centro do plano, neste caso, este centro poderia tomar a forma de um eixo - localizado entre a Quinta do Mocho e a os Terraços da Ponte - constituindo assim uma referência nuclear da intervenção proposta. A necessidade de criar um centro prende-se com o facto de nos apercebermos que "*Na ausência de um coração central forte e inclusivo, a cidade tende a tornar-se numa colecção de interesses isolados entre si. Vacilando em produzir algo de maior, socialmente, culturalmente e economicamente, do que a soma das suas várias partes.*"[72]

[71] GEHL, Jan, "Life between Buildings", Island Press, 2011, Washington DC; p.117 (Tradução do autor)

[72] JACOBS, Jane, "The Death and Life of Great American Cities", Vintage Book Edition, 1992, New York; p.165 (Tradução do autor)

### 3.3.2. Desenho Urbano

"*Em toda a história do sediamento humano, as ruas e as praças têm sido os elementos básicos em torno dos quais todas as cidades se organizaram. A história provou as virtudes deste elementos a tal ponto que, para a maioria das pessoas, as ruas e as praças constituem a verdadeira essência do fenómeno "cidade". A relação simples e o uso lógico de ruas e praças - sendo as ruas baseadas no padrão linear do movimento humano e as praças baseadas na habilidade ocular de avaliar uma área - têm sido recentemente retomados.*"[73]

Não existe qualquer tipo de espaço ao qual se possa atribuir a qualidade de Largo ou Praça. É notável a falta de áreas destacadas para o uso público.

Existem, no entanto, alguns espaços que, redesenhados e qualificados, possuem potencial para a incorporação e formação de espaços realmente públicos. Nomeadamente: os espaços que se encontram entre os edifícios da Quinta do Mocho, os terrenos baldios existentes no interior da urbanização Terraços da Ponte, os vazios existentes no interior da zona denominada Area industrial (S.João das Areias) e toda a zona Ribeirinha do Rio Trancão.

Paralelamente, grande parte da circulação, tanto viária como pedonal, deverá ser repensada de modo a estabelecer uma estrutura fluída que permita a deslocação de pessoas e esteja integrada na imagem total que se visa para este território.

É, ao mesmo tempo, essencial ter em conta que "*É impossível usufruir da multiplicidade de escolhas que a cidade proporciona se a circulação não for feita de modo fácil.*"[74]

---

[73] GEHL, Jan, "Life between Buildings", Island Press, 2011, Washington DC; p.89 (Tradução do autor)

[74] JACOBS, Jane, "The Death and Life of Great American Cities", Vintage Book Edition, 1992, New York; p.74 (Tradução do autor)

As estruturas de circulação, deverão igualmente ser pensadas enquanto dispositivos estruturantes do espaço, munidas de elementos qualificadores.

"*As ruas, a rede de linhas habituais ou potenciais de deslocação através do complexo urbano, constituem os meios mais significativos através dos quais o todo pode ser organizado. As principais vias deveriam ter uma qualidade particular capaz de as demarcar dos canais circundantes: a concentração de qualquer hábito ou actividade ao longo das suas margens, uma qualidade especial característica, uma textura especial do pavimento ou das fachadas, uma estrutura particularmente clarificadora, um conjunto único de cheiros ou sons, um pormenor típico ou um modo próprio de distribuição das plantas. (…) Estes aspectos deveriam aplicar-se de tal modo que dessem continuidade a uma via. Se empregarmos uma ou mais destas características ao longo de uma linha de um modo regular, então essa rua poderá ser imaginada como sendo um elemento contínuo e unificado. Pode ser uma faixa de árvores, uma textura ou cor de pavimento especial, ou a continuidade clássica das fachadas das suas margens. Pode tratar-se de uma regularidade rítmica, uma repetição de aberturas espaciais, monumentos ou lojas de esquina. A própria concentração de percursos habituais ao longo de uma rua, assim como ao longo de uma via de trânsito, reforçará esta imagem familiar contínua. (…) Uma distinção sensorial dos canais mais significativos e a sua unificação como elementos perceptuais contínuos. Este é o esqueleto da imagem da cidade*."[75]

Surge assim a necessidade de compreender estes elementos (de circulação e distribuição) na sua dimensão unificadora e *suturante*, na medida em que encerram em si a capacidade de cozer conjuntamente tecidos urbanos e sociais, estimulando a ligação de áreas previamente desconexas. Criando uma rede estrutural que alicerce os princípios de uma imagem para este território, que será, a nosso ver, causal na criação de um bom ambiente.

[75] LYNCH, Kevin, "A Imagem da Cidade", Edições 70, 2009, Lisboa; p.99-100

Com este fim em vista procurar-se-ão "*(…) qualidades físicas que estejam relacionadas com os atributos da identidade e estrutura da imagem mental. Isto leva à definição daquilo a que podemos chamar imaginabilidade: àquela qualidade de um objecto físico que lhe dá uma grande probabilidade de evocar uma imagem forte num dado observador. É essa forma, cor, disposição, que facilita a produção de imagens mentais vivamente identificadas, poderosamente estruturadas e muito úteis no meio ambiente*."[76]

Acreditamos que este movimento criativo terá tendência a reforçar-se continuamente, contribuindo para um sentido de lugar.

*"A função de um ambiente visualmente bom pode não ser só a de facilitar os percursos ou de manter significados e sentimentos já existentes. Igualmente importante pode ser o seu papel de guia e produtor de estímulos para novas explorações. Numa sociedade complexa existem muitas inter-relações que devem ser dominadas. Numa democracia repudia-se o isolamento, exalta-se o desenvolvimento do indivíduo, espera-se que a comunicação entre os grupos seja cada vez maior. Se um ambiente tem uma moldura visível e partes altamente características, a exploração de novos sectores não só é mais fácil mas também mais aliciante. Se se fomenta o aparecimento de ligações estratégicas de comunicação (como museus, bibliotecas ou locais de encontro), aqueles que normalmente não prestam atenção a tais factos podem, subitamente, ser tentados a saber o que se passa."*[77]

O estabelecimento de uma boa imaginabilidade contribuiria para uma identidade própria do território, que, por sua vez, promoveria o enraizamento e fortalecimento das comunidades residentes.

"*Uma cidade altamente imaginável (aparente, legível ou visível), neste sentido particular, pareceria muito bem formada, distinta, notável; como que convidaria os olhos e os*

[76] LYNCH, Kevin, "A Imagem da Cidade", Edições 70, 2009, Lisboa; p.17

[77] LYNCH, Kevin, "A Imagem da Cidade", Edições 70, 2009, Lisboa; p.113

*ouvidos a uma maior atenção e participação. O domínio estético de tal ambiente não só se simplificaria como também aumentaria e se tornaria mais profundo. Uma tal cidade poderia ser compreendida para além do tempo como um modelo de grande continuidade, com muitas partes distintas interligadas claramente. O observador perceptivo e familiar poderia recolher novos impactos estéticos sem aniquilar a sua imagem básica. E cada novo impacto seria uma referência a muitos elementos prévios. O observador seria bem orientado e poder-se-ia mover facilmente. Seria um bom conhecedor do seu ambiente."*[78]

A importância da existência de espaços públicos é, a nosso ver, vital. Na medida em que é precisamente neste espaços que a vida urbana acontece, na sua dimensão social. O espaço público é o espaço de encontro comunitário, o espaço onde cenas quotidianas tomam lugar e são partilhadas. Onde o indivíduo age perante o mundo participando na sua criação, mesmo não o sabendo.

"A vida que existe entre os edifícios oferece uma oportunidade de se poder estar entre outras pessoas num modo relaxado e pouco exigente. Uma pessoa poderá fazer passeios ocasionais, desviar-se do seu percurso para uma rua central a caminho de sua casa ou sentar-se por momentos, aproveitando para estar com outras pessoas. (…) Estar entre outros, vê-los, ouvi-los, recebendo estímulos, implica viver experiências positivas, alternativas ao estar-se só. Não se está com uma pessoa em específico, mas está-se, no entanto, com outros. Em oposição a ser um observador passivo das experiências de outras pessoas através da televisão, video ou filmes, nos espaços públicos o indivíduo encontra-se ele mesmo presente, participando ainda que de modo modesto, mas indubitavelmente participando."[79]

[78] LYNCH, Kevin, "A Imagem da Cidade", Edições 70, 2009, Lisboa; p.17-18

[79] GEHL, Jan, "Life between Buildings", Island Press, 2011, Washington DC; p.17 (Tradução do autor)

Curiosamente, "*Uma série de observações e investigações mostram que as pessoas e a actividade humana são o objecto de maior atenção e interesse. Mesmo a forma mais modesta de contacto, tal como olhar, ouvir ou estar perto de outros, é aparentemente mais recompensador do que a maioria das outras atrações que tomam lugar nos espaços públicos ou residenciais. A vida que existe nos edifícios, e entre eles, parece, na grande maioria dos casos, ser mais importante do que os espaços e os edifícios em si.*"[80]

Para que isto possa acontecer, é necessário que se criem espaços e condições para albergarem esta dinâmica humana. Pois uma vez que as pessoas se sintam atraídas a um lugar e se apropriem subjectivamente do mesmo, o fenómeno de atração será auto-reforçante e o mesmo lugar tenderá a ser cada vez mais habitado.

"Para além da transmissão de informação sobre o mundo social exterior, a oportunidade para ver e ouvir outra pessoa pode ainda providenciar ideias e inspiração à tomada de acção. Somos inspirados ao ver outras pessoas agirem. As crianças, por exemplo, ao verem outras crianças a brincarem sentem vontade de se juntarem na brincadeira, ou têm ideias para novos jogos ao verem outras crianças ou adultos."[81]

O convite terá no entanto de ser formalizado primeiramente pelo espaço e pelo modo como este é estruturado, apenas após este primeiro momento as pessoas se sentirão seguras e desejadas nesse determinado lugar. Rapidamente, o "convidado" verá o seu papel mudar para a qualidade de "anfitrião". Fazendo com que o mesmo convite inicial seja estendido progressivamente a cada vez mais pessoas de um modo proporcional à população de "anfitriões". Reforçando e ampliando a dimensão humana da estrutura espacial. Acreditamos que este fenómeno é positivo e indicador de uma apropriação realmente pública do espaço, tornado-o ao mesmo tempo "de todos" (Comunidade) e "seu" (Pessoa).

---

[80] GEHL, Jan, "Life between Buildings", Island Press, 2011, Washington DC; p.29 (Tradução do autor)

[81] GEHL, Jan, "Life between Buildings", Island Press, 2011, Washington DC; p.21 (Tradução do autor)

Exponencialmente cada vez mais pessoas habitarão o determinado lugar. Este mesmo movimento fará, paralelamente, com que o próprio espaço se valide e reforce, na medida em que o fará cumprir o seu fim: o de albergar vida.

Recorrendo a este tipo de dispositivo espacial, alarga-se a a base para um enriquecimento da dimensão social, porque *"Quanto mais tempo os residentes estiverem no exterior, maior será a possibilidade de se encontrarem - de trocarem cumprimentos e terem conversas."*[82]

Contribuindo para uma dimensão participativa da comunidade, visto que "*Não somos apenas observadores deste espectáculo, mas sim uma parte activa dele, participando com os outros num mesmo palco.*"[83]

Esta dimensão pública da cidade estender-se-á ainda ao domínio privado da mesma. "*Os espaços públicos na cidade e em áreas residenciais podem ser convidativos e facilmente acessíveis, encorajando assim que tanto pessoas como actividades se desloquem do ambiente privado para um ambiente público.*"[84]

No entanto, é fulcral que este mesmo ambiente público seja projectado e qualificado de forma convidativa pois "*Por outro lado, os espaços públicos poderão também ser projectados de modo a que seja difícil entrar-se neles, tanto fisicamente como psicologicamente*."[85]

Voltando à extensão do ambiente público a um domínio privado, "*A oportunidade para ver o que acontece nos espaços públicos pode também funcionar como um convite. Se as crianças puderem ver, desde suas casas, a rua ou o espaço de recreio, elas poderão seguir o que está a acontecer e verem quem está lá fora a brincar. Nessa altura estarão*

---

[82] GEHL, Jan, "Life between Buildings", Island Press, 2011, Washington DC; p.53 (Tradução do autor)

[83] LYNCH, Kevin, "A Imagem da Cidade", Edições 70, 2009, Lisboa; p.9

[84] GEHL, Jan, "Life between Buildings", Island Press, 2011, Washington DC; p.113 (Tradução do autor)

[85] GEHL, Jan, "Life between Buildings", Island Press, 2011, Washington DC; p.113 (Tradução do autor)

*mais motivadas para sair e brincar, ao contrário das crianças que não conseguem ver o que está a acontecer porque vivem num apartamento muito alto ou demasiado longe.*"[86]

No nosso caso, o estudo referente à *"(…) ligação demonstrada entre a vida de rua, o número de pessoas, os eventos e o tempo passado no exterior, fornece um dos elementos para a compreensão do modo no qual as condições para a vida entre os edifícios possa ser melhorada em zonas residenciais existentes ou novas - nomeadamente através da melhoria de condições para estadias exteriores."*[87]

Ao reconhecer uma forte ausência de vida comunitária - sobretudo se tivermos em conta uma ideia de comunidade mais geral, abrangente aos diferentes bairros que se encontram neste território - deparamo-nos com a necessidade de propor alternativas que procurem espaços comuns onde se fomente o relacionamento entre os habitantes.

Um dos problemas sociais mais graves que assolam este território, é o problema de insegurança e criminalidade. A nível de projecto e desenho urbano, acreditamos que muito poderá ser feito para mitigar esta questão. Inevitavelmente, a solução passará novamente pela criação e qualificação de espaços públicos. A estrutura física pública deverá ser munida dos requisitos necessários para uma utilização e apropriação dos cidadãos.

Acreditamos que "*Uma rua bem usada está apta a ser uma rua segura. Uma rua deserta está apta a ser perigosa*."[88]

Na medida em que, *"A segurança na rua funciona melhor quanto menor for o nível de desconfiança e hostilidade, assegurando-se nos lugares onde as pessoas utilizam as ruas da cidade e desfrutam delas de modo voluntário, estando normalmente menos*

---

[86] GEHL, Jan, "Life between Buildings", Island Press, 2011, Washington DC; p.113 (Tradução do autor)

[87] GEHL, Jan, "Life between Buildings", Island Press, 2011, Washington DC; p.79 (Tradução do autor)

[88] JACOBS, Jane, "The Death and Life of Great American Cities", Vintage Book Edition, 1992, New York; p.34 (Tradução do autor)

*conscientes de as estarem a policiar. O requisito básico para dado policiamento é a existência de uma quantidade substancial de lojas e outros espaços públicos ao longo dos passeios."*[89]

Curiosamente, quanto mais vida se desenrolar nas ruas, mais esta será segura e menor será a probabilidade de se desenvolverem actividades criminais.

Para que isto aconteça, dever-se-ão pensar espaços atractivos para a passagem e permanência de pessoas.

*"A existência de boas oportunidades para uma pessoa se sentar, contribui para inúmeras actividades que se tornam atrações principais nos espaços públicos: comer, ler, dormir, tricotar, jogar xadrez, tomar banhos de sol, ver pessoas, conversar, etc."*[90]

Torna-se então determinante criar espaços que sejam convidativos às pessoas, imprimindo-lhes um carácter que permita a dinamização das pessoas e de suas vidas.

*"Se os espaços tornarem atractivos os actos de caminhar, sentar, ver, ouvir e falar, isto é já de si uma qualidade importante, mas significa ainda que um leque alargado de outras actividades - brincar, desportos, actividades comunitárias, etc. - têm uma boa base para o desenvolvimento. Isto acontece em parte porque muitas das qualidades são comuns a todas as actividades e em parte porque actividades comunitárias de maior escala e complexidade se podem desenvolver naturalmente a partir das varias actividades que são mais pequenas e quotidianas. Os grandes eventos evoluem assim com base nos vários eventos de menor escala."* [91]

---

[89] JACOBS, Jane, "The Death and Life of Great American Cities", Vintage Book Edition, 1992, New York; p.36 (Tradução do autor)

[90] GEHL, Jan, "Life between Buildings", Island Press, 2011, Washington DC; p.155 (Tradução do autor)

[91] GEHL, Jan, "Life between Buildings", Island Press, 2011, Washington DC; p.131 (Tradução do autor)

Urge ainda pensar qual a valia destes espaços e como poderão ser desenvolvidos de modo a responderem às necessidades individuais e sociais da comunidades. Quais as actividades que poderão ter aí lugar e quais os requisitos espaciais para que tais eventos aconteçam.

"*Para que qualquer coisa possa acontecer é necessário que tanto pessoas como eventos sejam reunidos num dado espaço e tempo, mas é ainda de maior importância entender quais as actividades que aí se possam desenvolver. Não é suficiente criar espaços que permita a entrada e saída de pessoas. Condições favoráveis para a passagem, devaneio e permanência em espaços também deverão existir, bem como condições que permitam uma grande amplitude de actividades sociais e recreativas.*"[92]

A qualificação volta então a desempenhar um papel central na criação do ambiente desejado. A implantação de estruturas, dispositivos e elementos que permitam uma caracterização de um determinado espaço, munindo-o das qualidades necessárias para um uso quotidiano e pleno por parte das pessoas.

"*Em suma poder-se-á dizer que o desenho de detalhes desempenha um papel importante no desenvolvimento de possibilidades de permanência em espaços públicos. Se os espaços forem desertos e vazios - sem bancos, colunas, plantas, árvores, etc. - poderá ser muito difícil encontrar lugares onde parar*."[93]

No nosso caso, parece-nos ser de grande relevância e utilidade a implantação de árvores e jardins para unir o território, sendo que estes elementos nos permitem cultivar uma coesão urbana, tanto a nível de desenho como de ambiente.

*"A vegetação pode ser uma boa acupunctura urbana. Cidades que às vezes não têm grandes atrativos em determinadas regiões mudam radicalmente quando são*

[92] GEHL, Jan, "Life between Buildings", Island Press, 2011, Washington DC; p.129 (Tradução do autor)

[93] GEHL, Jan, "Life between Buildings", Island Press, 2011, Washington DC; p.153 (Tradução do autor)

*arborizadas. Muitas cidades conseguem ganhar unidade por meio da vegetação intensa (…) Árvore é acupunctura que cura a dor da ausência de sombra, de vida, de cor, de luz."*[94]

O recurso à vegetação permite-nos unir com grande eficácia - visual e ambientalmente - tecidos urbanos, conferindo-lhes continuidade e enriquecendo a sua imagem.

Resumindo, almeja-se uma cidade viva, contínua e diversa. Que convide os cidadãos a participarem e fazerem parte neste mesmo processo de construção ambiental. Para isso, é necessário que a cidade os estimule e lhes ofereça as condições para se integrarem nela de modo pleno.

"*As crianças mais facilmente preferem ficar em casa a ver televisão quando nada se passa lá fora. Os idosos não acham especialmente atractiva a ideia de se sentarem em bancos, porque não há quase nada para ver. No momento em que existam poucas crianças a brincar, poucas pessoas sentadas em bancos, e poucas pessoas a caminhar, não é muito interessante estar à janela a ver o mundo exterior. Não há muito para ver. Este processo negativo poderá ser encontrado em muitas áreas suburbanas onde existe uma dispersão extrema de eventos e onde a vida entre os edifícios é drasticamente reduzida, tal acontece pelo facto das actividades não serem capazes de se estimularem umas às outras."*[95]

Imagina-se um território que permita um vida activa, onde seja permitido e promovido a movimentação a pé.  Onde as pessoas possam usufruir melhor a cidade se caminharem por entre as suas ruas, praças, jardins e edifícios.

"Em áreas urbanas densas e diversificadas, as pessoas ainda caminham, uma actividade impraticável na maior parte das áreas suburbanas. Quanto mais a diversidade numa área for variada e intensa, mais se irá caminhar. Mesmo as pessoas que vêm de fora

[94] LERNER, Jaime, "Acupuntura Urbana", Editora Record, 2011, Rio de Janeiro; p.75

[95] GEHL, Jan, "Life between Buildings", Island Press, 2011, Washington DC; p.75 (Tradução do autor)

para uma área viva e diversa, venham elas de carro ou de transportes públicos, estas iram caminhar quando lá estiverem."[96]

Contrariando ainda a situação actual onde o automóvel detém o domínio do espaço de circulação e onde as pessoas estão consequentemente dependentes deste meio para poderem circular. Este mesmo tipo de movimentação é pouco livre e constringe-se à estrutura viária existente, que é de momento altamente débil. Voltamos a frisar a necessidade e importância de uma rede viária eficaz, acrescentando no entanto a urgência do espaço destinado à circulação pedonal.

*"É importante que todas as actividades sociais de relevo, tais como as experiências intensas, conversações, e namoros, tenham lugar quando as pessoas estão de pé, sentadas, deitadas ou a andar. Uma pessoa poderá ter um breve vislumbre de outras pessoas a partir do carro ou da janela de um comboio, mas a vida acontece quando se está a pé. Somente "a pé" é que uma situação funciona como uma oportunidade significativa para o contacto e na qual o indivíduo se sente à vontade e capaz de tomar o seu tempo para experienciar, parar e se envolver."*[97]

É assim importante quebrar a hegemonia da viatura privada, rompendo a relação de poder exclusivo que esta detém sobre o território. É assim determinante permitir a livre circulação de pessoas e criar estruturas que apoiem uma rede de transportação pública.

*"O automóvel é a nossa "sogra mecânica". Temos que manter boas relações com ela, mas não podemos deixar que ela comande as nossas vidas. É preciso saber se relacionar com o automóvel, mas não ser escravo dele. As ruas são cenários prontos, caros demais para servir a apenas uma função. Por isso, podem e devem ter um uso múltiplo (…) "*[98]

---

[96] JACOBS, Jane, "The Death and Life of Great American Cities", Vintage Book Edition, 1992, New York; p.230 (Tradução do autor)

[97] GEHL, Jan, "Life between Buildings", Island Press, 2011, Washington DC; p.72 (Tradução do autor)

[98] LERNER, Jaime, "Acupuntura Urbana", Editora Record, 2011, Rio de Janeiro; p.58

## 3.4. Construído

### 3.4.1 Edifícios

No território estudado os edifícios existentes são na sua maioria residenciais, existindo ainda uma implantação considerável de edifícios destacados para uso de indústria, serviços, armazenamento e comércio para revenda. Os últimos encontram-se em áreas destacadas única e exclusivamente a este tipo de uso, formando estruturas de pouco interesse visual e onde o acesso é feito somente por veículos.

Quanto aos edifícios de habitação, estes são na sua grande maioria exclusivamente habitacionais, sem que existam lojas, escritórios ou pequenos serviços nos seus pisos térreos.

O comércio acessível aos habitantes da zona existe sobretudo na forma de supermercados.

Por outro lado, existem alguns edifícios que contrariam esta lógica de deserto, tais como, o centro de saúde, o centro cultural e o jardim de infância; mesmo estes introduzem pouca diversidade, e respondem de modo insuficiente às necessidades dos habitantes da zona.

É, a nosso ver, de grande importância, projectar um plano alternativo que incorpore uma maior amplitude de tipos de uso, ou seja: edifícios, estruturas e áreas com diferentes funções - destinadas a albergarem mais variedade.

*"Quanto mais variações poderem existir, melhor. No momento em que o leque e o número de variações nos edifícios reduzam, a diversidade da população e das empresas está demasiado apta a ficar estática ou decrescer, em vez de aumentar."*[99]

[99] JACOBS, Jane, "The Death and Life of Great American Cities", Vintage Book Edition, 1992, New York; p.214 (Tradução do autor)

Acreditamos ainda que a densidade desempenhe um papel central neste processo.

*"(…) uma densa concentração de pessoas é uma das condições necessárias para o florescimento da diversidade urbana."*[100]

Trata-se de um factor que poderá ajudar a reverter o estado actual de desertificação, na medida em que permite a possibilidade de estabelecer mais pontos de apoio onde a vida urbana se possa desenvolver. A densidade reforça uma estrutura mais coesa onde os eventos e as pessoas impulsionam o crescimento e desenvolvimento da cidade.

*"(…) pessoas reunidas em concentrações de tamanho e densidade podem ser consideradas um bem positivo, acreditando que estas sejam desejáveis na medida em que são uma fonte de imensa vitalidade, e porque representam, num círculo geograficamente pequeno, uma riqueza enorme e exuberante de diferenças e possibilidades, muitas destas diferenças tornam-se ainda mais valiosas devido às suas qualidades únicas e imprevisíveis. Dado este ponto de vista, intui-se que não só deveria este ajuntamento urbano ser bem aceite enquanto um facto físico, mas ainda, que elas deveriam ser valorizadas como um activo e a sua presença celebrada: aumentando as suas concentrações onde necessário para a que a vida urbana floresça, acomodando e encorajando, tanto economicamente como visualmente, um ambiente o mais diverso possível. (…) Nada de bom poderá acontecer às cidades, ao seu desenho, planeamento, economia, ou pessoas, se partirmos de um pressuposto emocional de que a populações urbanas densas sejam, por si, indesejáveis. No meu ver, estas são um bem. O desafio é o de promover a vida urbana dos cidadãos em concentrações que sejam suficientemente densas e diversas de modo a oferecer-lhes uma chance viável para desenvolverem a vida da cidade."*[101]

---

[100] JACOBS, Jane, "The Death and Life of Great American Cities", Vintage Book Edition, 1992, New York; p.205 (Tradução do autor)

[101] JACOBS, Jane, "The Death and Life of Great American Cities", Vintage Book Edition, 1992, New York; p.221 (Tradução do autor)

O hiato existente entre zonas e usos perpetua a descontinuidade que se verifica existir na área estudada. Mesmo o aparecimento de eventuais edifícios que sigam uma lógica de grandes dimensões e superfícies, embora preenchem espaços vazios, pouco poderão fazer para mitigar estas questões. Observamos que os casos presentes no território, na forma de grandes superfícies comerciais, aparentam apenas dar força a uma dinâmica de descontinuidade e separação de tecidos urbanos.

*"A vida de rua reduz drasticamente quando unidades pequenas são suplantadas por unidades grandes. É possível verificar como a vida de rua reduz em sítios onde bombas de gasolina e parques de estacionamento criaram buracos e vazios no tecido urbano, ou quando são implantadas unidades passivas, tais como, escritórios e bancos."*[102]

Dito isto, não é nossa intenção excluir tais usos do plano proposto, mas antes propor que futuros usos e serviços assumam uma forma mais integrada com a cidade e formem base de uma vida urbana ambientalmente positiva.

*"O contacto feito através da experiência daquilo que acontece entre o ambiente público e as habitações adjacentes, lojas, fábricas, oficinas, e edifícios comunitários, poderá proporcionar uma extensão delimitada e um enriquecimento de possibilidades para o aparecimento de experiências, em ambas as direções."*[103]

[102] GEHL, Jan, "Life between Buildings", Island Press, 2011, Washington DC; p.93 (Tradução do autor)

[103] GEHL, Jan, "Life between Buildings", Island Press, 2011, Washington DC; p.121 (Tradução do autor)

### 3.4.2 Intervenções

Paralelamente, salientamos o nosso dever em qualificar tais edifícios, bem como as áreas adjacentes, destinando-as ao usufruto público.

Reforçando igualmente *"(…) a importância das áreas residenciais terem espaços públicos onde não só existam oportunidades para uma pessoa caminhar e sentar, mas existam também oportunidades para agir, coisas para fazer, actividades no qual uma pessoa se possa envolver."*[104]

Para que tal aconteça é essencial qualificar tais espaços de um modo sensível, desenvolvendo-os enquanto lugares férteis à apropriação humana.

Pois *"É muito comum constatar que chegado momento de projectar um estrutura física para as actividades sociais e recreativas, as necessidades humanas são frequentemente suprimidas."*[105]

É também importante pensar a existência de espaços destinados às brincadeiras das crianças, uma vez que estas representam em grande parte o presente e o futuro da comunidade. O papel desempenhado pelas actividades lúdicas é basilar no crescimento humano. Sendo, subsequentemente, um factor de grande relevo para o desenvolvimento de uma sociedade saudável.

Adicionalmente, *"Para as crianças, o parque infantil é o lugar onde se pode sempre ir. Este papel é uma das funções mais importantes num espaço de recreio. Mesmo embora a maioria dos parques infantis tenham usos limitados, e as crianças sejam capazes de brincar em sítios não especializados para este fim, o parque infantil detém uma função*

---

[104] GEHL, Jan, "Life between Buildings", Island Press, 2011, Washington DC; p.120 (Tradução do autor)

[105] GEHL, Jan, "Life between Buildings", Island Press, 2011, Washington DC; p.37 (Tradução do autor)

*importante enquanto espaço de encontro, enquanto espaço que origina outras actividades infantis."*[106]

Trata-se ainda de um espaço de comunhão, na medida em que as famílias e a comunidade partilham e celebram a vida das suas crianças. É também verdade que este espaços são lugares ricos em movimento, som e positividade, conferindo vida à cidade e inspirando os "espectadores" que testemunham tal "espectáculo" - o brincar das crianças. Procuramos assim certificar-nos que existam tais espaços, enquanto lugares que promovem o desenvolvimento das crianças, assegurando a sua sanidade física e permitindo um crescimento a nível mental que poderá apenas surgir com a interação conjunta com outras crianças.

*"Nas cidades as crianças necessitam de uma variedade de espaços onde possam brincar e aprender. Precisam, entre outras coisas, de oportunidades para praticarem todo o tipo de desportos e exercícios físicos (…) No entanto, necessitam ao mesmo tempo de uma base exterior não especializada onde possam brincar, estar e formar as suas noções do mundo."*[107]

Para isto é necessário que os elementos que compõem a cidade - Edifícios, Ruas, Praças, Jardins, etc. - sejam qualificados e habitados por pessoas. A nosso ver, uma cidade que seja viva, saudável e diversa proporcionará um bom ambiente para uma criança crescer. Conceitos do mundo externo tenderão a ecoar no seu mundo interior, povoando a sua infância de imagens que serão basilares na sua construção e constituição enquanto pessoa.

---

[106] GEHL, Jan, "Life between Buildings", Island Press, 2011, Washington DC; p.117 (Tradução do autor)

[107] GEHL, Jan, "Life between Buildings", Island Press, 2011, Washington DC; p.81 (Tradução do autor)

### 3.4.3 Comércio

O comércio desenvolve um serviço de grande importância na cidade, tornando a sua presença fulcral qualquer seja o tecido urbano estudado. No nosso caso comprova-se uma escassez de espaços que cumpram esta função e ainda uma avassaladora falta de variedade nos serviços que prestam. Facto este que, a nosso ver, contribui em grande parte para a falta de vida que se sente no território em causa.

Observamos ainda que este fenómeno talvez decorra devido à ausência de proveito económico para eventuais empresas, na medida em que os tecidos urbanos estão de tal modo isolados, que surge ser pouco proveitoso sediar um pequeno estabelecimento comercial, visto que servirão poucas pessoas. Ora, quanto menos lojas ou cafés existirem menos viva será a rua, por outro lado, quanto menos gente estiver na rua menos razões existem para que se crie um negócio aí.

*"Quanto mais infértil o território simplificado se tornar para empresas económicas, menos serão os utilizadores, e mais infértil se tornará o território. Originando uma espécie de desconstrução progressiva ou processo de decadência."*[108]

Voltamos então à premissa da continuidade, apenas numa cidade contínua onde as pessoas se possam facilmente deslocar a pé de um lado para o outro, poderão existir condições para o estabelecimento de empresas económicas, pelo simples facto de uma loja - ou qualquer outro estabelecimento comercial - passar a servir um maior número de pessoas. Enquanto os tecidos urbanos estiverem isolados, assim estarão as pessoas. Tornando impossível qualquer tipo de empresa comercial que subsista de um contacto directo e regular com a população. Somente uma cidade que seja continuadamente variada em usos e funções se poderá tornar numa cidade verdadeiramente viva e construtiva.

[108] JACOBS, Jane, "The Death and Life of Great American Cities", Vintage Book Edition, 1992, New York; p.259 (Tradução do autor)

*"A diversidade comercial é, em si mesma, imensamente importante para as cidades, tanto socialmente como economicamente."*[109]

Surge-nos ainda um formato de dispositivo comercial que nos parece exemplar e digno de referência, a saber, o mercado.

O mercado é designado por um lugar público onde se reúnem comerciantes que vendem diversos tipos de mercadoria. As pessoas encontram uma série de bens e produtos enquanto caminham de banca em banca, num ambiente vibrante e dinâmico. Trata-se, a nosso ver, de um paradigma a estudar e ter em consideração, enquanto fenómeno social de envolvência e participação.

*"Todos nós ficamos cansados de ver as coisas iguais demais, um shopping normal nos exclui da cidade, com suas lojas tão iguais a ponto de você não saber em que cidade está. Mas as feiras e os mercados sempre foram pontos de referência numa cidade."*[110]

Acreditamos que a incorporação de um mercado, no plano urbano proposto, traga uma mais-valia a este território. Trata-se de um espaço público com inúmeros benefícios sociais, tais como: promover relações de vizinhança, atrair pessoas, vitalizar e dinamizar a área.

A nível de ambiente, existirão poucos lugares tão vivos como os mercados.

*"Eles acrescentam o som, o cheiro, a cor, e isso faz com que nossa identidade se sustente."*[111]

---

[109] JACOBS, Jane, "The Death and Life of Great American Cities", Vintage Book Edition, 1992, New York; p.148 (Tradução do autor)

[110] LERNER, Jaime, "Acupuntura Urbana", Editora Record, 2011, Rio de Janeiro; p.110

[111] LERNER, Jaime, "Acupuntura Urbana", Editora Record, 2011, Rio de Janeiro; p.39

É-nos difícil lembrar de um dispositivo que revitalize tão profundamente uma zona morta como um mercado. Podendo ainda tornar mais fácil o enraizamento das pessoas residentes e atrair novos habitantes. O mercado traz consigo um forte carácter referencial que promove, a nosso ver, um sentido de lugar.

*"O mercado é uma acupunctura de identidade numa época que muitas cidades se descaracterizam."*[112]

É precisamente com este intuito que o entendemos enquanto elemento-chave para a requalificação da zona estudada.

[112] LERNER, Jaime, "Acupuntura Urbana", Editora Record, 2011, Rio de Janeiro; p.111

### 3.4.4 Limites

Devido à fragmentação múltipla - causada pelos hiatos entre os tecidos urbanos neste território - poder-se-á notar a existência de vários limites. Limites estes que ajudam, por sua vez, a perpetuar a separação entre bairros. Trata-se de um ciclo vicioso que apenas alimenta a descontinuidade e o fenómeno de isolamento.

*"Para além da tendência a produzirem vácuos nos terrenos adjacentes, as fronteiras partem as cidades aos bocados, ao dividir os bairros da cidade. Neste sentido, as fronteiras comportam-se de maneira oposta aos parques pequenos. Os parques pequenos, quando são atractivos e acarinhados pelas pessoas, tecem de modo conjunto os bairros, unindo não só os bairros mas também os seus habitantes."*[113]

Consideramos que os limites internos deverão ser superados de forma a procurar uma continuidade no tecido urbano e social.

"Um limite pode tornar-se algo mais do que um simples obstáculo dominante se permitirmos que dele façam parte algumas qualidades motoras e visuais - se for, tal como antigamente era estruturado parcialmente com as regiões confinantes. Torna-se então, mais uma "costura" do que uma barreira, uma linha de intercâmbio ao longo da qual foram alinhavadas duas áreas."[114]

A estas fronteiras internas acrescem ainda os limites criados pelas barreiras artificiais (auto-estradas, vias rápidas) e naturais (declive acentuado do terreno e existência do rio).

A nosso ver estes limites deverão permitir uma permeabilidade pontual, tornando-se passíveis de travessia.

---

[113] JACOBS, Jane, "The Death and Life of Great American Cities", Vintage Book Edition, 1992, New York; p.264 (Tradução do autor)

[114] LYNCH, Kevin, "A Imagem da Cidade", Edições 70, 2009, Lisboa; p.104

Acreditamos ser importante manter a sua qualidade demarcadora, no entanto, é-nos urgente repensar o modo no qual estes limites influem nas áreas adjacentes, sobretudo a nível interno. Queremos com isto dizer que é preciso levar em conta não só o ambiente vivido neste espaços - qualificando-os e revelando seus enormes potenciais - mas também procurar entender como agem perante as respectivas zonas contíguas.

*"De modo geral as fronteiras são tidas como objectos passivos, ou simplesmente como limites. No entanto, uma fronteira exerce uma influência activa."*[115]

Observamos, actualmente, que estas barreiras influem de modo destrutivo nos tecidos que envolvem, criando espaços áridos e desqualificados. Acreditamos no entanto ser possível reverter esta situação, através da qualificação destas mesmas zonas marginais de modo a que cumpram um efeito de consolidação urbana.

Estas áreas possuem características muito específicas que poderão ajudar a firmar a complexidade e variedade de tecidos internos, imprimindo um senso de unidade e coesão a esta parte da cidade.

Para isto *"(...) os limites requerem uma certa continuidade de forma através do seu comprimento."*[116]

É essencial que assumam uma forma coerente com o resto do plano, no sentido em que os limites deverão, a nosso ver, ser representativos daquilo que delimitam.

*"Se um limite falhar, então um espaço nunca se tornará vivaz."*[117]

---

[115] JACOBS, Jane, "The Death and Life of Great American Cities", Vintage Book Edition, 1992, New York; p.257 (Tradução do autor)

[116] LYNCH, Kevin, "A Imagem da Cidade", Edições 70, 2009, Lisboa; p.103

[117] ALEXANDER, Christopher apud GEHL, "Life between Buildings", Island Press, 2011, Washington DC; p.117 (Tradução do autor)

Disto isto, imaginamos uma sucessão de espaços perimetrais que promovam uma acção construtiva de carácter exógeno, ou seja, que ajam de fora para dentro. A nosso ver, a revitalização - do território em questão - desenvolver-se-á de forma mais célere e consolidada, caso tenha tanto um núcleo como um perímetro activos, ambos qualificados e qualificadores.

### 3.4.5. Referências

À semelhança de outras zonas suburbanas, este território encerra em si muito poucas referências, é-nos fácil perder-nos dentro do mesmo. Dado o caracter caótico do seu ordenamento e a ausência de elementos notáveis, os habitantes desta zona tem apenas os rios - Rio Tejo e Rio Trancão - como referências geográficas e as estradas, que na sua qualidade de barreiras indicam limites ao território de ação dos residentes. Enquanto a existência das estradas é praticamente omnipresente, sendo impossível evitá-la a nível sensorial. Os rios, mesmo estando ali ao lado, são frequentemente ocultados e a valorização da sua proximidade é imperceptível.

Neste sentido, parece-nos essencial imprimir um caracter referencial às intervenções propostas, sejam estas quais forem. Claro está que a partir do momento em que existam lugares com uma identidade própria, estes funcionarão também como referências. No entanto, é também nosso propósito implantar estruturas e dispositivos cuja primeira função seja precisamente a de servirem enquanto marco. Ajudando na organização do plano, na medida em que indicam e metem em evidência um determinado espaço. Espaço este cuja importância poderá ser justamente revelada através da utilização de estruturas alusivas à sua situação e relação com a cidade.

*"Os pontos de referência, tal como o nome indica, são pistas para a orientação. No entanto, os pontos de referência urbanos que funcionam especialmente bem, desenvolvem ainda dois outros serviços na clarificação da ordem das cidades. Primeiro, enfatizam (e dignificam) a diversidade das cidades; fazem-no chamando a atenção para o facto de serem diferentes dos seus vizinhos, e tornam-se importantes devido à sua diferença. Esta afirmação explícita sobre si mesmos traz consigo uma afirmação implícita relativamente à composição e ordem das cidades. Segundo, em certos casos os pontos de referência podem valorizar certas áreas da cidade que são funcionalmente*

*importantes mas que necessitam que esse facto seja visualmente reconhecido e dignificado perante os nossos olhos."*[118]

Dado que as comunidades sediadas nesta área sofrem de vários problemas sociais, os quais são reforçados, a nosso ver, pela localização onde se encontram - composta por uma estrutura urbana mal planeada - que exerce uma pressão destrutiva sobre as mesmas (comunidades). Voltamos a frisar a importância desta empresa, sobretudo por acreditarmos que esta promova o enraizamento.

Para que isto aconteça será necessário incluir elementos de qualidades referenciais ao longo de todo o plano. Com vista a ancorar o plano em pontos concretos, dotados de especificidades próprias e relativos aos lugares onde se encontram. É, no entanto, nossa preocupação manter sempre certos aspectos que remetam para o plano geral e sua linguagem comum.

*"Os elementos podem também ser organizados numa sequência contínua, permitindo que todo um percurso seja passível de identificação e se torne confortável através de uma sucessão familiar de pormenores."*[119]

Reforçamos ainda que tais elementos se deverão sempre ajustar à realidade onde se encontram e  enquadrarem-se com a envolvente.

Dito isto, *"Um elemento marcante não é necessariamente grande (...) crucial é a sua localização."*[120]

---

[118] JACOBS, Jane, "The Death and Life of Great American Cities", Vintage Book Edition, 1992, New York; p.384 (Tradução do autor)

[119] LYNCH, Kevin, "A Imagem da Cidade", Edições 70, 2009, Lisboa; p.105

[120] LYNCH, Kevin, "A Imagem da Cidade", Edições 70, 2009, Lisboa; p.104

*"Se a pudermos identificar, quer ao longe quer ao pé, quer nos movamos devagar ou rapidamente, de dia ou de noite, tornar-se-á um ponto de apoio para a percepção do complexo e mutável mundo urbano."*[121]

A importância destes elementos na estruturação da cidade reflectir-se-á ainda na imagem mental que as pessoas constroem internamente. Estes lugares reverberarão assim na dimensão humana da cidade, ajudando os cidadãos a apropriarem-se da mesma.

*"Todo o cidadão possui muitas relações com algumas partes da sua cidade e a sua imagem está impregnada de memórias e significações."*[122]

A questão referencial desempenha então um papel nuclear a nível de pensamento e planeamento da cidade. A implantação de estruturas qualificadas com tais características surge-nos como uma acção construtiva de imagens que apoiam a existência humana, fomentando o crescimento das pessoas a nível social e ainda a um nível individual, mais profundo e íntimo.

*"Uma imagem viável requer, em primeiro lugar, a identificação de um objecto, o que implica a sua distinção de outras coisas, o seu reconhecimento como entidade separável. Falamos de identidade, mas não no sentido de igualdade com outra coisa qualquer, antes significando individualidade ou particularidade. Em segundo lugar, a imagem tem de incluir a relação estrutural ou espacial do objecto com o observador e com os outros objectos. Em último lugar, este objecto tem de ter para o observador um significado quer prático quer emocional. Isto significa que existe também uma relação, mas uma relação diferente da espacial ou estrutural."*[123]

---

[121] LYNCH, Kevin, "A Imagem da Cidade", Edições 70, 2009, Lisboa; p.105

[122] LYNCH, Kevin, "A Imagem da Cidade", Edições 70, 2009, Lisboa; p.9

[123] LYNCH, Kevin, "A Imagem da Cidade", Edições 70, 2009, Lisboa; p.16

Esta relação individual perante dado objecto, replica a presença do objecto na pessoa, tornando por sua vez o objecto pessoal. A este ponto, o objecto pertence à pessoa, mesmo embora lhe seja fisicamente exterior, o objecto é - enquanto imagem - seu. O poder deste fenómeno é enorme, na medida em que o habitante reencontra partes de si mesmo na cidade. Nesse momento a cidade passa a ser projectada pelo próprio habitante. Completando-se assim um processo de integração: A cidade pertence ao cidadão / o cidadão pertence à cidade. Nascendo o fenómeno de cidadania.

*"Identidade, autoestima, sentimento de pertencer, tudo tem a ver com os pontos de referência que uma pessoa possui em relação à sua cidade."*[124]

A nosso ver, esta dinâmica é indispensável se quisermos realmente ativar este território, pois em última análise, são as pessoas que fazem a cidade.

[124] LERNER, Jaime, "Acupuntura Urbana", Editora Record, 2011, Rio de Janeiro; p.77

### 3.5. Conclusão

Procurámos assim encontrar pistas que nos sugerissem a abordagem a tomar aquando da projectação do plano urbano que visamos propor.

*"É, no entanto, infrutífero, procurar um elemento-chave dramático que clarifique tudo. Na verdade, não existe nenhum elemento singular na cidade que possa servir de chave. É precisamente a própria mistura que se torna chave, e a ordem encontra-se no seu mutuo apoio (…) A verdadeira estrutura de uma cidade consiste na mistura de usos, e é somente quando lidamos com as condições que geram a sua diversidade que nos conseguimos aproximar dos seus segredos estruturais."*[125]

Podemos porém considerar qual o tipo de objectivos gerais a serem delineados pela nossa intervenção.

Sendo a meta a de projectar com vista à vitalidade urbana, o planeamento deverá: *"(…) estimular e catalizar a maior variedade e quantidade possível de diversidade entre os usos e as pessoas; esta é a fundação base da força económica, vitalidade social e magnetismo de uma cidade. (…) promover redes contínuas de bairros locais (…) combater a presença destrutiva de vácuos fronteiriços e ajudar promover a identificação das pessoas com os seus próprios bairros (…) visar a desguetização dos bairros degradados, criando condições no sentido de persuadir uma proporção alta dos residentes locais, sejam estes quem forem, a permanecerem no seu bairro de livre vontade, de modo a que exista uma diversidade em constante crescimento entre a população e uma continuidade da comunidade, tanto para velhos residentes ou recém-chegados. O planeamento para a vitalidade deverá visar a clarificação da ordem visual das cidades, e deverá fazê-lo através da promoção e iluminação da ordem funcional, por contraposição à sua obstrução ou negação."*[126]

---

[125] JACOBS, Jane, "The Death and Life of Great American Cities", Vintage Book Edition, 1992, New York; p.376 (Tradução do autor)

[126] JACOBS, Jane, "The Death and Life of Great American Cities", Vintage Book Edition, 1992, New York; p.409 (Tradução do autor)

Relembramos mais uma vez a importância da mistura de funções na nossa aproximação àquilo que achamos essencial numa cidade, sendo que *"(…) a continuidade do processo é fundamental. Continuidade é vida."*[127]

A continuidade poderá apenas ser garantida de modo pleno, caso exista uma riqueza e diversidade de usos. A este movimento acresce a integração de elementos variados, que suturem a actual fragmentação do território estudado. Com vista a incorporar toda esta multiplicidade de tipos e usos num plano uno.

*"A combinação destes dispositivos - ruas mais numerosas, parques vivazes em lugares vivazes, e vários usos não-residenciais misturados, juntamente com uma grande variedade nas próprias habitações - cria efeitos totalmente diferentes do ambiente cinzento sentido no meio de vastas áreas ocupadas exclusivamente por edifícios residenciais de alta densidade. (…) Cada um destes dispositivos contribui, à sua própria maneira singular e indispensável, para a diversidade e vitalidade de uma área, para que algo de construtivo possa resultar da alta densidade em vez da inércia."*[128]

Visa-se com esta intervenção reanimar este território degradado, influindo de modo positivo na vida das pessoas. Cabe-nos a tarefa de implantar uma estrutura urbana flexível e que apoie de modo construtivo a vida - social e individual - dos cidadãos. Para isto é necessário um esforço para ler nas entre-linhas e projectar não só aquilo que é fisicamente construído, mas tentar também adivinhar aquilo que sucede, ou poderá suceder, no espaço que se encontra entre o construído. Dando espaço para que a vida tome o seu lugar, desenvolvendo-se naturalmente.

*"A vida entre os edifícios é potencialmente um processo de auto-reforço. Quando alguém começa a fazer algo, existe uma tendência clara para que outros se juntem, quer*

---

[127] LERNER, Jaime, "Acupuntura Urbana", Editora Record, 2011, Rio de Janeiro; p.38

[128] JACOBS, Jane, "The Death and Life of Great American Cities", Vintage Book Edition, 1992, New York; p.218 (Tradução do autor)

*seja para participarem eles próprios ou somente para experienciar o que outros estão a fazer. Deste modo, tanto os indivíduos como os eventos se poderão influenciar e estimular mutuamente. Uma vez que este processo tenha começado, a actividade geral será quase sempre maior e mais complexa do que a soma das actividades originalmente envolvidas.(…) Nos parques infantis poder-se-á notar como as actividades lúdicas são comparavelmente auto-reforçantes. Se algumas crianças começam a brincar, outras inspiram-se para sairem de casa e entrar na brincadeira, fazendo assim com que o grupo cresça rapidamente. Dando origem a um processo. No domínio público poder-se-ão ver padrões semelhantes. Se existirem muitas pessoas, ou se algo acontece, mais pessoas virão e mais eventos terão lugar, sendo que estas actividades terão tendência a aumentar tanto em extensão como em duração."*[129]

Dito isto, é essencial levar em conta de que *"(…) a forma de uma cidade ou de uma área metropolitana (…) tem de ser maleável aos hábitos de milhares de cidadãos, aberta a mudanças de função e significado, receptiva à formação de novas imagens. Deve convidar aqueles que a contemplam a explorar o mundo."*[130]

Acreditamos também que a arte poderá - e deverá - ter o seu lugar, na medida em que a entendemos como uma força motriz necessária para a elevação da condição humana.

*"Se a arte e o público crescerem juntos, as nossas cidades serão uma fonte de prazer diário para milhões de habitantes."*[131]

Em concordância com esta linha de pensamento, citamos uma frase do arquitecto finlandês Eero Saarinen[132] relativa à sua acepção da arquitectura.

---

[129] GEHL, Jan, "Life between Buildings", Island Press, 2011, Washington DC; p.73 (Tradução do autor)

[130] LYNCH, Kevin, "A Imagem da Cidade", Edições 70, 2009, Lisboa; p.122

[131] LYNCH, Kevin, "A Imagem da Cidade", Edições 70, 2009, Lisboa; p.122

[132] **Eero Saarinen** (20 de Agosto, 1910 – 1 de Setembro, 1961) Arquitecto Finlandês

***"The purpose of architecture is to shelter and enhance man's life on earth and to fulfill his belief in the nobility of his existence"***

Resumindo, *"Precisamos de um meio ambiente que não seja simplesmente bem organizado, mas também poético e simbólico. Deve falar dos indivíduos e da sua sociedade complicada, das suas aspirações e tradições históricas, do conjunto natural e das funções e movimentos complicados do mundo citadino. Mas a clareza de estrutura e vivacidade de identidade são os primeiros passos para o desenvolvimento de símbolos fortes. Aparecendo como um local notável e bem interligado, a cidade pode constituir um espaço para a aglomeração e organização destes significados e associações. Um tal sentido de lugar reforça todas as actividades humanas aí desenvolvidas (…)"*[133]

Em conclusão, colocamos a hipótese deste território se tornar num lugar vivo e claro, no cenário meramente hipotético disso acontecer, nesse momento, *"Se fosse legível, verdadeiramente visível, então o medo e a confusão poderiam ser substituídos pelo deleite (…)"*[134]

A cidade cumpriria então o seu desígnio.

[133] LYNCH, Kevin, "A Imagem da Cidade", Edições 70, 2009, Lisboa; p.122

[134] LYNCH, Kevin, "A Imagem da Cidade", Edições 70, 2009, Lisboa; p.122

## 4. Proposta projectual

### 4.1. Geral

A ideação projectual começa por considerar quais as situações mais evidentes de desarticulação urbana. Tomando então como ponto de partida a ligação dos bairros e das comunidades existentes, imagina-se o acto de unir os diferentes tecidos urbanos como se de uma manta de retalhos - *patchwork* - se tratara, onde o recurso a uma linha servirá para tecer o conjunto de situações dispares numa composição una, promovendo a sua diversidade.

É importante o conceito de unidade, sobretudo no que diz respeito à linguagem arquitectónica utilizada, objectiva-se um sentido de coesão urbana, de modo a que a comunidade sinta pertença e segurança no território ao qual chama de casa.

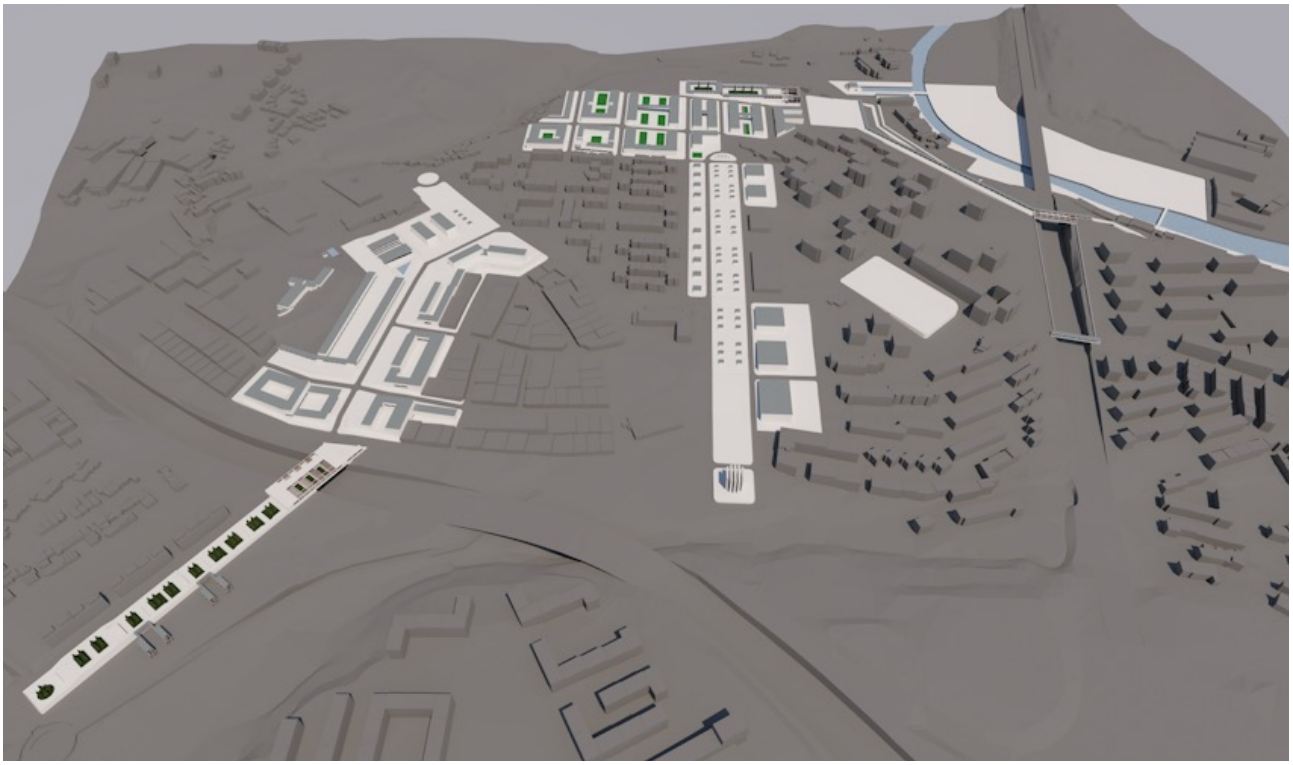
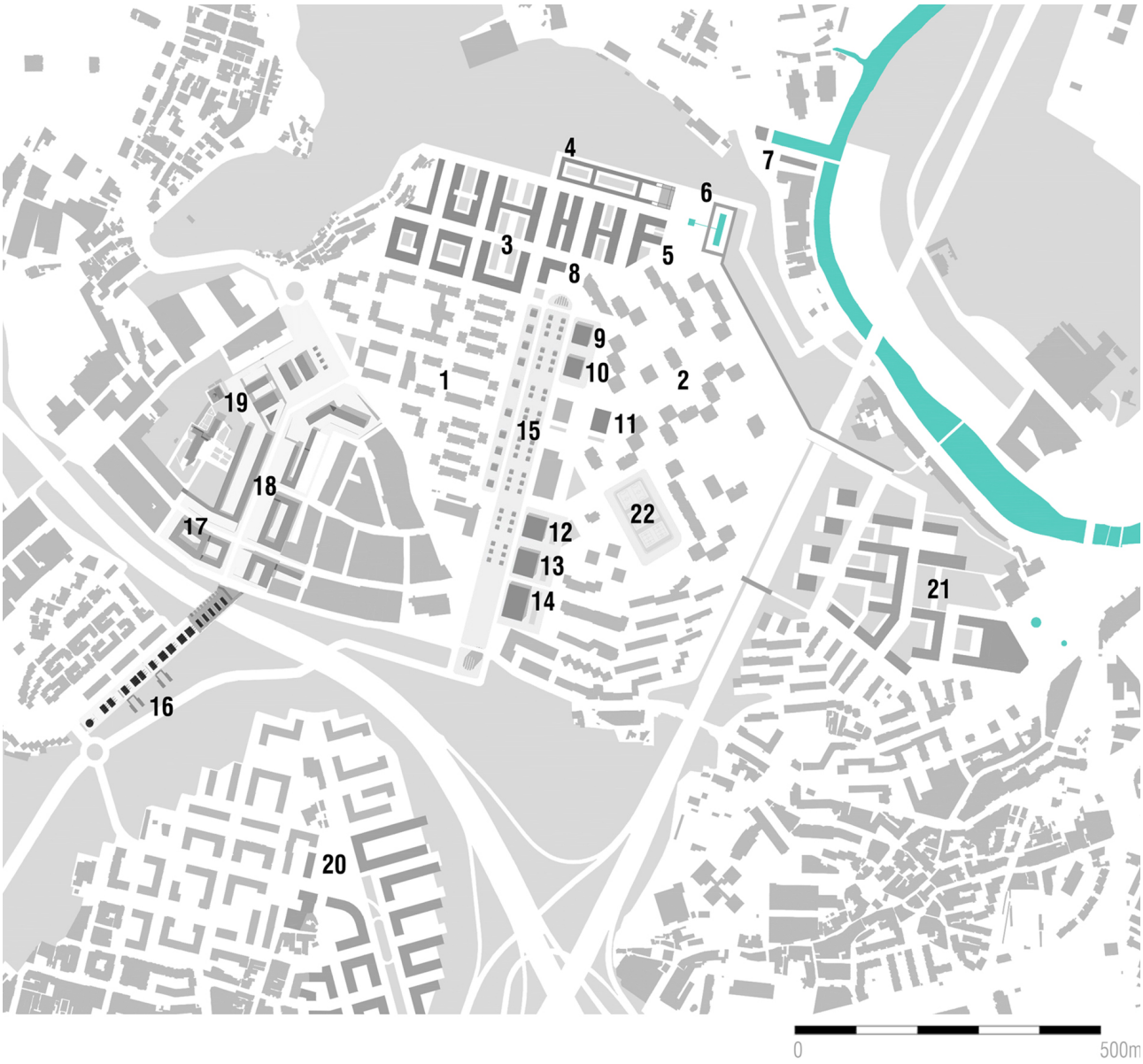


Fig.16




**1.** Quinta do Mocho

**2.** Terraços da Ponte

**3.** Bairro novo (Habitação e Comércio)

**4.** Auditório e Jardins

**5.** Escola

**6.** Miradouro e Parque Infantil

**7.** Clube de Remo

**8.** Centro Cultural (Ampliação)

**9.** Tribunal

**10.** Junta de Freguesia

**11.** Biblioteca

**12.** Farmácia e Centro de Análises

**13.** Esquadra da Policia

**14.** Loja do Cidadão

**15.** Alameda e Mercado

**16.** Jardins e Pombais

**17.** Start-ups

**18.** Habitação, Comércio e Oficinas

**19.** Centro de dia e Quinta pedagógica

**20.** Proposta Prior Velho / *Atelier Risco*

**21.** Proposta Sacavém / *Atelier Risco*

**22.** Recinto desportivo



## 4.2. Eixo Central

Apontamos inicialmente a necessidade de compreender a situação entre a Quinta do Mocho e a urbanização Terraços da Ponte, a relação actual entre ambos os bairros aparenta ser uma de separação. A avenida que se encontra no espaço intersticial, Avenida das Comunidades, é composta maioritariamente por vias de circulação - caracterizadas por 8 faixas viárias e 3 separadores - perfazendo entre elas uma largura total aproximada de 63 metros. À qual acresce uma área considerável de terreno desqualificado nas margens das vias.



Fig. 17

Neste eixo, que se apresenta possivelmente como o eixo estruturante de maior relevância no território estudado, ergue-se ainda uma estrutura que suporta cabos de alta tensão, sendo esta presença uma que se impõe - sombreando fisicamente e psicologicamente todo o espaço em seu torno - comprometendo a dignidade do ambiente vivenciado nesta zona.

Acreditamos tratar-se de uma verdadeira barreira que se ergue entre estes dois bairros e comunidades, isolando-os bilateralmente.



Fig. 18

Sendo a Avenida uma artéria principal que julgar-se-ia de importância vital na composição e união deste território, com o potencial para se tornar num espaço de encontro entre as comunidades residentes e destas com visitantes.

Coloca-se então a hipótese deste eixo ser redesenhado e requalificado, convertendo-o num lugar que promova um sentido de cidadania, identidade e integração.

Devido à importância deste eixo estruturante achamos pertinente qualificá-lo de modo a que ele se torne num espaço comum que dinamize o território, assumindo um caracter de centralidade, munindo a cidade de serviços e sugerindo um espaço tanto de circulação e de passeio, como um lugar de permanência.

Imagina-se assim ao longo da banda central da avenida, a implantação de um mercado composto por pequenas estruturas servidoras que tomem a forma de bancas, ligadas entre si por um espaço de circulação coberto e aberto à rua. Estas seriam organizadas por zonas que corresponderiam a diversos produtos, a saber: Peixe, Carne, Vegetais, Flores, etc. Incluindo ainda cafés, tabacarias, papelarias, bancas de livros, etc.

Procura-se a criação de uma avenida qualificada, onde a existência destes pequenos serviços, potenciais dinamizadores económicos e culturais, convivem com a presença de árvores, candeeiros, bebedouros, e bancos.

A jusante, existiria uma praça que acolheria os habitantes da zona, delineando ao mesmo tempo um lugar de ingresso.

De modo a integrar ambos os bairros, localizar-se-iam de modo paralelo e nos seus limites, edifícios de carácter público, compondo não só uma frente de rua côngrua com esta imagem central, mas dotando também o centro de serviços essenciais para uma vivência social saudável. Coloca-se a hipótese deste gesto poder vir a aproximar os

bairros, ajudando a criar laços de vizinhança, actualmente inexistentes, e atrair cidadãos a este novo centro.

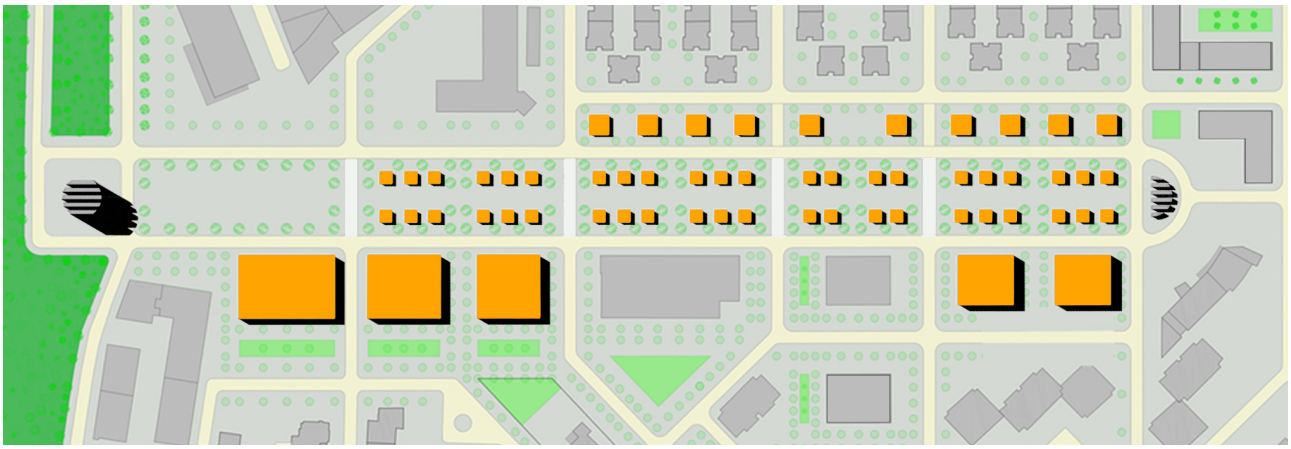


Fig. 19

Tanto no extremo a montante como no extremo a jusante, a avenida seria rematada por elementos escultóricos de carácter referencial, imprimindo um sentido de lugar munido de uma identidade própria.

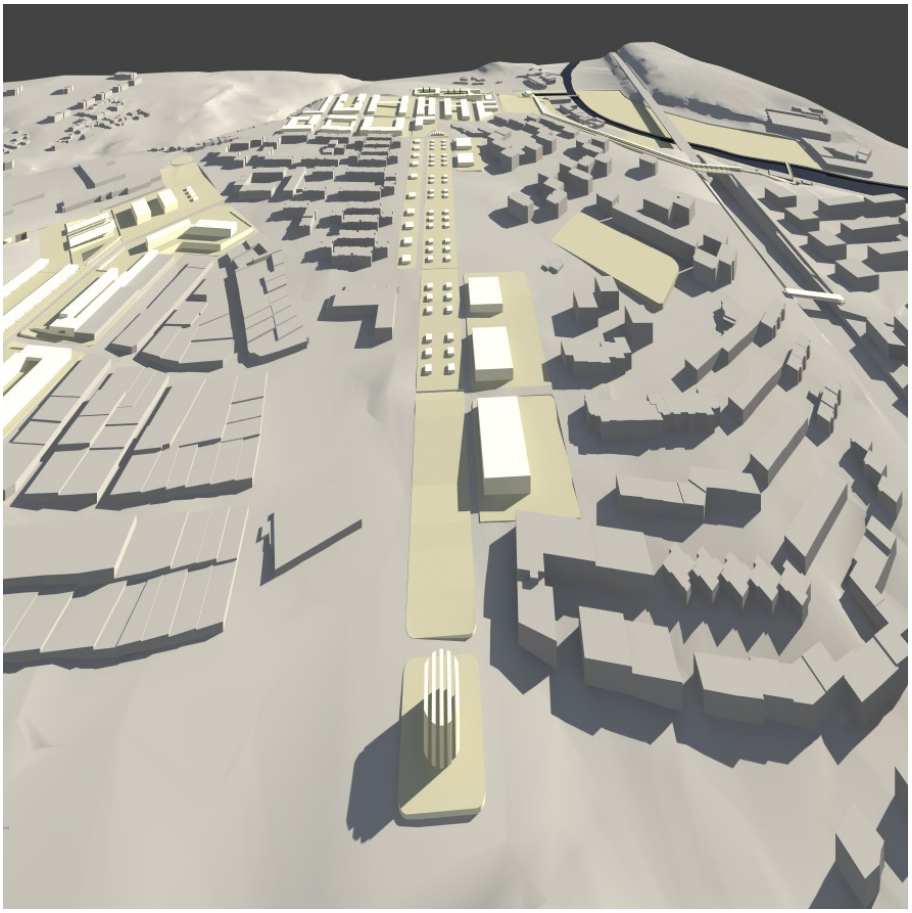


Fig.20

### 4.2. Quinta do Mocho

No caso do Bairro da Quinta do Mocho, apontam-se várias questões que nos parecem ser pertinentes e perante as quais propomos as seguintes hipóteses.

Permeabilizar o bairro permitindo o acesso viário pela parte sul do seu limite. Propondo ainda o redesenho da rede de circulação interna de modo a ligá-la à rede viária geral, visando assim optimizar a sua funcionalidade e eficácia.

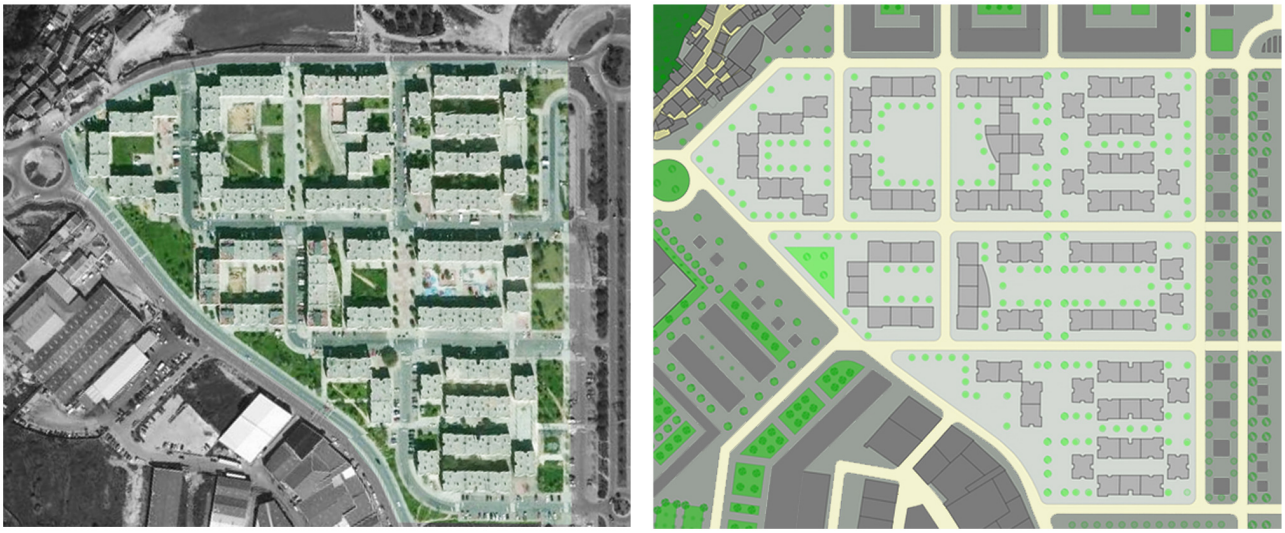


Fig. 24

Trabalhar-se-iam, de maneira complementar, os passeios. Proporcionando mais espaço e mobilidade ao peão. É importante salientar que se imagina um plano onde o carro e os espaços viários perdem a sua actual hegemonia, tomando um segundo plano. Parece-nos razoável que as vias cumpram os seus objectivos funcionais, reduzindo-as à sua utilidade de tornar possível a circulação e transporte de pessoas dum modo eficaz. De modo a dar a primazia ao peão, os espaços seriam pensados com o principal intuito de promover a mobilidade e o bem-estar das pessoas, rompendo assim a relação de dependência que o território e seus habitantes têm com a viatura privada.

Consideramos que esta área urbana poderá somente vir a ser sustentável quando for munida de uma rede viária funcional, optimizada de modo a albergar um sistema de transportação público, cómodo e eficaz.

Relativamente aos espaços existentes no interior do bairro, logradouros e ruas, estes poderão ser tratados com o fim de serem utilizados e apropriados pelos habitantes. Munindo-os de mobiliário urbano, árvores e zonas ajardinadas, procurando assim a criação de lugares de permanência e circulação. Dinamizando o espaço social, fortalecendo laços de vizinhança e proporcionando um ambiente saudável que permita aos residentes um sentimento de pertença e orgulho no seu bairro. Procura-se assim contrariar a carga negativa associada ao bairro, tentando com isto *desmarginalizá*-lo socialmente.

Lembram-se os casos positivos que visaram melhorar a imagem do bairro na cidade, nomeadamente o projecto: "O Bairro i o Mundo", que através do recurso aos *graffiti* deram uma nova "cara" ao edifícios, requalificando fachadas com várias obras de arte urbana. Permitindo uma nova leitura deste canto da cidade e restituindo aos seus habitantes um motivo de orgulho e identidade. Embora não se trate de uma contribuição de carácter estrutural mas sim superficial, acreditamos que este tipo de abordagem seja um bom exemplo daquilo que poderá ser feito para tornar este espaço num terreno fértil e criativo, tanto para famílias como para os indivíduos que as compõem.




Fig. 25





Fig. 27

Poder-se-ia incluir esta estratégia de modo menos temporário, passando este tipo de obra para um suporte de carácter mais permanente, como por exemplo painéis de

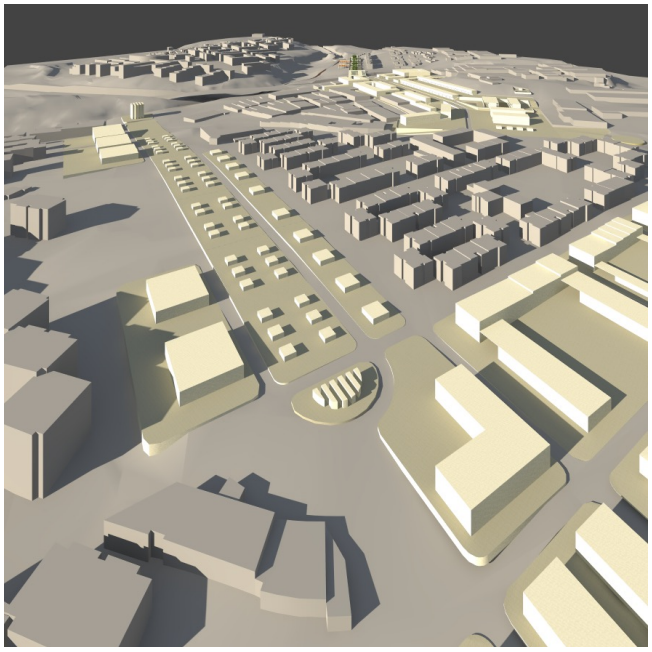


Fig.21

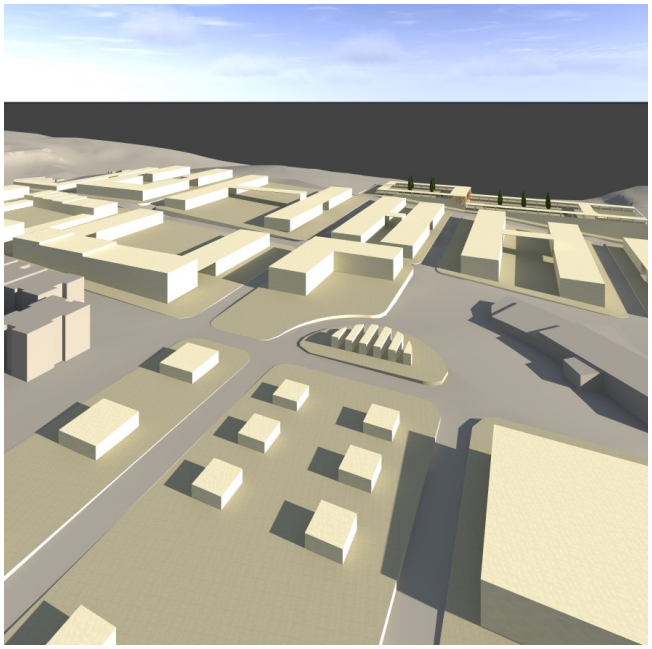


Fig.22

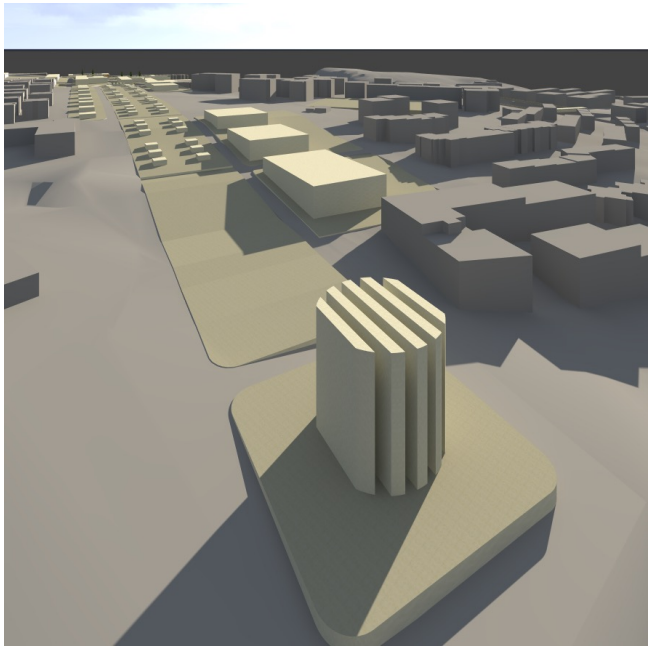


Fig.23

azulejos ou mosaicos, mantendo sempre a linguagem expressiva do movimento artístico da *street art*. Este tipo de intervenção seria passível de surgir não só nas fachadas, mas também em paragens de autocarros ou outro tipo de estruturas de apoio público.

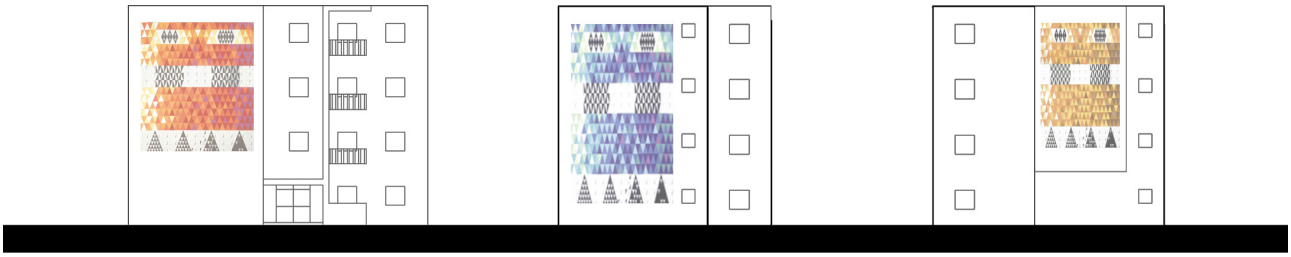


Fig. 28

No que diz respeito à existência de serviços e comércio no bairro, imagina-se uma revitalização a nível do piso térreo dos edifícios de habitação que contrarie a situação actual de abandono em que estes espaços se encontram. Procurando assim incentivar o comércio local e a dinamização das ruas que constituem o bairro.

## 5.3. Terraços da Ponte

Notamos que existem vários espaços remanescentes após a recente implantação dos edifícios que compõem este bairro, notam-se nomeadamente algumas lacunas a nível de circulação, tanto viária como pedonal. Existem algumas zonas desqualificadas e uma relação de isolamento perante os bairros vizinhos, sendo as ligações existentes frágeis e pouco inclusivas.



Fig. 29

Propomos uma maior permeabilidade em relação ao exterior e bairros circundantes, bem como uma reconfiguração pontual da dinâmica interna deste novo bairro. Consideramos  ainda que os terrenos que são presentemente baldios poderiam passar por um processo de qualificação, adquirindo o carácter de espaços públicos, tais como: passeios, jardins, um recinto desportivo, etc. Visando também requalificar o limite exterior - do bairro - a leste. Esta zona limítrofe, estando orientada para ambos os rios -

Rio Tejo e Rio Trancão - e existindo a uma cota superior, permite uma zona de passeio e a hipótese de atravessamento para a cidade de Sacávem - sobre a autoestrada.

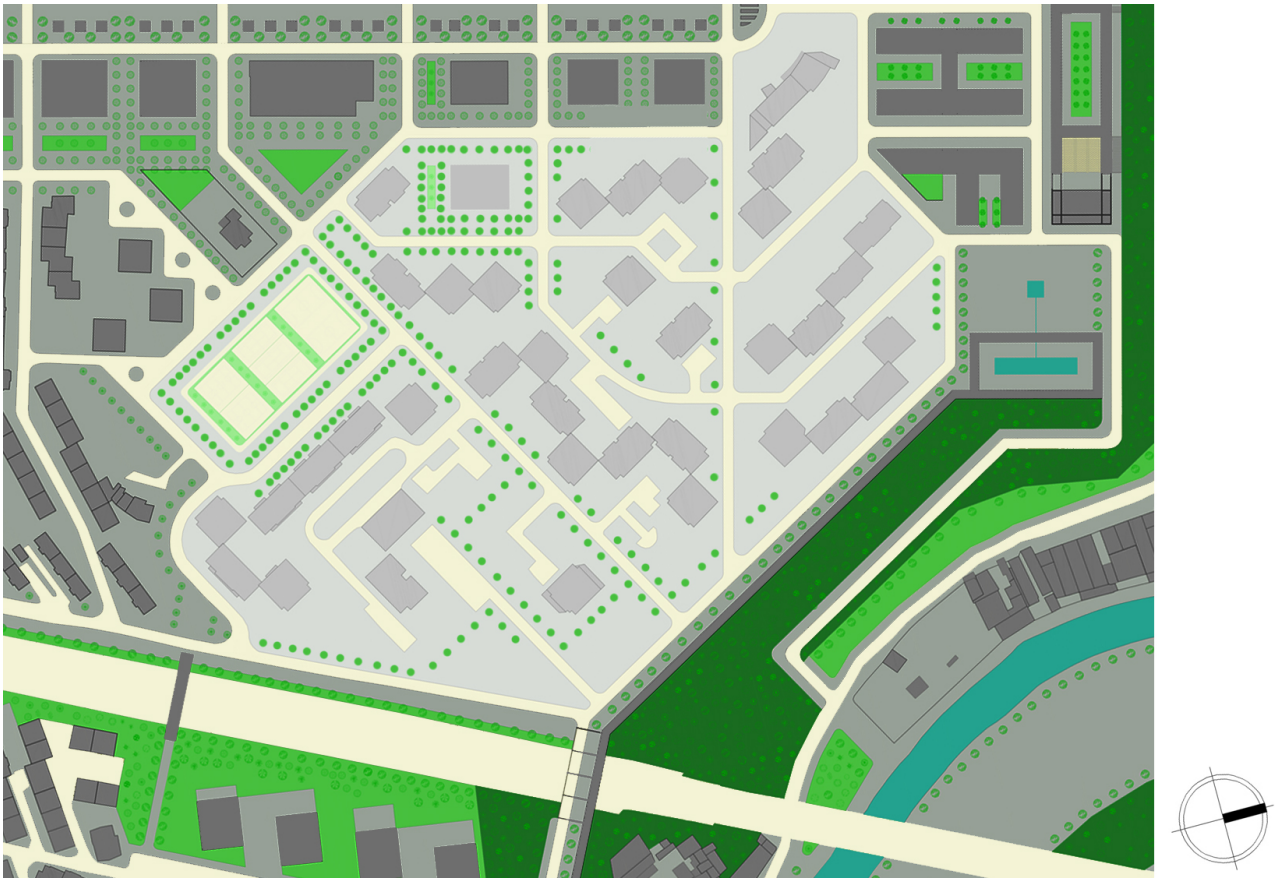


Fig. 30

## 5.4. Bairro Novo

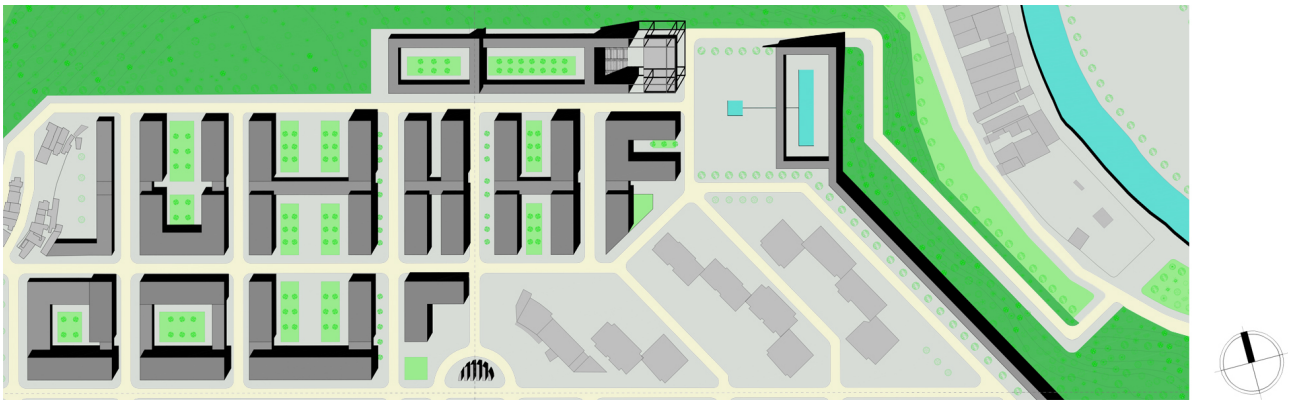


Fig. 31

A Norte, onde presentemente se encontra uma zona desqualificada, propor-se-ia a expansão da área verde pré-existente, tornando-a numa zona ecológica delimitada. Esta seria por sua vez vizinha da zona urbana proposta. Entre estas - área verde e área urbana - existiria um terceiro espaço intervalar qualificado por ambas as áreas. Propõe-se a criação de uma zona que servisse de intermédio às estruturas urbanas - no seu sentido estrito - ligando a zona de reserva ecológica e o espaço urbano.

Um espaço de transição que visa tornar o encontro entre o espaço urbanizado e o espaço verde num lugar dinâmico. Integrando ao mesmo tempo o verde na cidade e a cidade no verde, com passeios parcialmente cobertos, integrando espaços de permanência, um auditório a céu aberto, uma escola, um miradouro sobre o vale do Rio Trancão e sua Foz.

Relativamente ao espaço urbano, a proposta consiste na criação de um novo bairro. Consideramos que a existência deste terceiro bairro desempenharia um papel importante na união dos bairros contíguos - A Quinta do Mocho e Terraços da Ponte - através de uma lógica de continuidade do edificado. Composto maioritariamente por edifícios habitacionais, e paralelamente, por estruturas de serviços e comércio - sendo estas últimas ocasionalmente integradas nos pisos térreos dos edifícios de habitação.

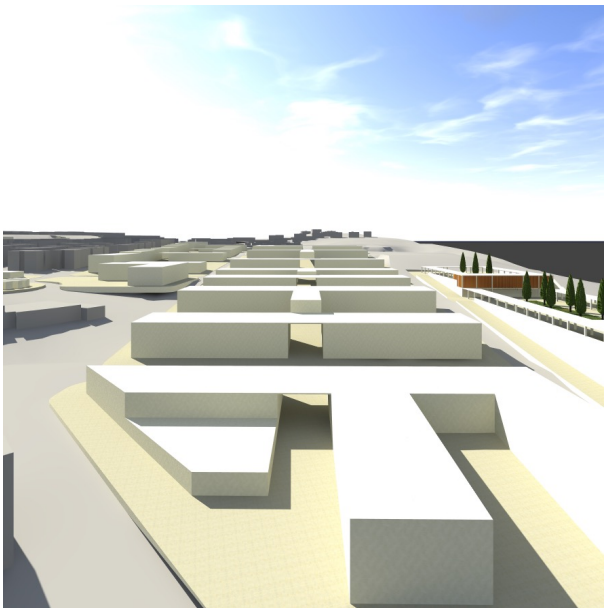


Fig.32

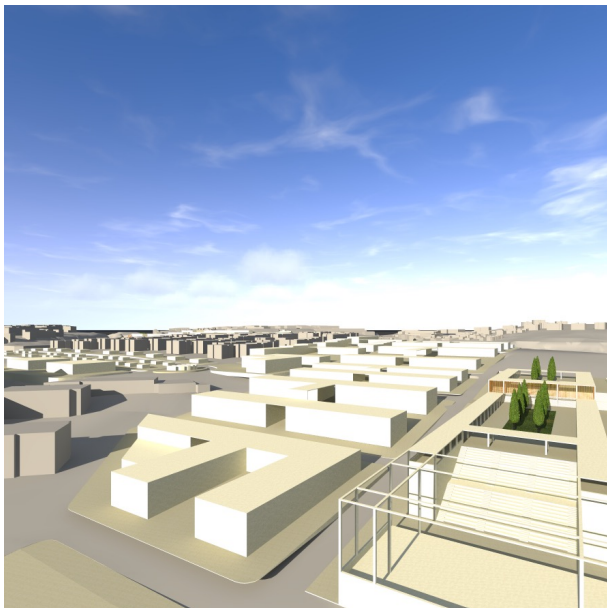


Fig.33

Aqui o intuito é o de dinamizar a zona, criando habitação de baixa densidade para novos residentes, impregnando assim esta área de uma nova vida. A nível programático as tipologias seriam variadas, permitindo flexibilidade na inclusão de diversos tipos de ocupação: Pessoas solteiras, casais, ou famílias.

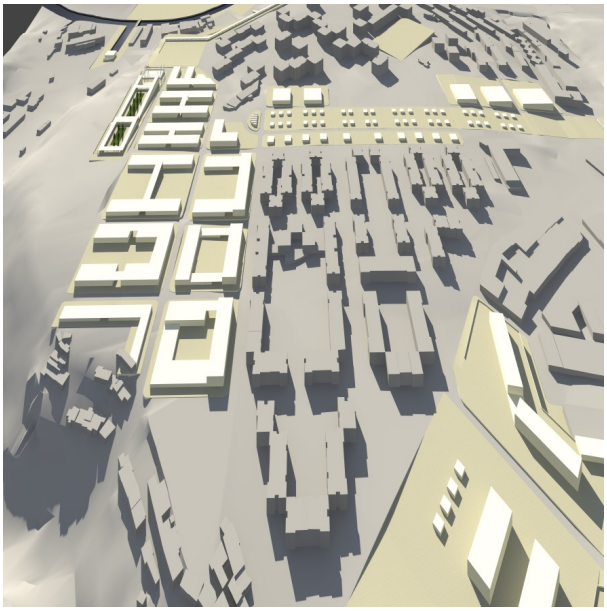


Fig.34

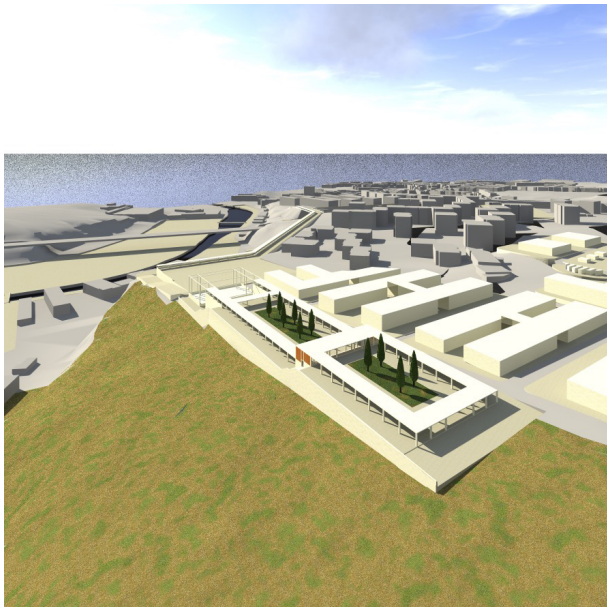


Fig.35

## 5.5. Zona ribeirinha

Imagina-se uma ligação - desde o topo até ao sopé da colina - feita através de um percurso que passe pelos pontos que garantam uma inclinação o menos acentuada possível. Este caminho viria a superar o obstáculo criado pelo declive que separa a zona ribeirinha do topo da colina - onde se encontra o núcleo urbano que propomos. A ligação atravessaria a zona verde e seria composta por uma estrada e passeios para peões, cruzando-se a jusante com a Rua Miguel Bombarda, que acompanha de modo paralelo o Rio Trancão. Ligando assim o espaço urbano no topo da colina com aquele que se estende ao longo do Rio - que se encontra presentemente ligado somente à zona baixa de Sacavém.



Fig. 36

Consideramos ser importante criar um espaço contínuo onde o peão possa caminhar à margem do rio, ao longo de um percurso pedonal que seria por sua vez ligado ao percurso ribeirinho já existente - que liga Sacavém ao Parque do Tejo. Tanto a criação de espaços de circulação como de permanência visariam dinamizar esta zona que se

encontra actualmente subaproveitada, bem como a zona marginal a Norte do Rio Trancão. Propomos então um conjunto de lugares para o usufruto das pessoas, munidos de jardins, árvores, mobiliário urbano, serviços e comércio. Bem como duas estruturas de ligação que unam ambas as margens do Rio, permitindo assim uma continuidade a nível urbano e possivelmente lançando um mote para a revitalização da margem oposta.

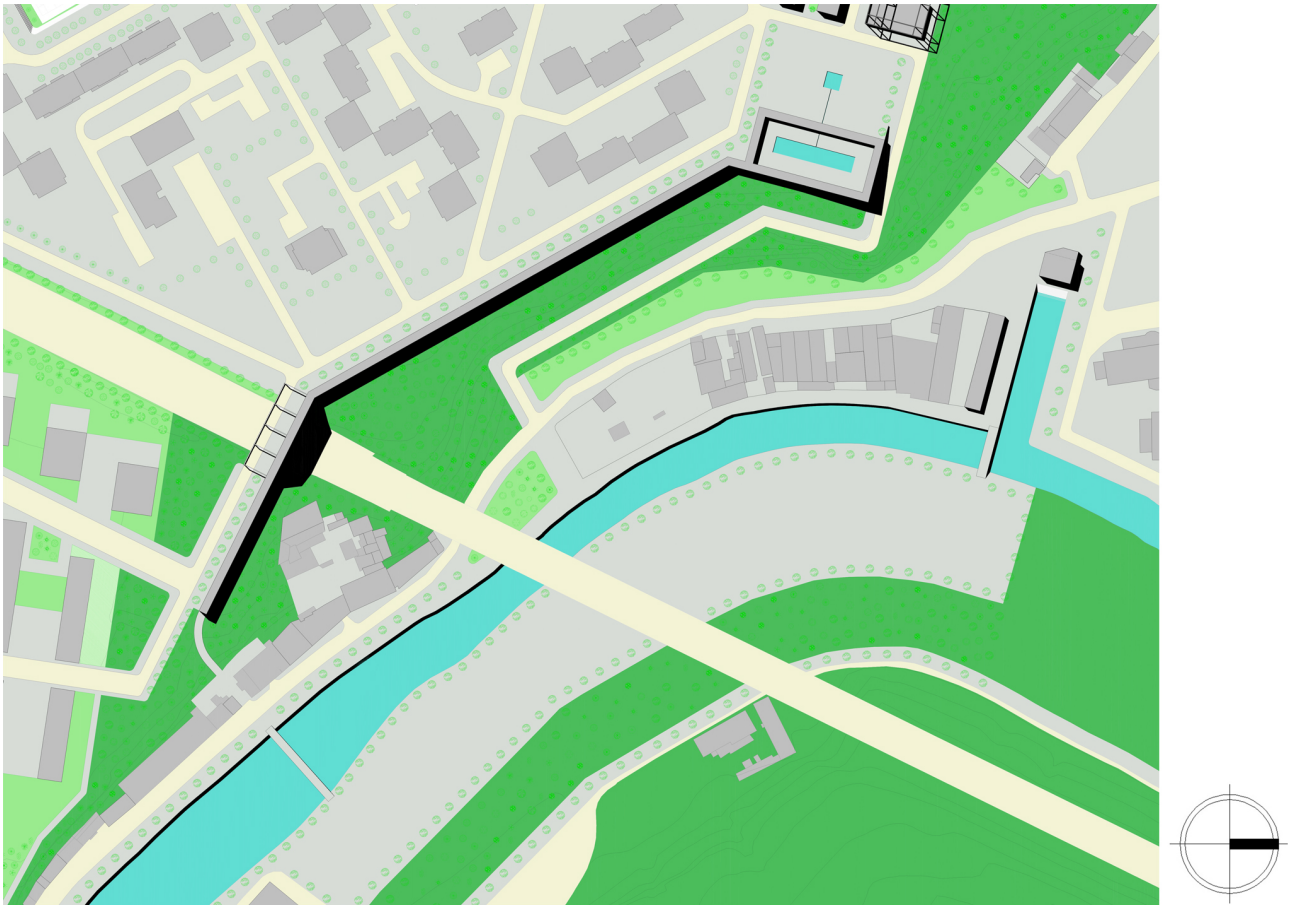


Fig.37

Sugere-se ainda a construção de um Clube de Remo novo, visto que aquele que aí existe - a jusante do rio - se encontra num estado precário assumindo presentemente a forma de um barracão. Este edifício novo partilharia ainda o espaço com um edifício de comércio que remataria o corpo de armazéns pré-existentes. Projecta-se a existência de um lugar onde a prática do desporto náutico conviva com cafés, restaurantes e esplanadas, compondo um lugar de encontro aberto para o rio.

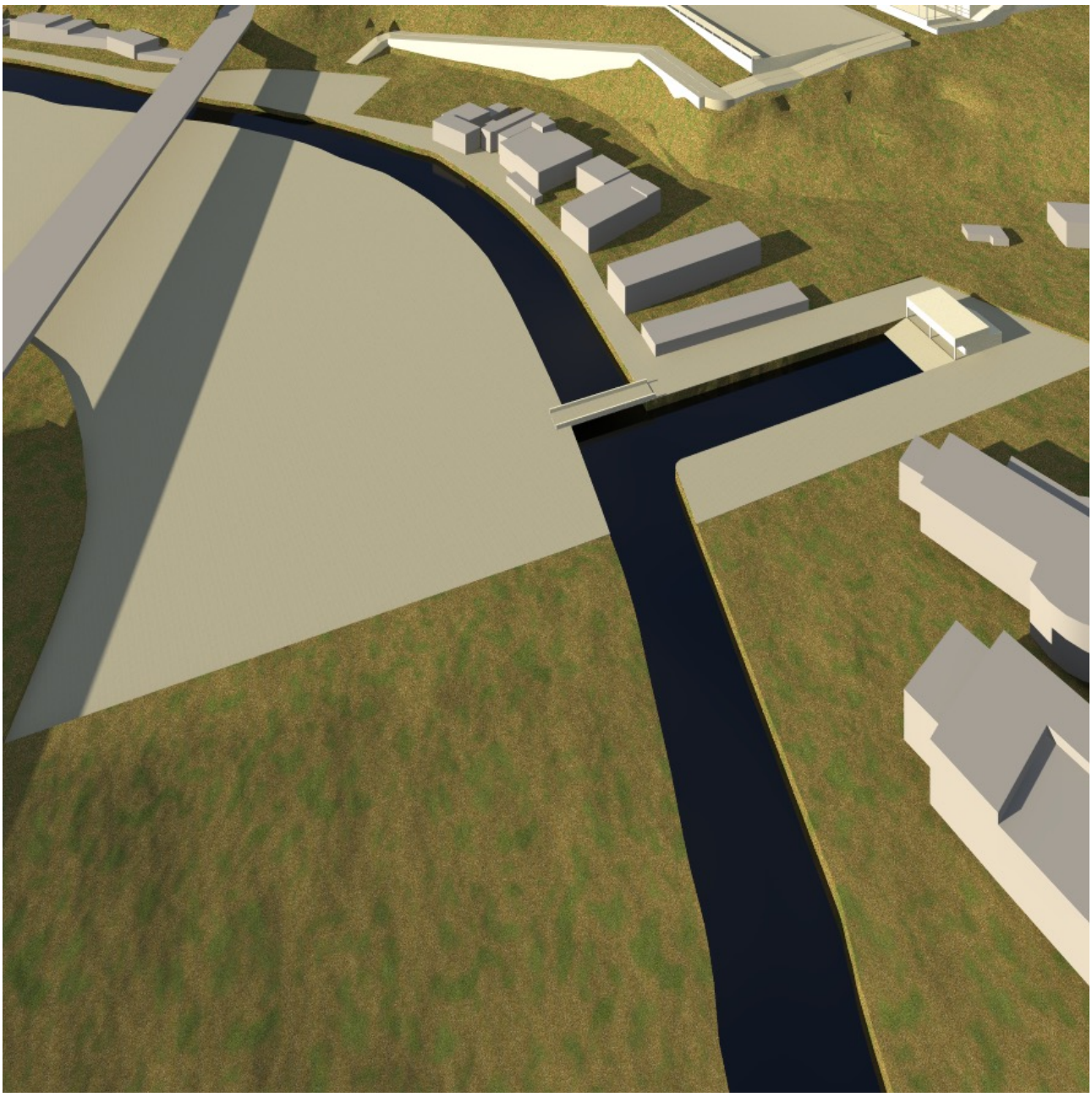


Fig.38

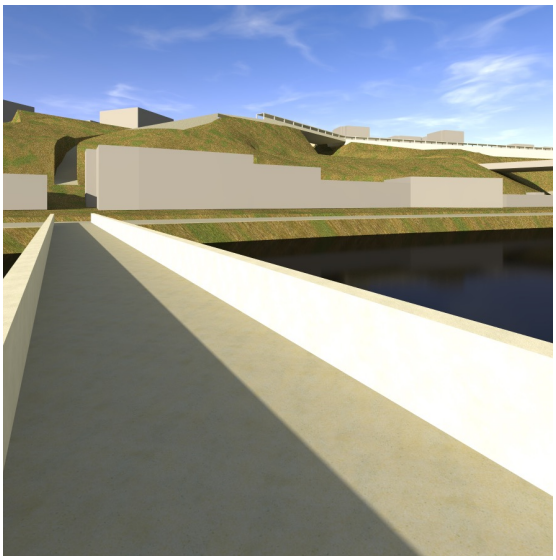


Fig.39

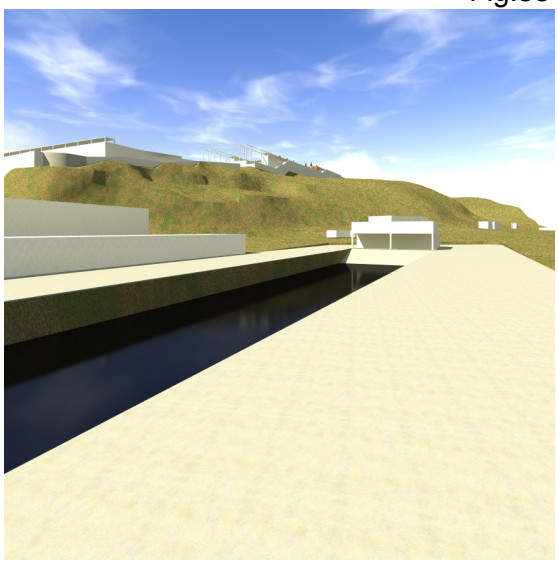


Fig.40

## 5.6. Sacavém

No caso do centro urbano de Sacavém, recorrer-se-ia ao estudo urbanístico desenvolvido pelo Atelier Risco, estudo este que repensa a zona presentemente apropriada pelo quartel de Sacavém e a zona baixa da cidade, adjacente ao Rio Trancão.



Fig. 41

Acrescentar-se-ia ainda a este plano o projecto de duas pontes que serviriam para ligar a cidade de Sacavém ao bairro Terraços da Ponte, através de atravessamentos sobrelevados à autoestrada A1.



Fig.42

Uma das pontes, a norte, acompanharia o limite do plano ligando-o à zona ribeirinha, criando ao mesmo tempo uma situação espacial que assinalaria a entrada norte da grande cidade de Lisboa, ou uma porta de saída para quem vem do centro da cidade. Esta ponte permitiria a circulação a automóveis e pessoas, unindo um território que se encontra presentemente desconexo.

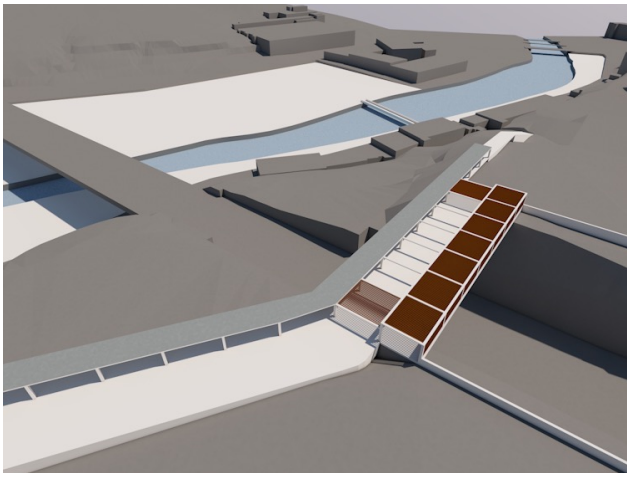


Fig.43



Fig.44

A segunda ponte, exclusivamente pedonal, situar-se-ia mais a sul, ligando os Terraços da Ponte à zona limítrofe do novo plano proposto pelo Atelier Risco, colmatando uma vez mais a ruptura criada pela autoestrada.

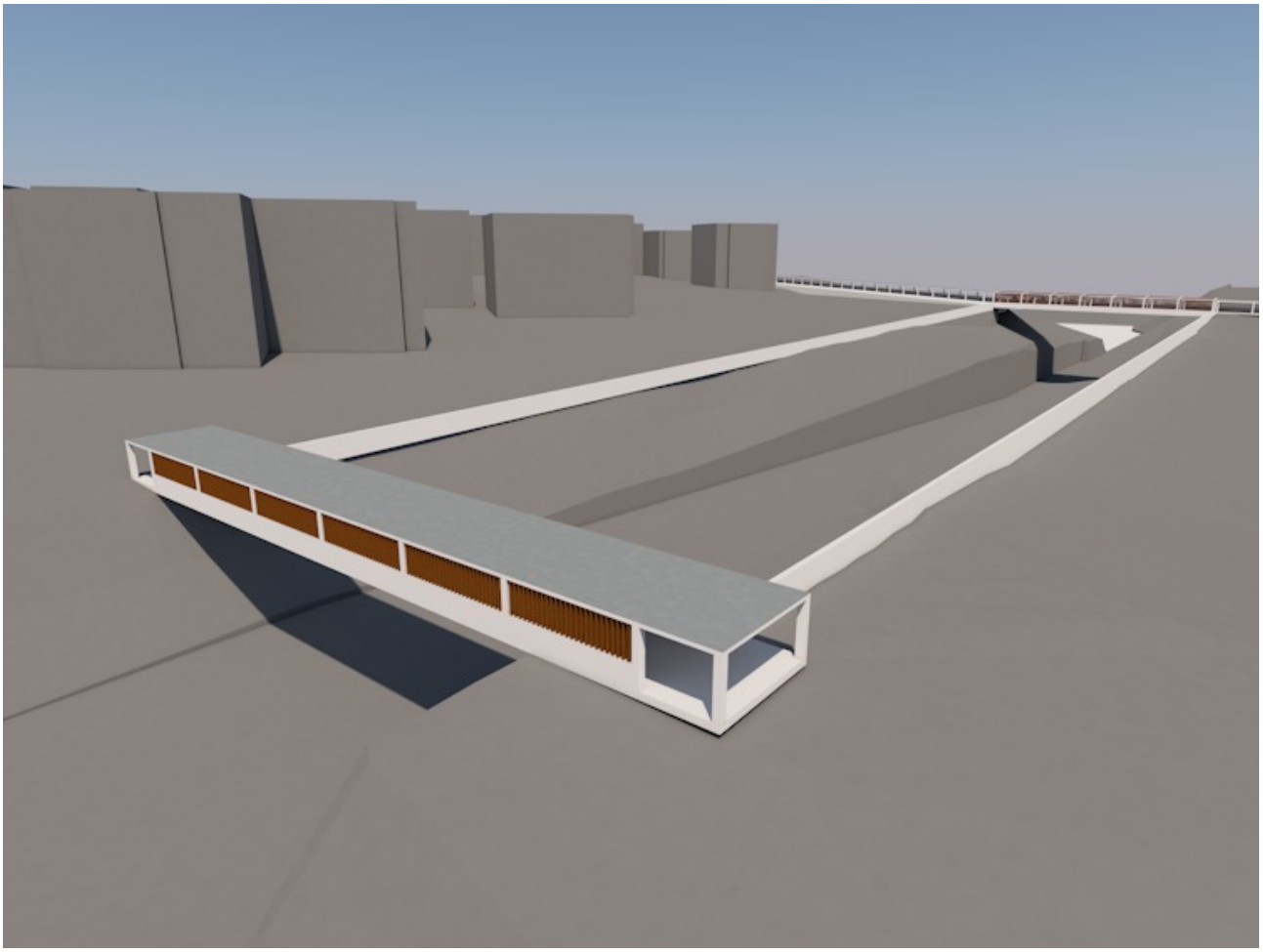


Fig.45

## 5.7. Zona Industrial

A zona industrial, contígua a sul com o bairro da Quinta do Mocho, é presentemente composta por armazéns, oficinas automóveis e espaços que albergam empresas de produção. Consideramos que esta área constitui actualmente uma barreira em relação ao bairro supracitado, representando uma zona com uma diversidade tipológica reduzida e carente de qualificação. Exceptuando o Centro Social - que se encontra enclausurado no núcleo desta zona - a qualificação dos espaços em seu torno é praticamente inexistente. Sendo que não existem passeios ou qualquer outro tipo de elemento que permita uma apropriação humana saudável. Trata-se de uma zona exclusivamente concebida sobre a lógica de produção, armazenamento ou distribuição de mercadoria, pensada para automóveis e camiões de transporte. A existência deste espaço impermeável, tal como ele se encontra presentemente, impossibilita a continuidade urbana que se imagina para este território.



Fig.46

Propomos então uma permeabilização e recriação do seu núcleo, ocupando de modo pontual alguns terrenos baldios e reconfigurando certos quarteirões. Criando novos pontos de interesse no interior da zona industrial (ex: Novos equipamentos, Habitação, Jardins, Espaços de passeio e de permanência) e repensando a importância do Centro Social Nossa Senhora das Graças, que poderia aliar a sua valência como centro de dia ao serviço pedagógico infantil e adulto, munindo-o de espaços de cultivo hortícola. Os edifícios implantados albergariam oficinas, espaços de *co-working* e incubadoras de empresas *Start-up* - Intuindo uma dinamização a nível nuclear que se estenda à área envolvente.



Fig.47

A abertura desta zona possibilitaria o seu atravessamento e ainda uma ligação ao Bairro de Sto. António - feita por uma ponte sobrelevada à estrada IC17 - que permitiria a circulação automóvel e pedonal entre bairros. Este elemento de ligação a Camarate

visaria a inclusão de mais um tipo de tecido urbano, sendo que a sua contextualização viria contribuir para uma maior diversidade a nível social e urbano.

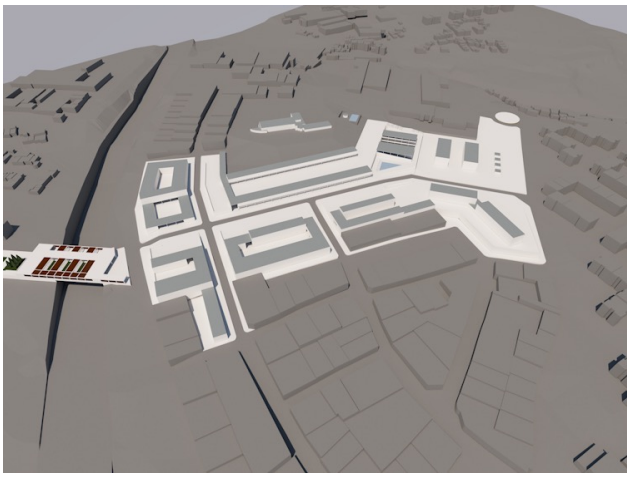


Fig.48

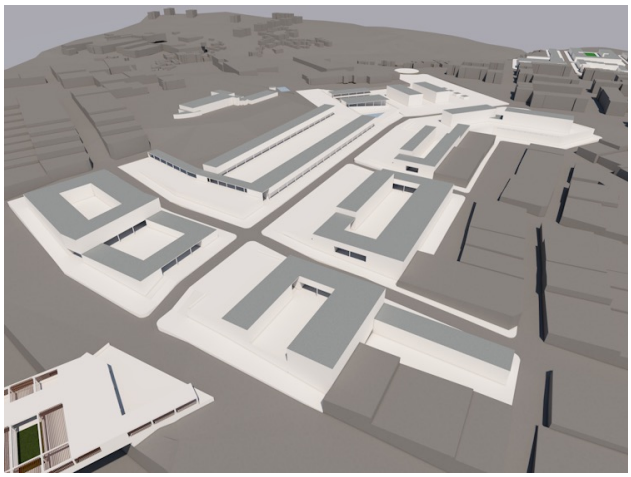


Fig.49

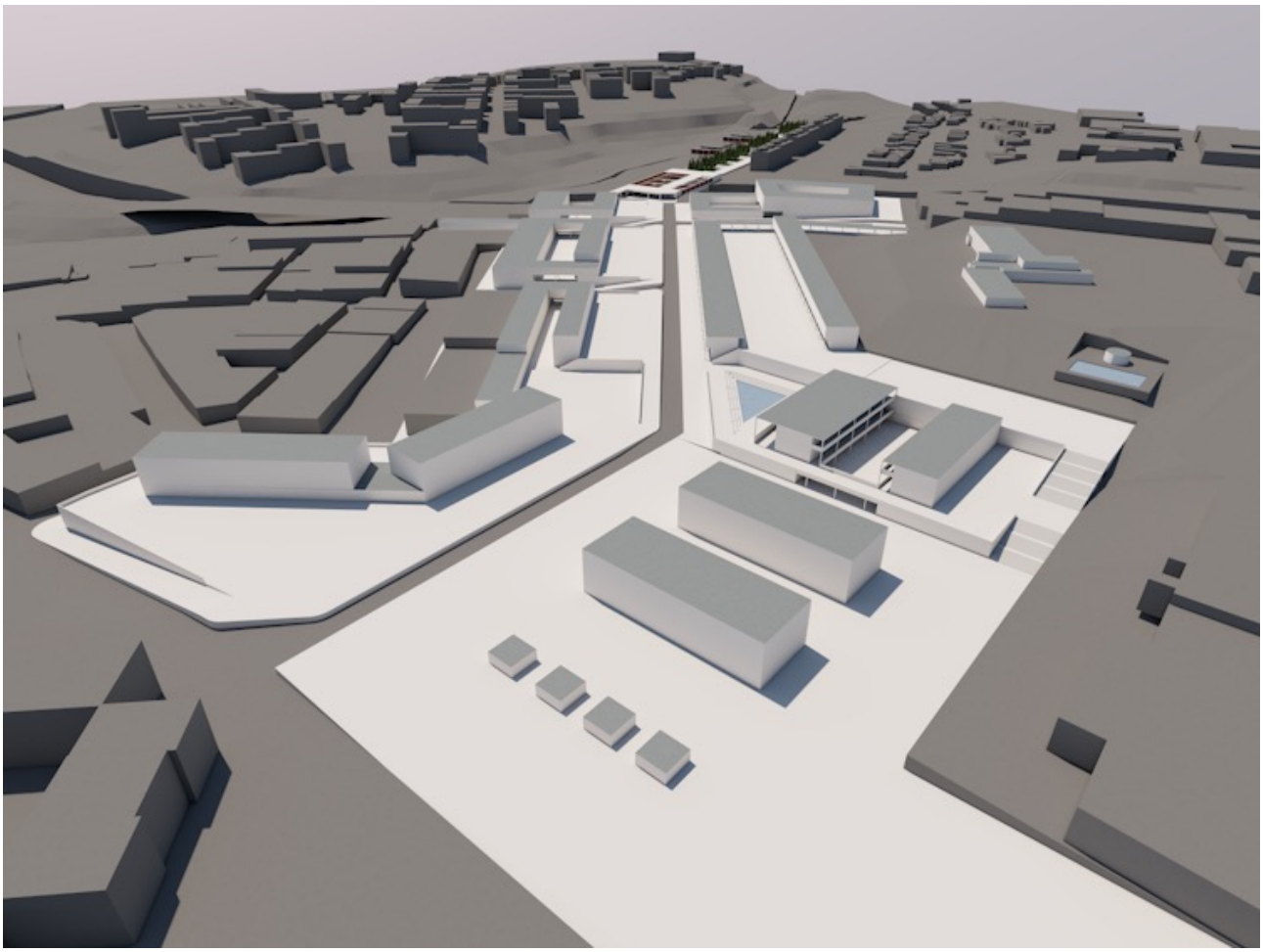


Fig.50

## 5.8. Bairro de Santo António



Fig.51

Relativamente a este bairro, visiona-se um espaço de continuidade com o plano proposto. Neste sítio é importante reconhecer o potencial do terreno existente entre o bairro de Sto.António e a estrada que o separa do Prior Velho. Trata-se, na sua maior parte, de um terreno em declive, caracterizado pela presença de dois pombais - mantidos pela comunidade. Os pombais encontram-se actualmente num estado precário apesar da sua utilização frequente por parte dos residentes. Quanto ao terreno

nos quais estas estruturas se baseiam - e devido ao seu estado de abandono geral - este é classificável como baldio.



Fig.52

Propõe-se então uma qualificação geral desta área, dando continuidade à ligação criada com a zona industrial e a Quinta do Mocho. Procurar-se-ia através da implantação de jardins, passeios e novos pombais - para substituir aqueles que foram construídos com materiais precários - potenciar a identidade do sítio para torná-lo num lugar qualificado que possa servir a comunidade residente e aquelas em torno. Melhorando ainda a ligação feita à estrada a sudeste que liga o bairro directamente ao eixo central do plano e também ao bairro do Prior Velho.

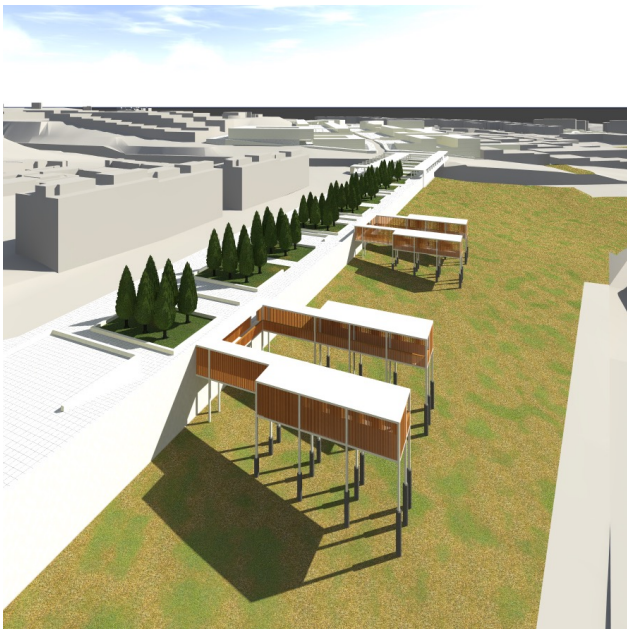


Fig.53

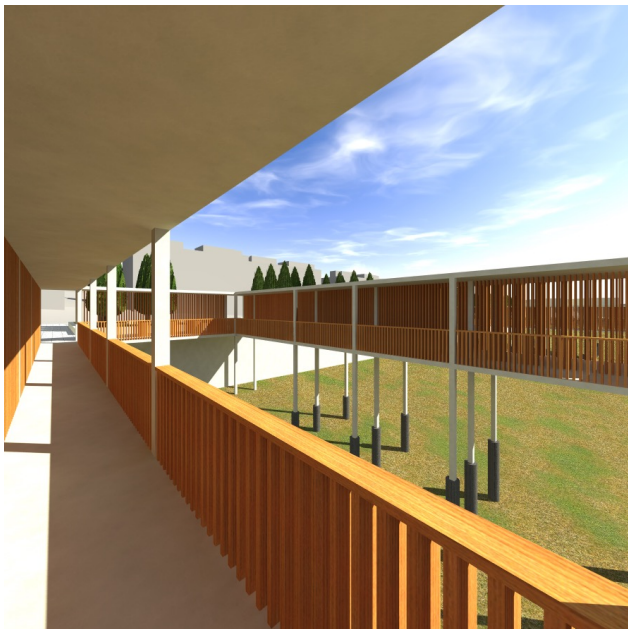


Fig.54

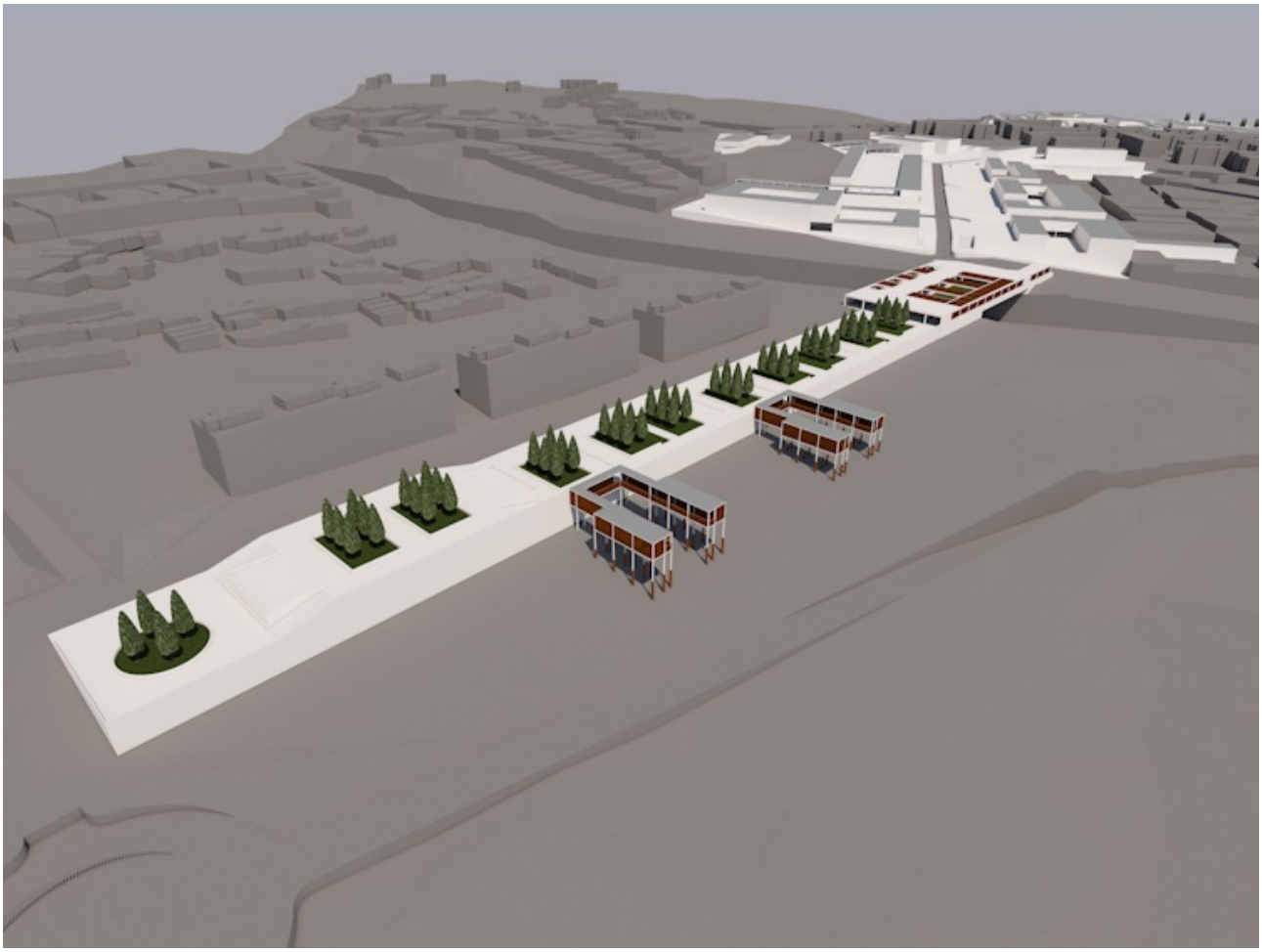


Fig.55

## 5.9. Prior Velho

O último tecido urbano envolvente que ficaria por "cozer" seria aquele que compõe o Prior Velho. Propõe-se a implantação de um plano de desenho urbano, mais uma vez, desenvolvido pelo Atelier Risco. A nosso ver, esta proposta vem resolver as questões principais que existem actualmente a nível de configuração do bairro, criando um plano que une o tecido urbano e liga o bairro ao território envolvente. Consideramos que este plano concreto se ajuste à proposta geral que se visa desenvolver.



Fig. 56

## 6. Conclusão

Quisemos com este trabalho reconhecer e afrontar os problemas do território estudado. Propondo alternativas que acreditámos serem válidas para a mudança desta parte da cidade, baseando-as na realidade física e social que constatámos existir. Foi ainda nosso objectivo entender quais as estratégias a desenvolver de modo a tornar este espaço num lugar contínuo e integrado.

Procurámos contrariar a ideia geral que se tem do subúrbio enquanto "(…) *exterior desconfinado, instável, sem forma, sem história, sem linhagem.(…) Lixo, portanto*."[135]. Na medida em que nos é claro que a realidade não tenha forçosamente de ser esta. Se o é, é-o devido a determinadas causas - que procurámos explicar - mas este território não está destinado a esta condição negativa.

Demo-nos conta ao longo deste trabalho, e de forma crescente, que este território se trata realmente de um lugar com um potencial imenso. Apercebemo-nos que o estado caótico, desordenado e destrutivo em que este se encontra é devido em grande parte à falta de ordenamento e qualificação urbana. No entanto, este processo é passível de ser alterado, e cabe-nos a nós fazê-lo caso queiramos que a situação se altere.

Sublinhamos a urgência de enfrentar este problema, que é comum a tantas outras situações, em tantas outras cidades do mundo. Enquanto a força destrutiva do subúrbio existir, a cidade não poderá crescer verdadeiramente, pois é, ironicamente, o subúrbio a impedir o crescimento da cidade.

Se consideramos um espaço como sub urbano, então este espaço é menos ou menor do que a cidade, ora, a cidade não poderá existir aí. A questão é que a cidade encontra-se rodeada por subúrbios, pelo qual se poderá concluir que se queremos realmente ver a cidade a crescer, de modo construtivo, devemos resgatar o subúrbio da sua condição de inferioridade. Deverá ser qualificado, deverá ser urbanizado, deverá ser cidade.

"*(…) subúrbio é uma daquelas palavras que, se não existisse, talvez não fizesse falta*."[136]

---

[135] DOMINGUES, Álvaro, "Revista Gerador #4", Associação Cultural Gerador, 2015, Lisboa, p.80

[136] DOMINGUES, Álvaro, "Revista Gerador #4", Associação Cultural Gerador, 2015, Lisboa, p.81

## 6. Bibliografia


**AA.VV**, "Revista Gerador n4", Associação Cultural Gerador, 2015, Lisboa

**AFONSO, A. Monteiro**, "Sacavém. O Espaço, as Gentes, a História", Sacavém: Junta de Freguesia, 1982, Sacavém

**BACON, Edmund**, "Design of Cities", Thames and Hudson, 1975, New York

**BENEVOLO, Leonardo**, "Diseño de la Ciudad", Gustavo Gili, Barcelona

**CULLEN, Gordon**, "Paisagem Urbana", Edições 70, 2010, Lisboa

**GEHL, Jan**, "Cities for People", Island Press, 2010, Washington DC

**GEHL, Jan**, "Life between Buildings", Island Press, 2011, Washington DC

**HERTZBERGER, Herman**, "Lessons for students in architecture", Rotterdam, 010 Publishers, 1991, Rotterdam

**HERTZBERGER, Herman**, "Space and Learning", 010 Publishers, 2008, Rotterdam

**JACOBS, Jane**, "The Death and Life of Great American Cities", Vintage Book Edition, 1992, New York

**KOSTOF, Spiro**, "The City Assembled", Thames and Hudson, 1992, London

**KOSTOF, Spiro**, "The City Shaped", Thames and Hudson, 1991, London

**LERNER, Jaime**, "Acupuntura Urbana", Editora Record, 2011, Rio de Janeiro

**LYNCH, Kevin**, "A Imagem da Cidade", Edições 70, 2009, Lisboa

**MORRIS, Anthony Edwin James**, "History of Urban Form", Longman Scientific and Technical, 1994, Essex

**RASMUSSEN, Steen Eiler**, "Arquitetura Vivenciada", Martins Fontes, 2002, São Paulo

**ROWE, Colin,** "Collage City", MIT Press, Cambridge, Massachusetts

**SPECK, Jeff**, "Walkable City", North Point Press, 2013, New York

**TÁVORA, Fernando**, "Da Organização do Espaço", FAUP Publicações, 1999, Porto

## 7. Índice de imagens

**Fig.1-** Desenho de Francisco de Holanda em Da fábrica que falece a cidade de Lisboa: «Lembrança pera redificar a ponte de Sacauem» (Lisboa, 1571).

(Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Francisco_de_Holanda)

**Fig.2-** Painel de azulejos referente à batalha de Sacavém, entre D.Afonso Henriques e os mouros.

(Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ponte_de_Sacavém)

**Fig.3-** Aguarela de Tomás da Anunciação (1850).

(Fonte: http://www.historiadeportugal.info/ponte-de-sacavem)

**Fig.4-** Painel de azulejos referente ao incêndio da ponte sobre o Rio Trancão pelos revolucionários republicanos, em 5 de Outubro de 1910.

(Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ponte_de_Sacavém)

**Fig.5-** Fotografia do Convento de Nossa Senhora dos Mártires

(Fonte: http://ruinarte.blogspot.pt/)

**Fig.6-** Sacavém vista dos Olivais (Gravura do século XIX).

(Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Olivais_%28Lisboa%29)

**Fig.7-** Fotografia da zona ribeirinha de Sacavém.

(Fonte: http://restosdecoleccao.blogspot.pt)

**Fig.8-** Fotografia da Fábrica de louça de Sacavém.

(Fonte:http://restosdecoleccao.blogspot.pt )

**Fig.9-** Fotografia da Fábrica de louça de Sacavém.

(Fonte:http://restosdecoleccao.blogspot.pt )

**Fig.10-** Fotografia de Sacavém, tirada por Eduardo Gageiro.

(Fonte:http://restosdecoleccao.blogspot.pt )

**Fig.11-** Fotografia de Sacavém, tirada por Eduardo Gageiro.

(Fonte:http://restosdecoleccao.blogspot.pt )

**Fig.12-** Fotografia de Sacavém, tirada por Eduardo Gageiro.

(Fonte:http://restosdecoleccao.blogspot.pt )

**Fig.13-** Fotografia da antiga Quinta do Mocho

(Fonte:http://www.skyscrapercity.com)

**Fig.14-** Mapa de declives do Concelho de Loures.

**Fig.15-** Modelação tridimensional do terreno.

**Fig.16-** Modelação tridimensional da proposta geral.

**Fig.17** - Ortofotomapa (Estado actual da Quinta do Mocho)

**Fig.18** - Fotografia Panorâmica (Avenida das Comunidades)

**Fig.19** - Proposta (Eixo central)

**Fig.20-** Modelação tridimensional do Eixo Central

**Fig.21-** Modelação tridimensional do Eixo Central

**Fig.22-** Modelação tridimensional do Eixo Central

**Fig.23-** Modelação tridimensional do Eixo Central

**Fig.24** - Estado actual / Proposta (Quinta do Mocho)

**Fig.25** - Graffiti existente (Fonte: www.arcadedarwin.com )

**Fig.26** - Graffiti existente (Fonte: www.streetarthub.com )

**Fig.27** - Graffiti existente (Fonte: www.youtube.com )

**Fig.28** - Hipóteses de intervenção nos vários tipos de fachadas existentes. Montagem feita com recurso à obra têxtil "Pythagoras" produzida pelo arquitecto finlandês Sven Markelius.

**Fig.29** - Ortofotomapa (Terraços da Ponte)

**Fig.30** - Proposta (Terraços da Ponte)

**Fig.31** - Proposta (Bairro Novo)

**Fig.32-** Modelação tridimensional (Estudo volumétrico do Bairro Novo)

**Fig.33-** Modelação tridimensional (Estudo volumétrico do Bairro Novo)

**Fig.34-** Modelação tridimensional (Estudo volumétrico do Bairro Novo)

**Fig.35-** Modelação tridimensional (Estudo volumétrico do Bairro Novo)

**Fig.36**- Proposta (Percurso)

**Fig.37-** Proposta (Zona Ribeirinha)

**Fig.38-** Modelação tridimensional (Estudo geral da Zona Ribeirinha)

**Fig.39-** Modelação tridimensional (Estudo ponte sobre Rio e relação com Sacavém alta)

**Fig.40-** Modelação tridimensional (Estudo zona ribeirinha e Clube de Remo)

**Fig.41-** Proposta de Desenho Urbano para Sacavém da autoria do Atelier Risco.

(Fonte: http://www.risco.org)

**Fig.42** - Estruturas propostas para Sacavem

**Fig.43** - Modelação tridimensional (Ponte Norte)

**Fig.44** - Modelação tridimensional (Ponte Norte)

**Fig.45** - Modelação tridimensional (Ponte Sul)

**Fig.46** - Ortofotomapa (Zona Industrial)

**Fig.47** - Proposta para a Zona Industrial

**Fig.48** - Modelação tridimensional (Estudo volumétrico da Zona Industrial)

**Fig.49** - Modelação tridimensional (Estudo volumétrico da Zona Industrial)

**Fig.50** - Modelação tridimensional (Estudo volumétrico da Zona Industrial)

**Fig.51** - Ortofotomapa (Bairro de Santo António)

**Fig.52** - Proposta para o Bairro de Santo António

**Fig.53** - Modelação tridimensional (Estudo volumétrico do Bairro de Sto.António)

**Fig.54** - Modelação tridimensional (Pombal)

**Fig.55** - Modelação tridimensional (Estudo volumétrico da Zona Industrial)

**Fig.56** - Proposta para o Prior Velho, autoria do Atelier Risco (Fonte: www.risco.org )

# 8. Anexos

# **Construir no Construído**: A Quinta do Mocho e sua envolvente

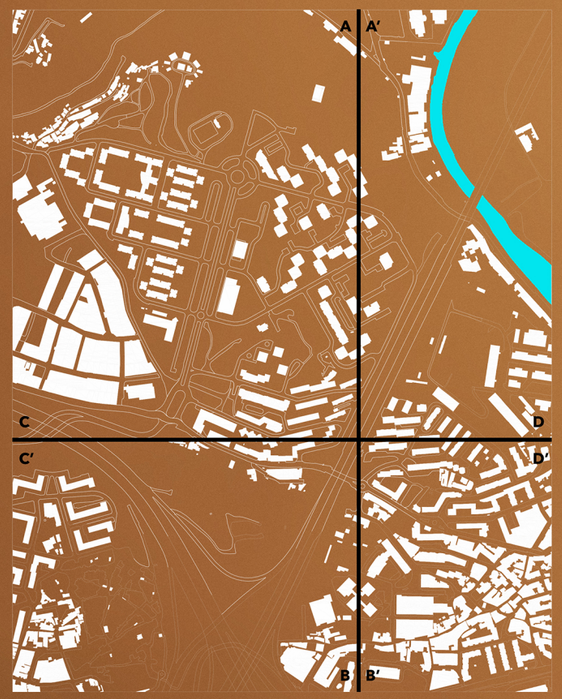


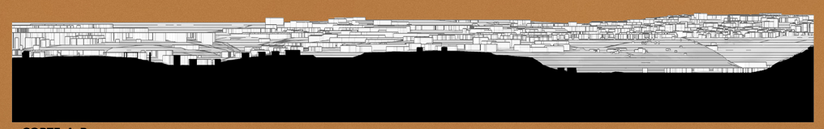


LOCALIZAÇÃO / RELAÇÃO COM O CENTRO DA CIDADE DE LISBOA

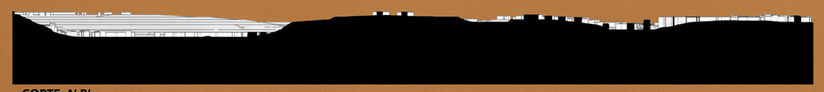



**A.** QUINTA DO MOCHO **B.** TERRAÇOS DA PONTE **C.** ZONA INDUSTRIAL **D.** SACAVÉM
**E.** BAIRRO DE STO. ANTÓNIO **F.** PRIOR VELHO **G.** BAIRRO DE SANTIAGO **H.** ZONA RIBEIRINHA



**CORTE A B**



**CORTE A' B'**



**CORTE C D**



**CORTE C' D'**



**A.** QUINTA DO MOCHO



**E.** BAIRRO DE SANTO ANTÓNIO



**B.** TERRAÇOS DA PONTE



**F.** PRIOR VELHO



**C.** ZONA INDUSTRIAL



**G.** BAIRRO DE SANTIAGO



**D.** SACAVÉM



**H.** ZONA RIBEIRINHA

U LISBOA

**Orientadores**

Professor Doutor Pedro Jorge Dias Pimenta Rodrigues | Professor Doutor Pedro António Janeiro

**Orientando**

José António Feliciano Fidalgo Ferreira Crespo

**TRABALHO FINAL DE MESTRADO**

**NOVEMBRO 2015**

# **Construir no Construído**: A Quinta do Mocho e sua envolvente






1 Quinta do Mocho
2 Terraços da Ponte
3 Bairro Novo
4 Auditório
5 Escola
6 Parque Infantil / Miradouro
7 Clube de Remo
8 Centro Cultural
9 Tribunal
10 Junta de Freguesia
11 Escritórios
12 Farmácia / Centro de Análises
13 Esquadra de Polícia
14 Loja do Cidadão
15 Alameda / Mercado
16 Pombais
17 Oficinas / Co-working / Start-ups
18 Centro de dia / Quinta Pedagógica
19 Biblioteca
20 Recinto Desportivo
21 Proposta Sacavém
*(Atelier Risco, 2008)*
22 Proposta Prior Velho
*(Atelier Risco, 2008)*

**Orientadores**
Professor Doutor Pedro Jorge Dias Pimenta Rodrigues | Professor Doutor Pedro António Janeiro
**Orientando**
José António Feliciano Fidalgo Ferreira Crespo

**TRABALHO FINAL DE MESTRADO**
**NOVEMBRO 2015**



U LISBOA

**Orientadores**

Professor Doutor Pedro Jorge Dias Pimenta Rodrigues | Professor Doutor Pedro António Janeiro

**Orientando**

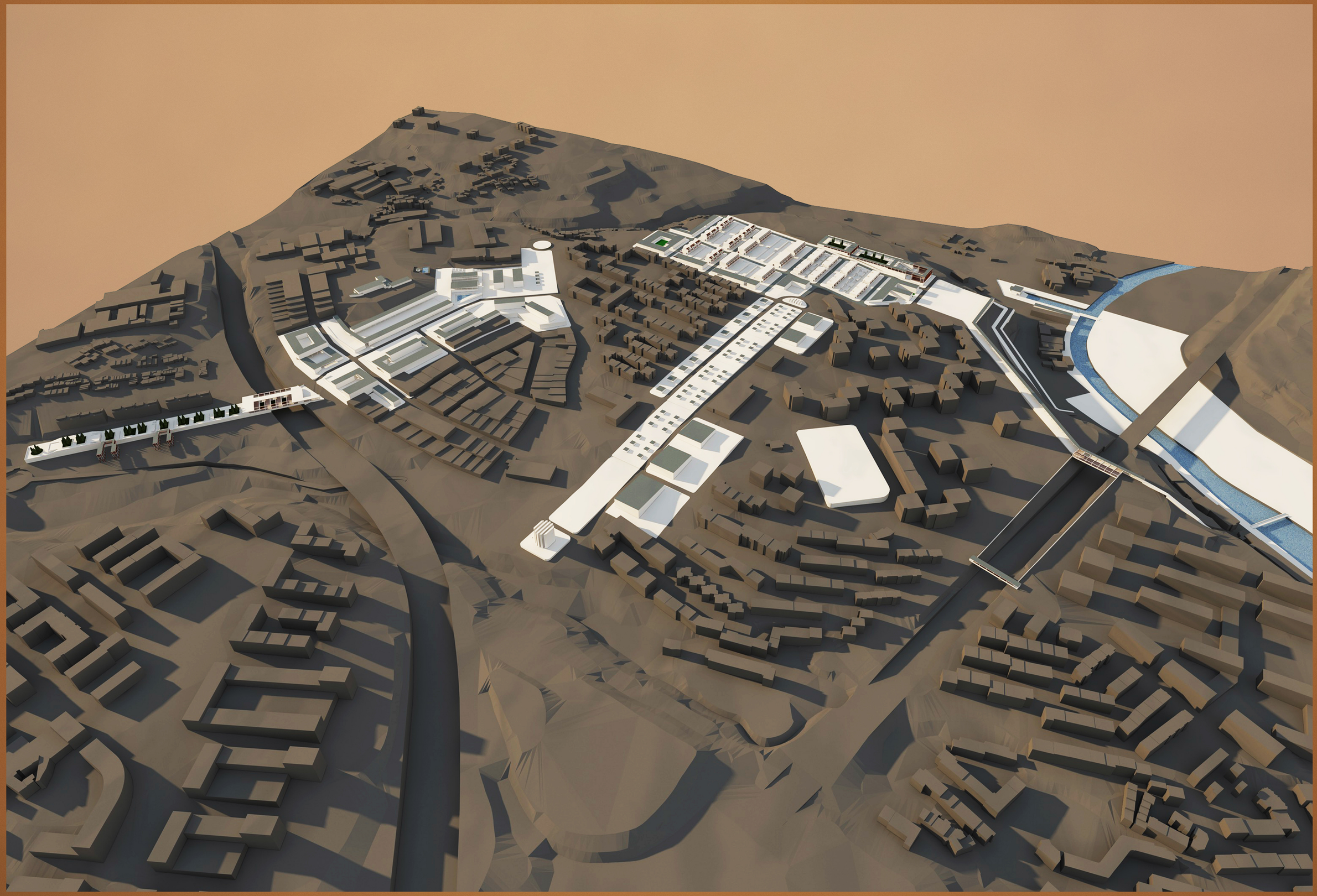
José António Feliciano Fidalgo Ferreira Crespo

**PROPOSTA GERAL**

1 : 1500

**TRABALHO FINAL DE MESTRADO**

**NOVEMBRO 2015**



U LISBOA

**Orientadores**

Professor Doutor Pedro Jorge Dias Pimenta Rodrigues | Professor Doutor Pedro António Janeiro

**Orientando**

José António Feliciano Fidalgo Ferreira Crespo

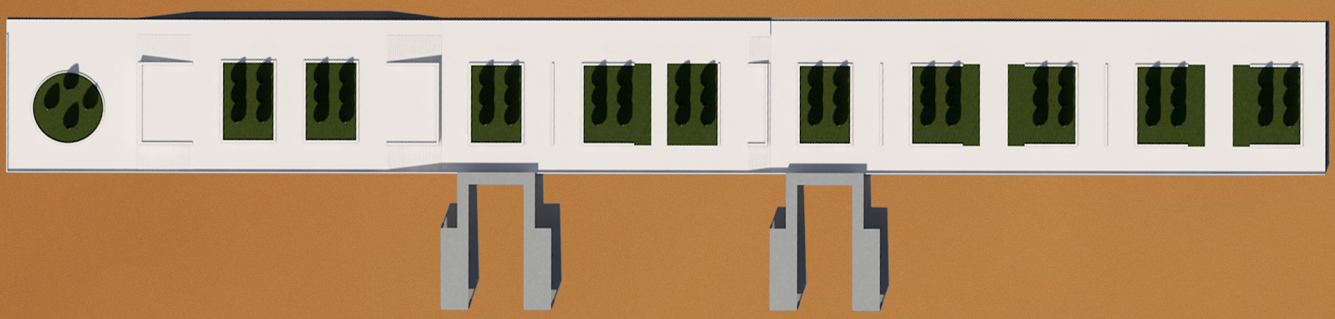
**PROPOSTA GERAL** SIMULAÇÃO VIRTUAL

**TRABALHO FINAL DE MESTRADO**

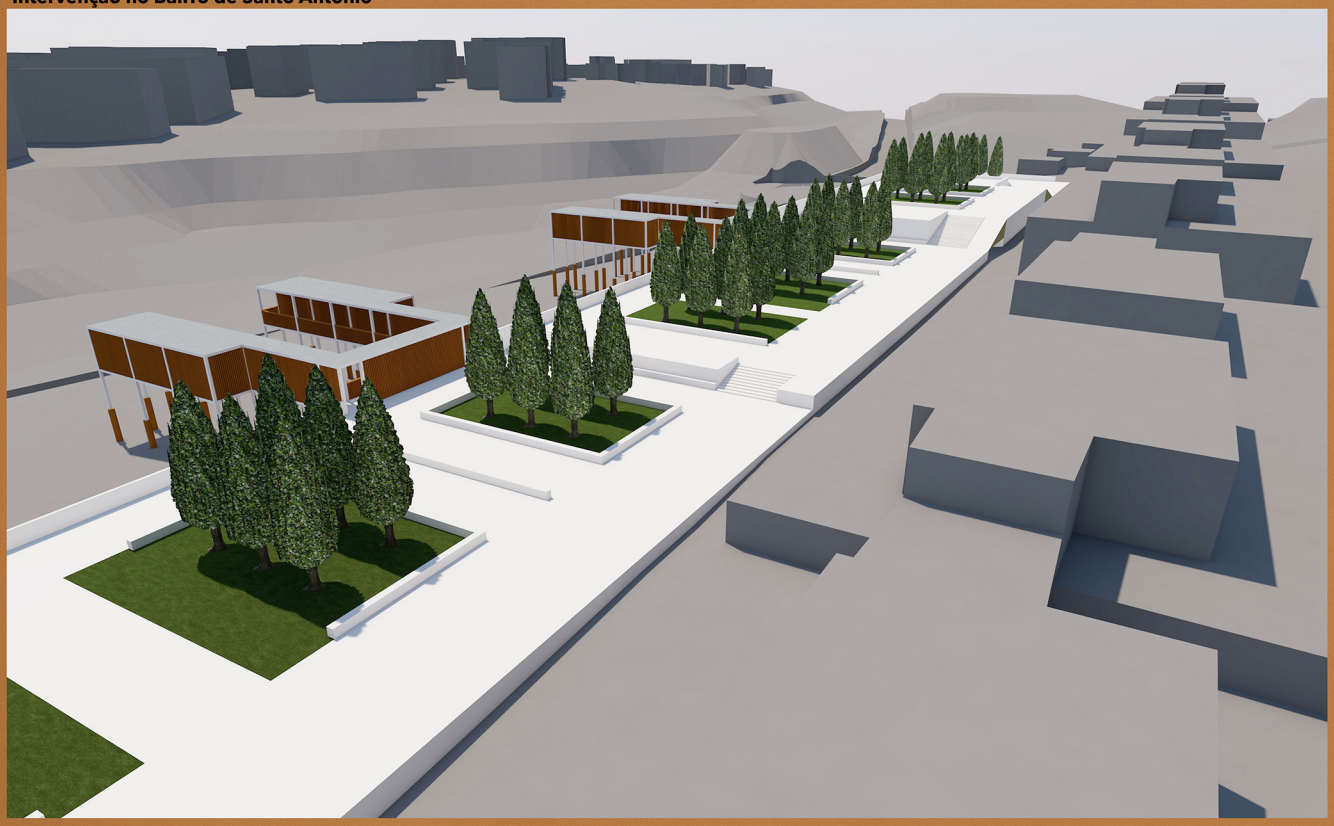
**NOVEMBRO 2015**

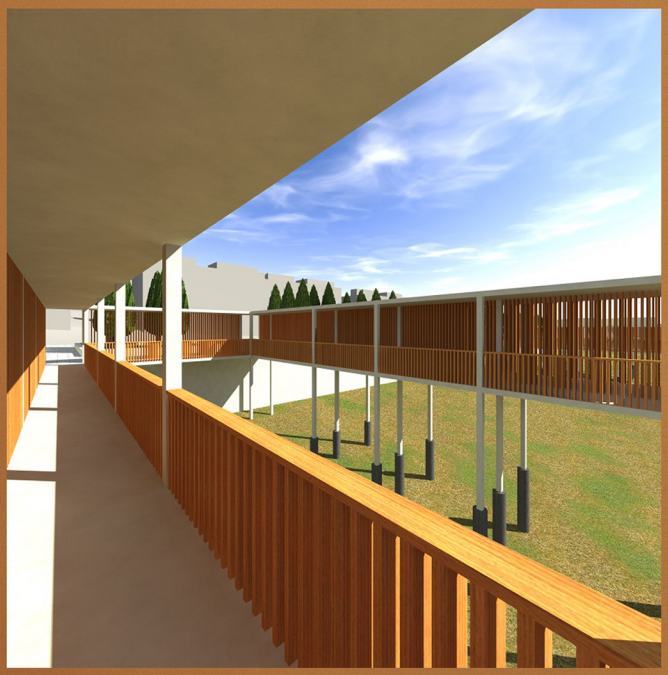
# **Construir no Construído**: A Quinta do Mocho e sua envolvente

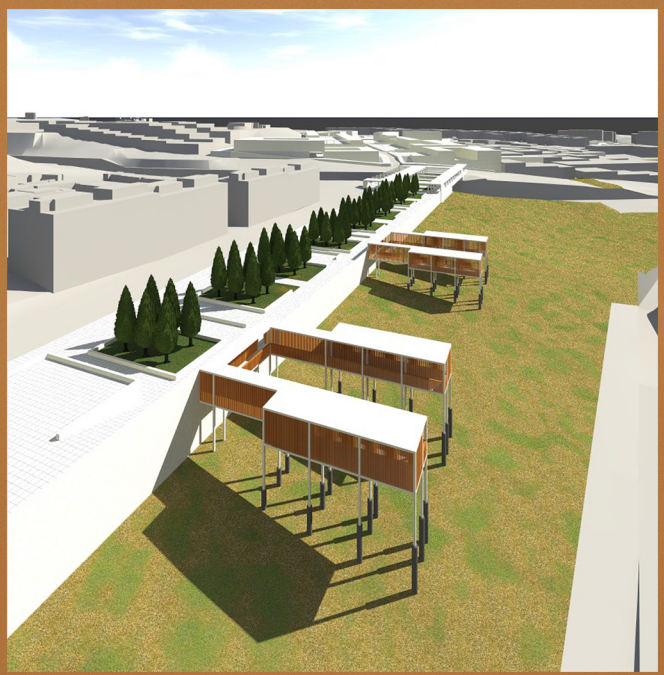




**Intervenção no Bairro de Santo António**







**Orientadores**

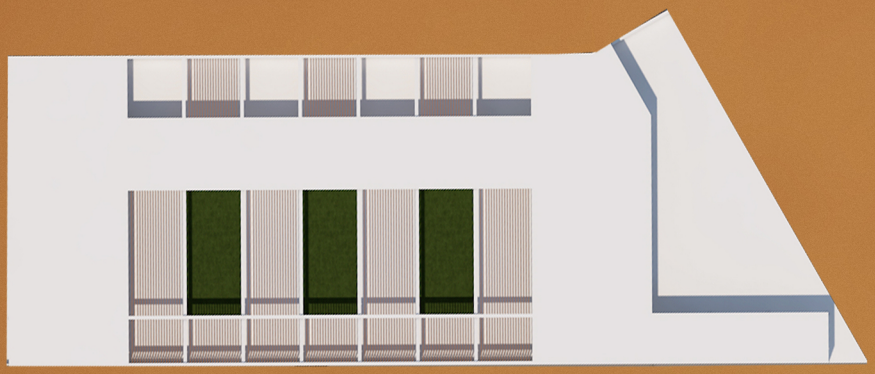
Professor Doutor Pedro Jorge Dias Pimenta Rodrigues | Professor Doutor Pedro António Janeiro

**Orientando**

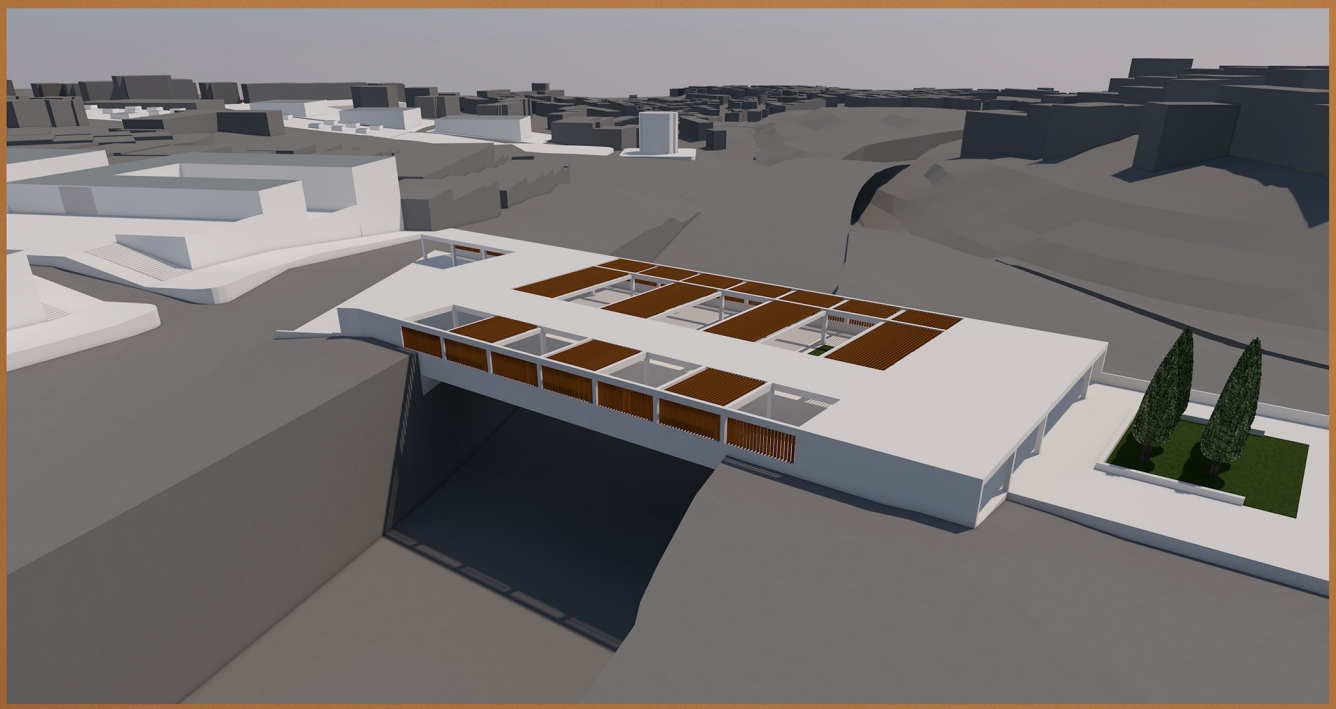
José António Feliciano Fidalgo Ferreira Crespo

**TRABALHO FINAL DE MESTRADO**

**NOVEMBRO 2015**



**Ponte sobre a Auto-estrada A36**



**Orientadores**

Professor Doutor Pedro Jorge Dias Pimenta Rodrigues | Professor Doutor Pedro António Janeiro

**Orientando**

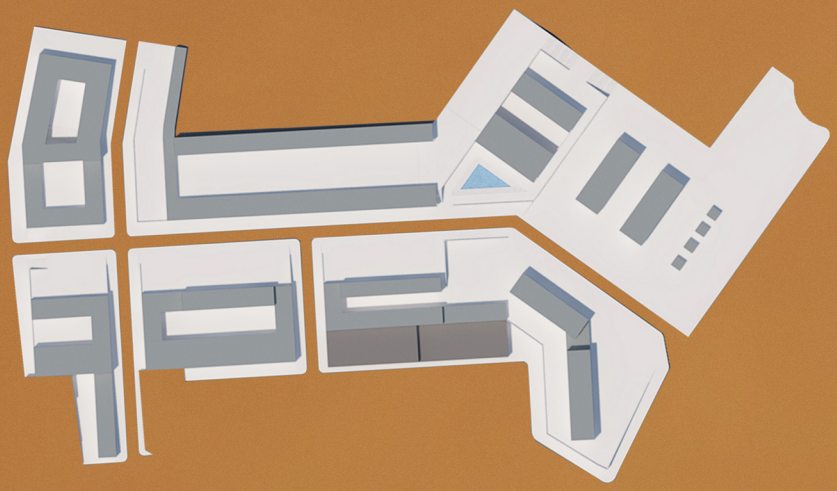
José António Feliciano Fidalgo Ferreira Crespo

**TRABALHO FINAL DE MESTRADO**

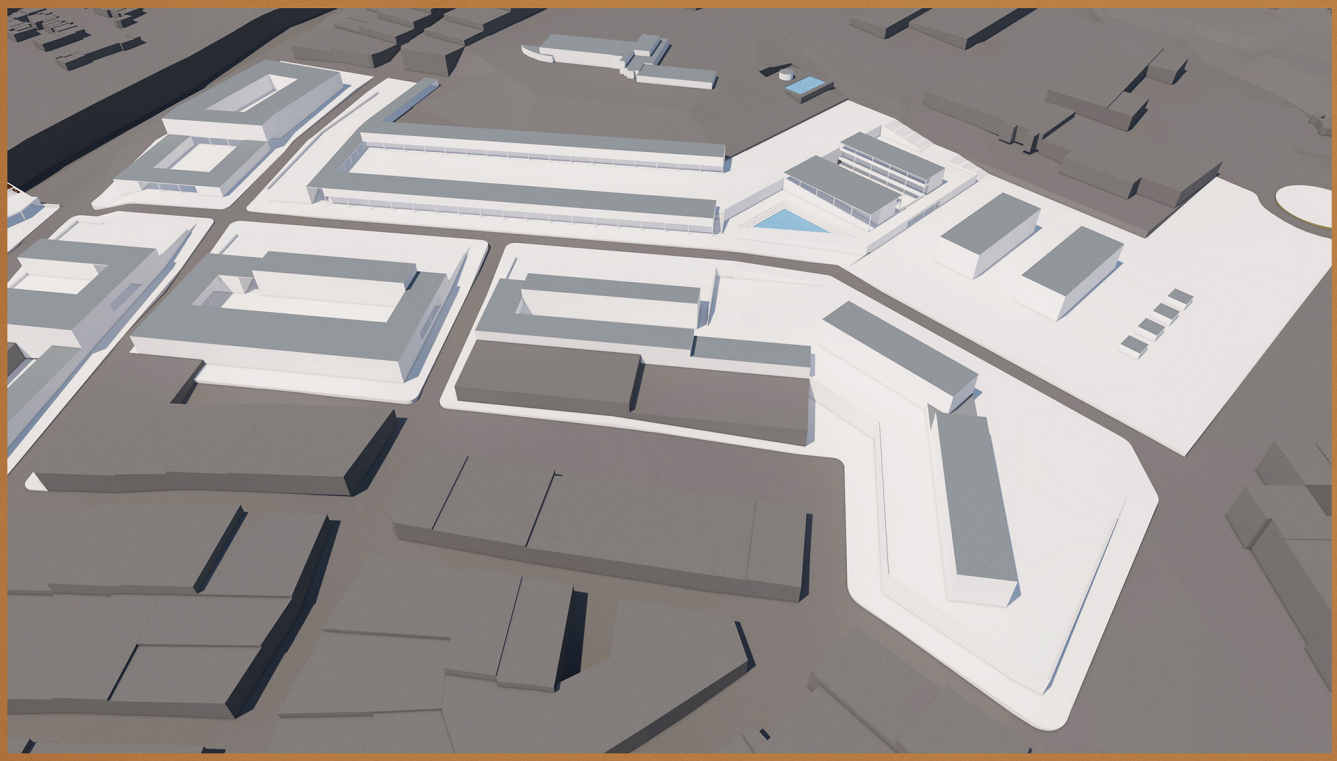
**NOVEMBRO 2015**

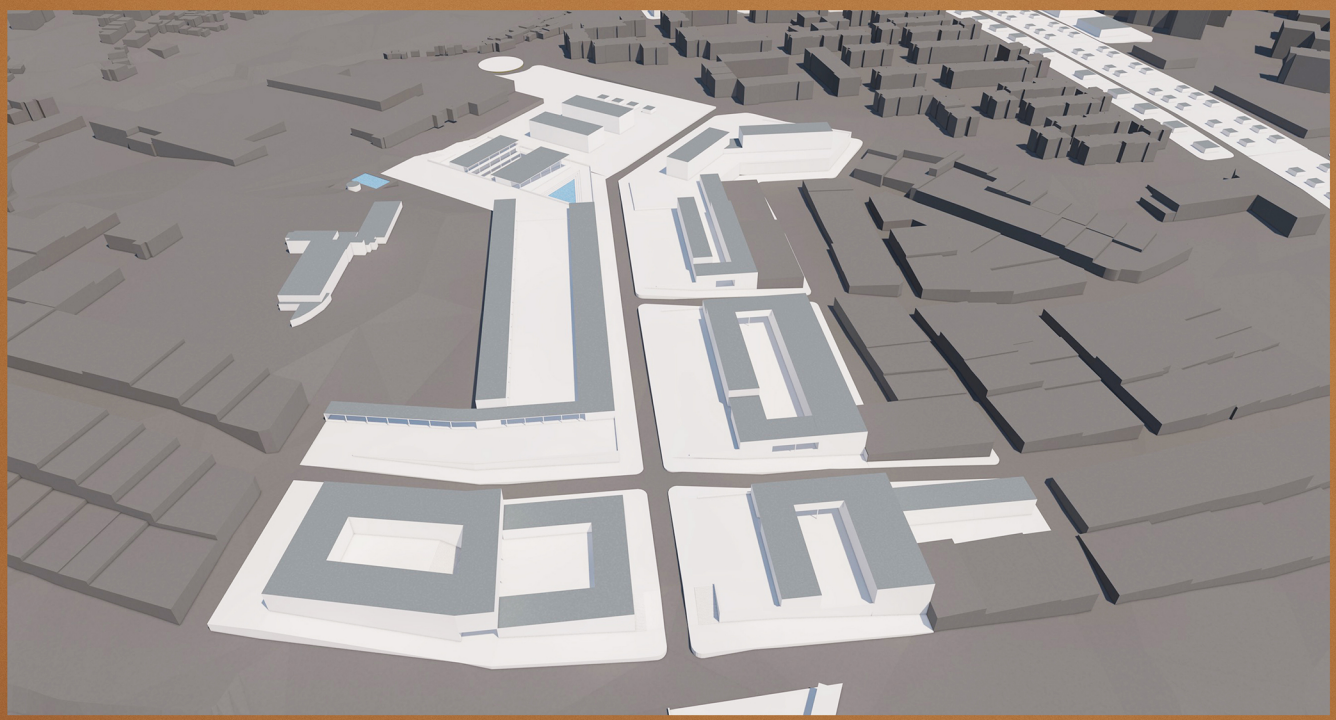
# **Construir no Construído**: A Quinta do Mocho e sua envolvente

07



**Intervenção na Zona Industrial**






**Orientadores**

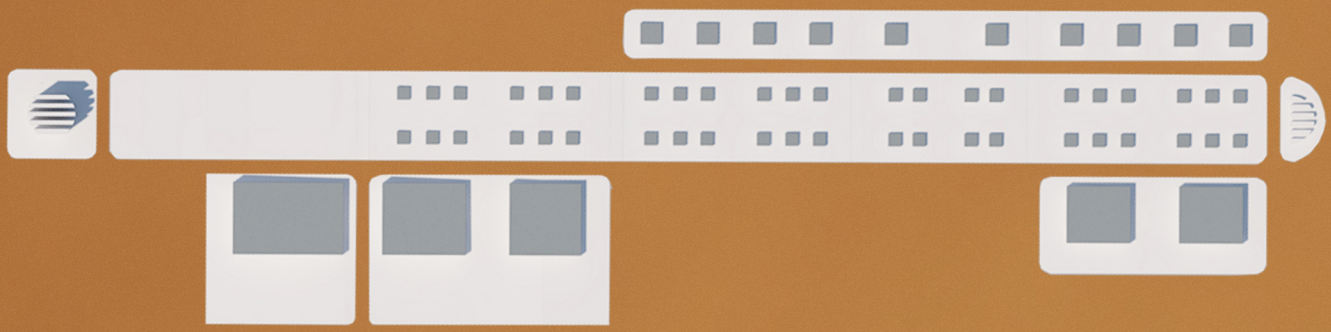
Professor Doutor Pedro Jorge Dias Pimenta Rodrigues | Professor Doutor Pedro António Janeiro

**Orientando**

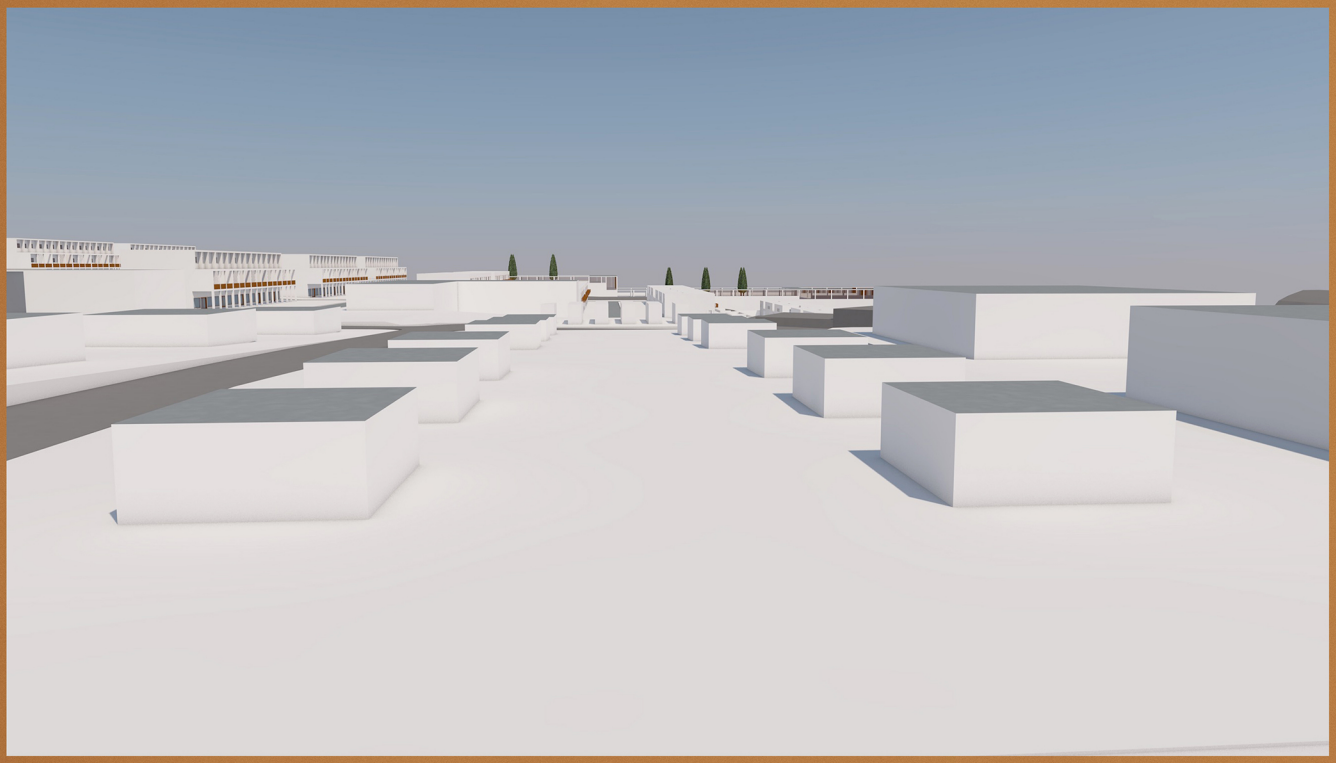
José António Feliciano Fidalgo Ferreira Crespo

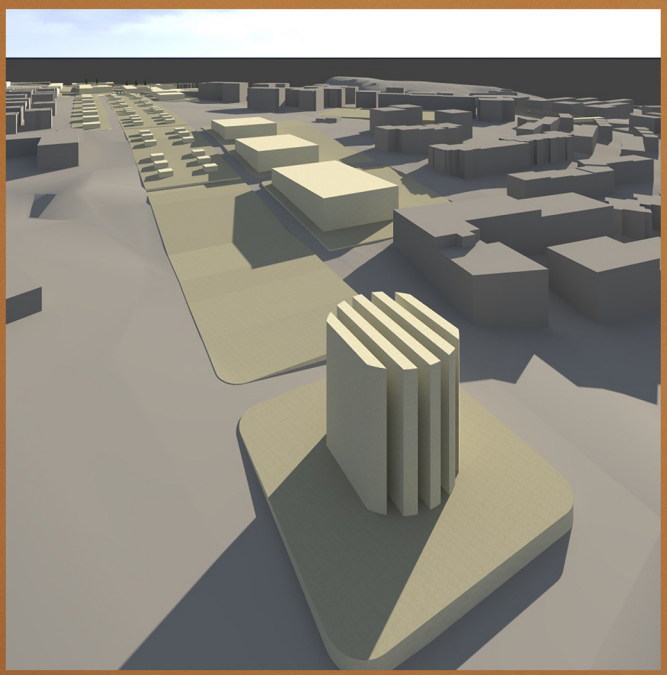

**TRABALHO FINAL DE MESTRADO**

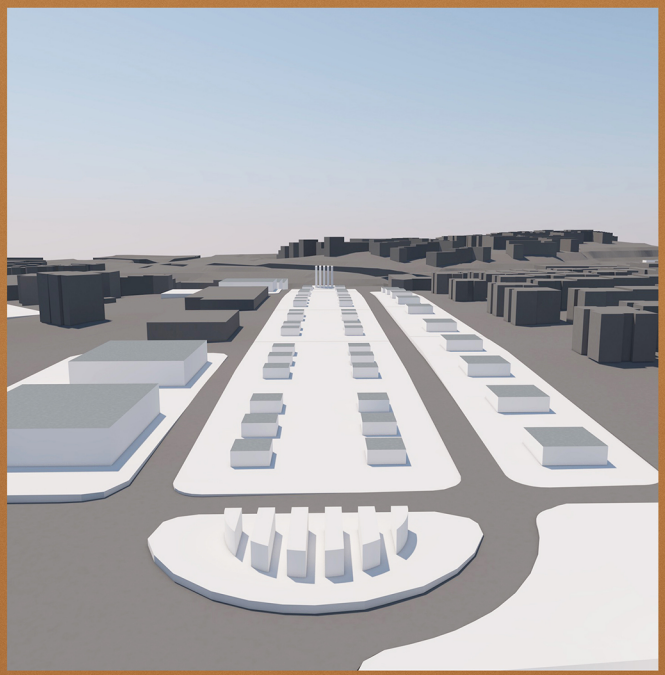
**NOVEMBRO 2015**



**Intervenção no Eixo Central**







**Orientadores**

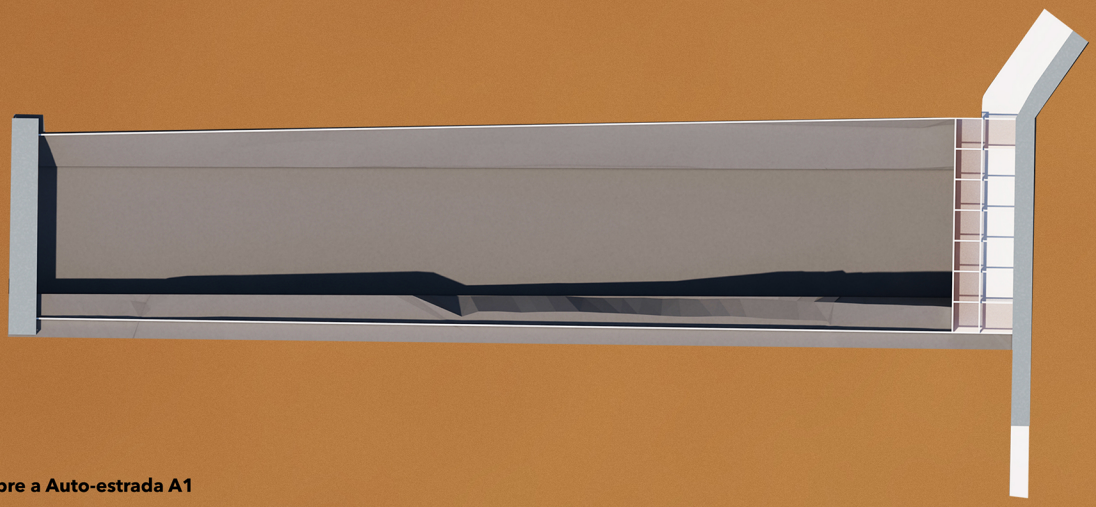
Professor Doutor Pedro Jorge Dias Pimenta Rodrigues | Professor Doutor Pedro António Janeiro

**Orientando**

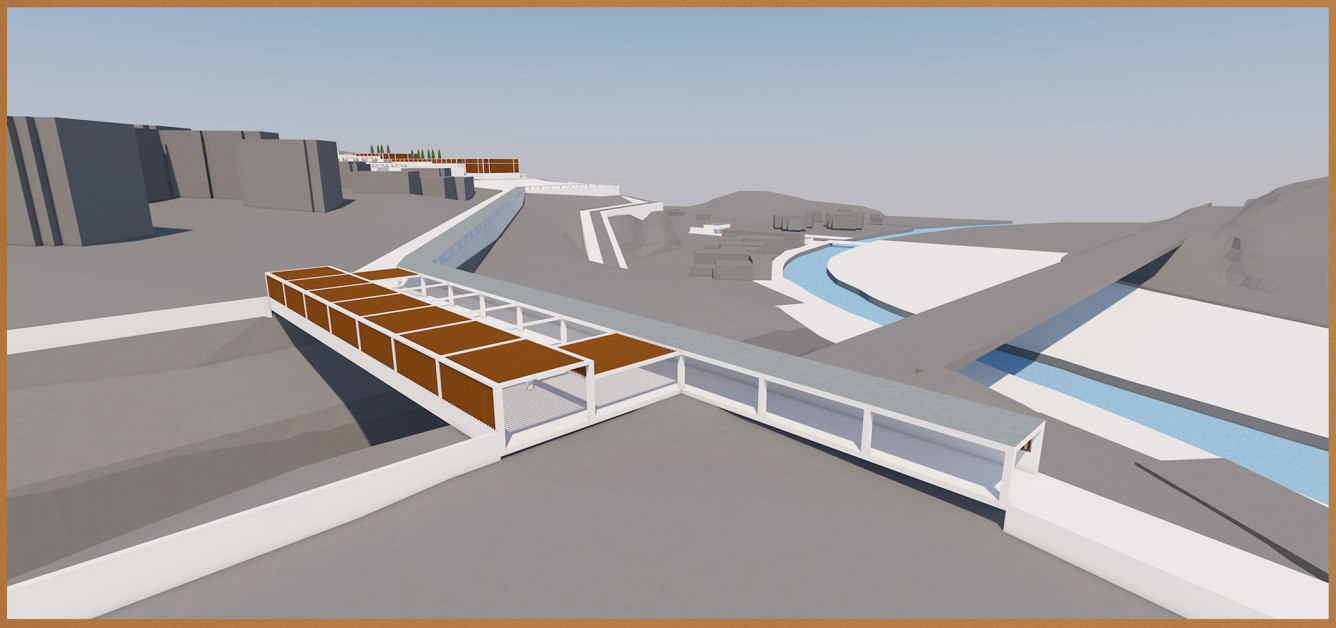
José António Feliciano Fidalgo Ferreira Crespo

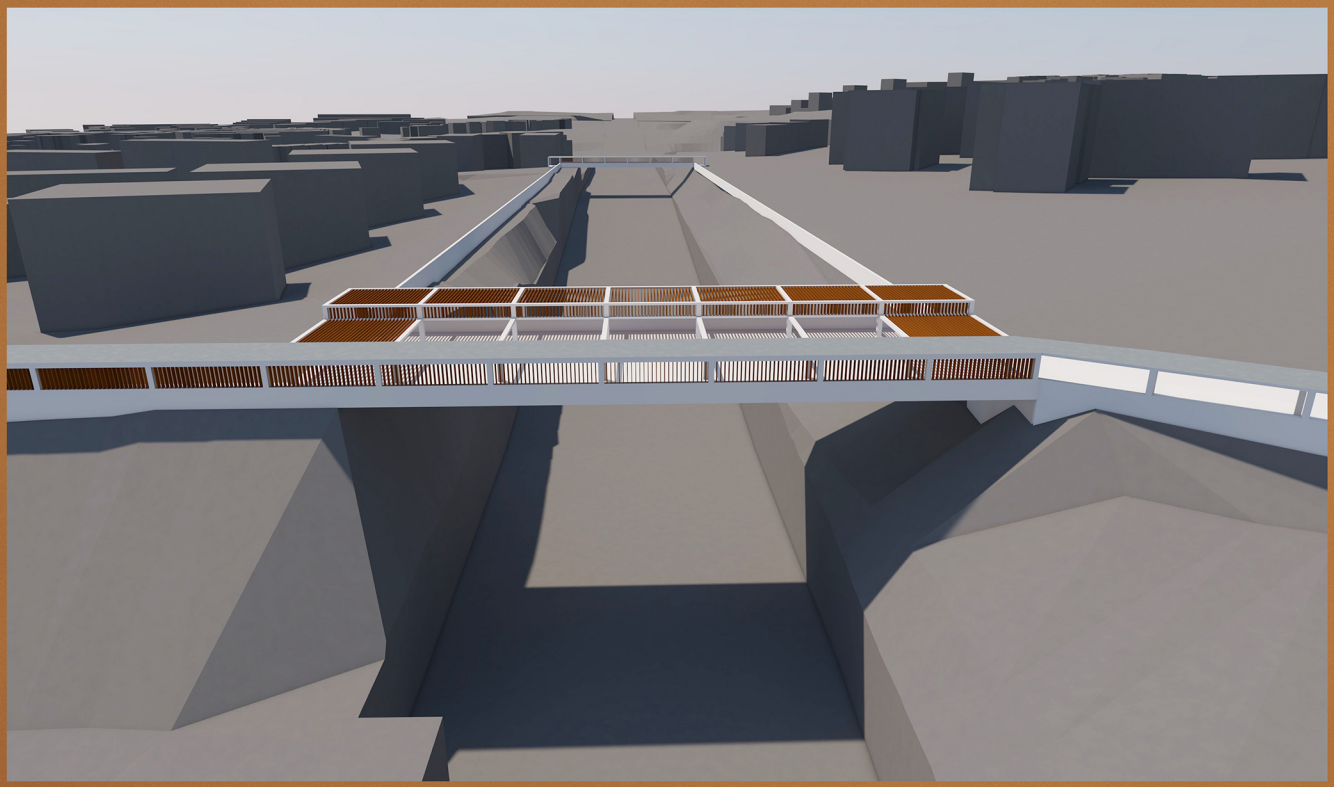
**TRABALHO FINAL DE MESTRADO**

**NOVEMBRO 2015**



**Pontes sobre a Auto-estrada A1**





**Orientadores**

Professor Doutor Pedro Jorge Dias Pimenta Rodrigues | Professor Doutor Pedro António Janeiro

**Orientando**

José António Feliciano Fidalgo Ferreira Crespo

**TRABALHO FINAL DE MESTRADO**

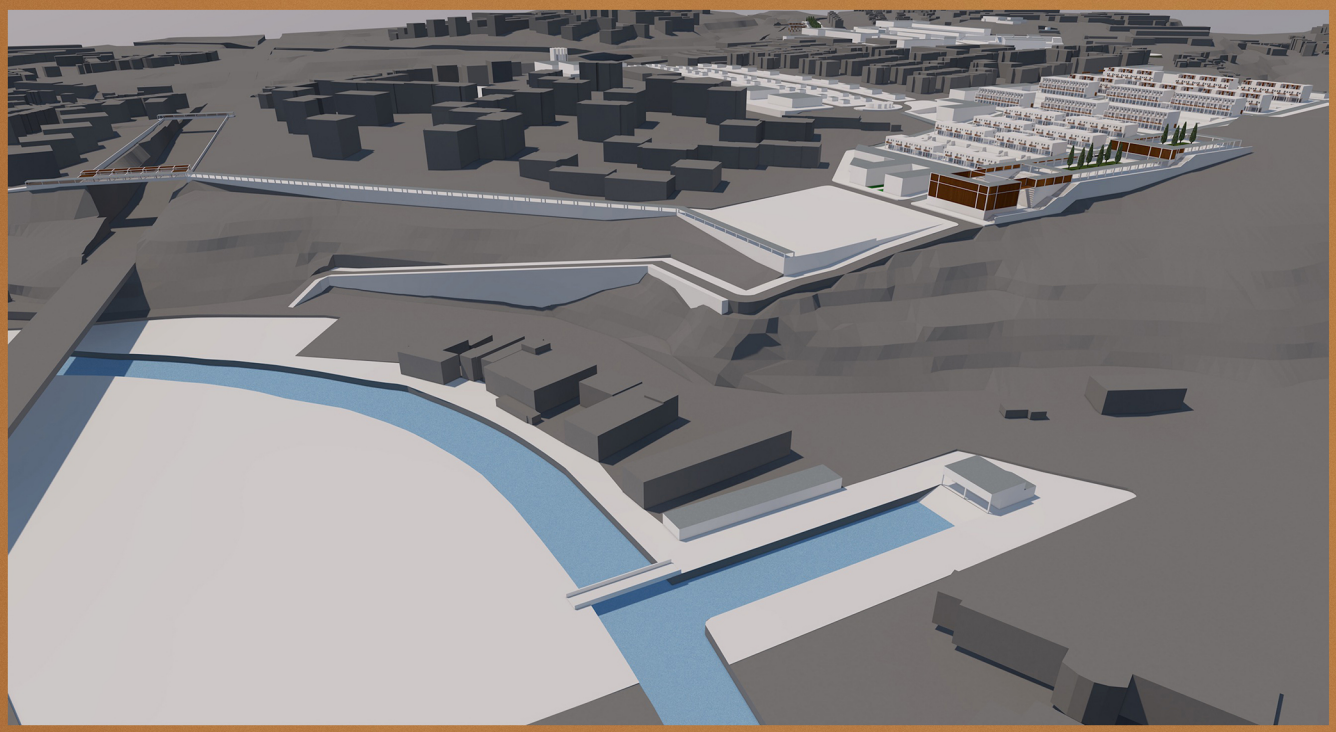
**NOVEMBRO 2015**

# **Construir no Construído**: A Quinta do Mocho e sua envolvente

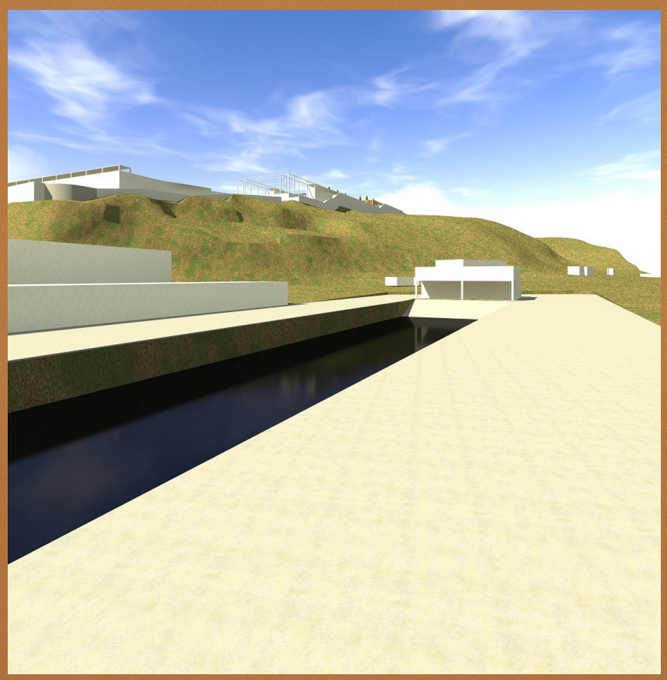




**Intervenção na Zona Ribeirinha**







**Orientadores**

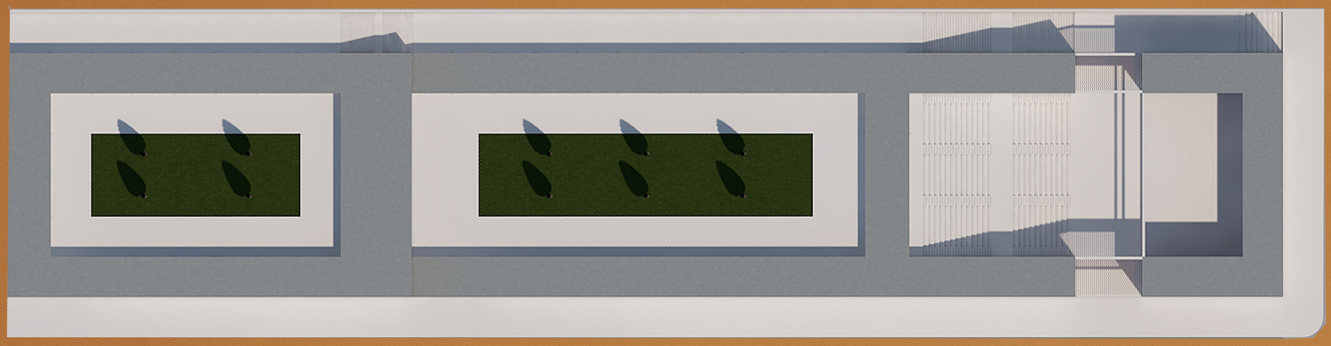
Professor Doutor Pedro Jorge Dias Pimenta Rodrigues | Professor Doutor Pedro António Janeiro

**Orientando**

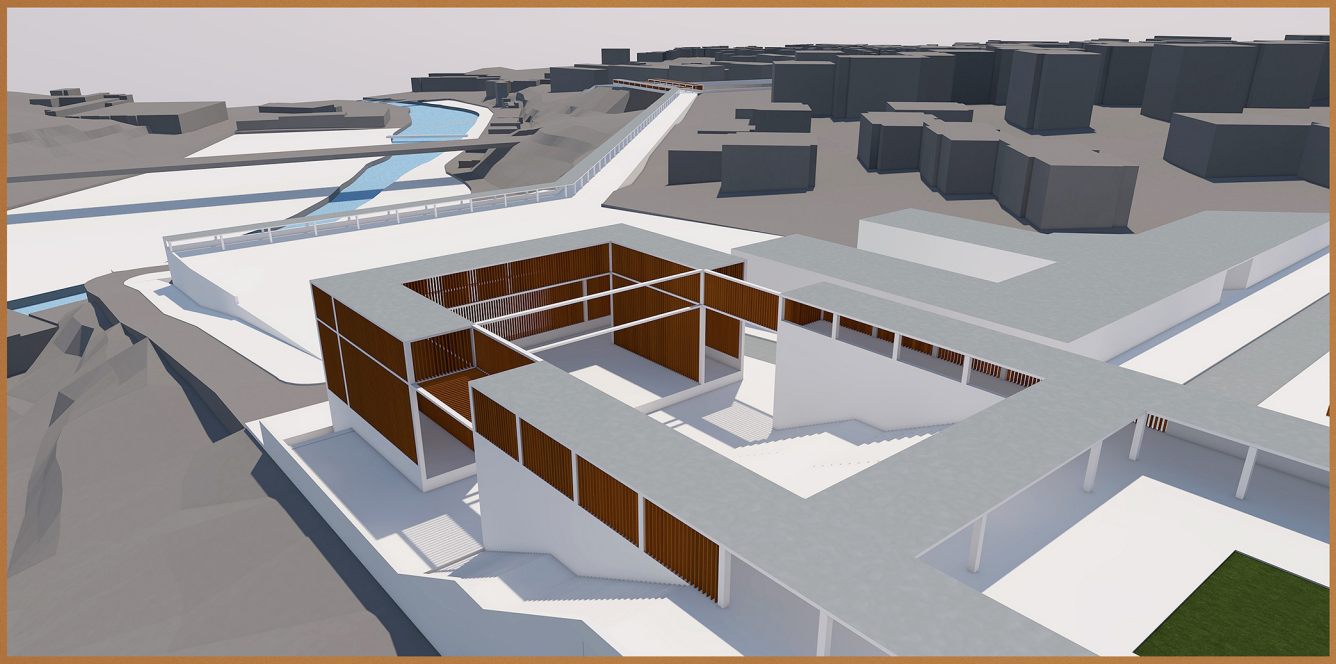
José António Feliciano Fidalgo Ferreira Crespo

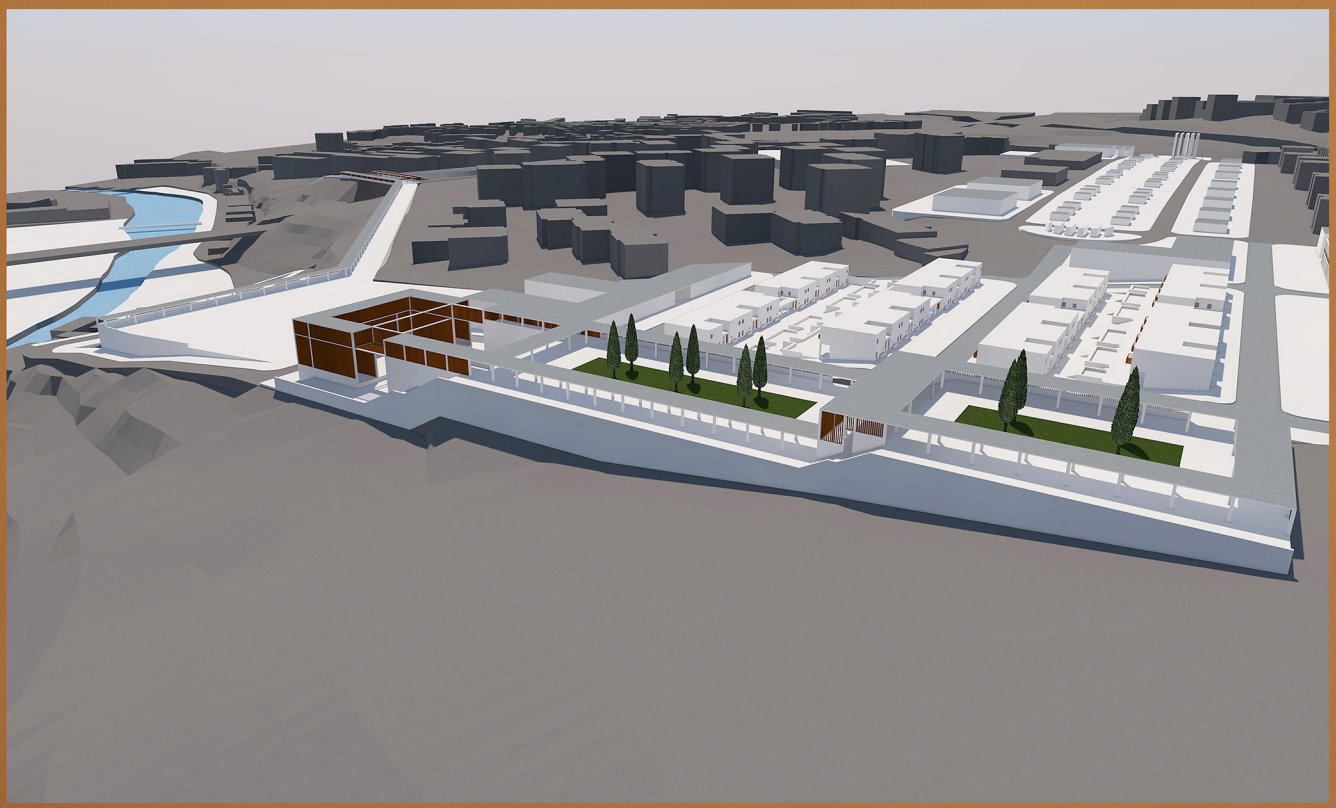
**TRABALHO FINAL DE MESTRADO**

**NOVEMBRO 2015**



**Auditório do Bairro Novo**





**Orientadores**

Professor Doutor Pedro Jorge Dias Pimenta Rodrigues | Professor Doutor Pedro António Janeiro

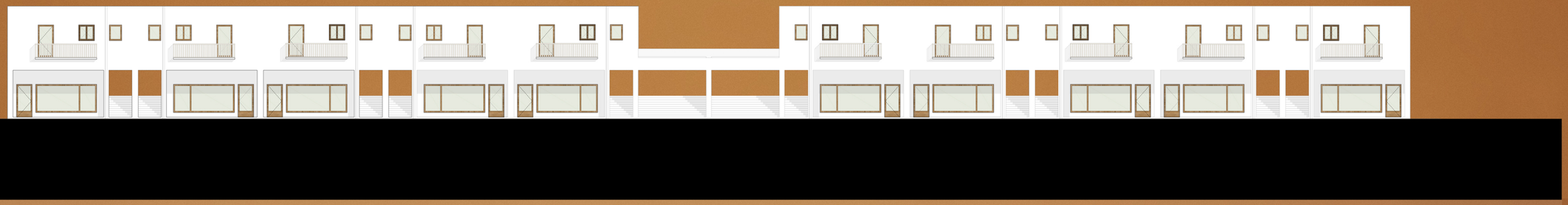
**Orientando**

José António Feliciano Fidalgo Ferreira Crespo

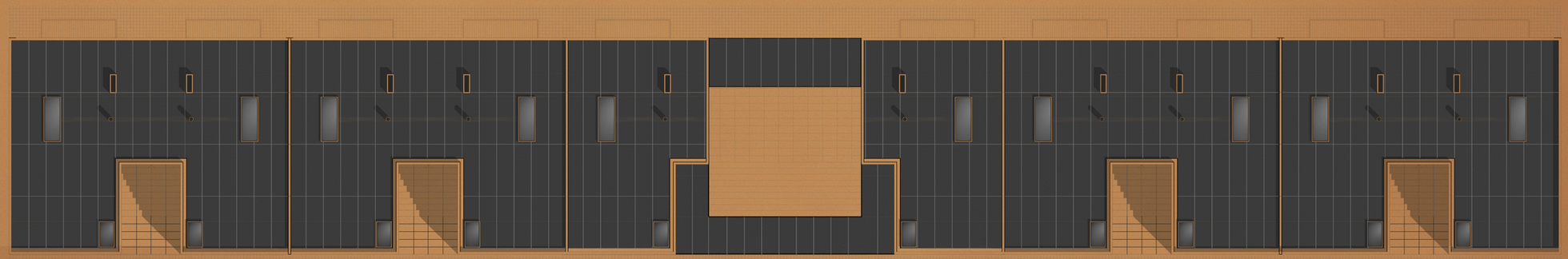
**TRABALHO FINAL DE MESTRADO**

**NOVEMBRO 2015**

**ALÇADO NASCENTE**



**COBERTURA**



**ALÇADO POENTE**



LISBOA

**Orientadores**

Professor Doutor Pedro Jorge Dias Pimenta Rodrigues | Professor Doutor Pedro António Janeiro

**Orientando**

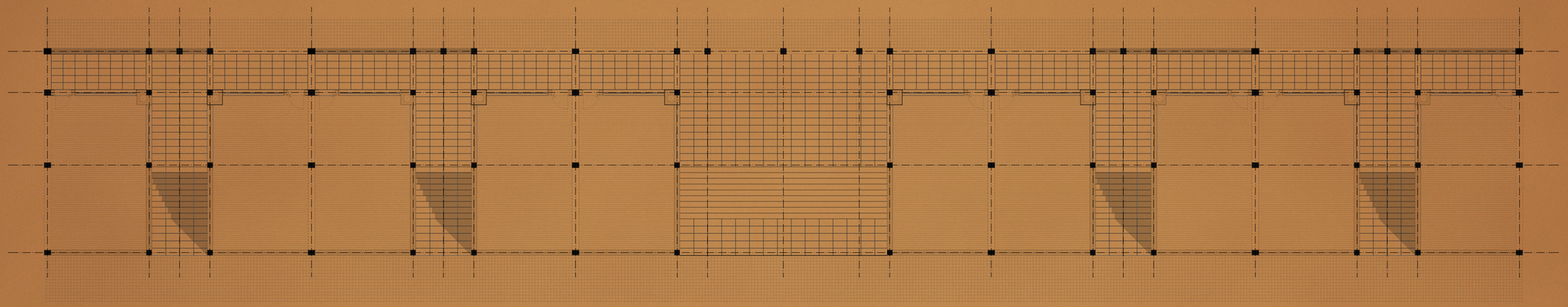
José António Feliciano Fidalgo Ferreira Crespo

# HABITAÇÃO T1 Escala 1:100

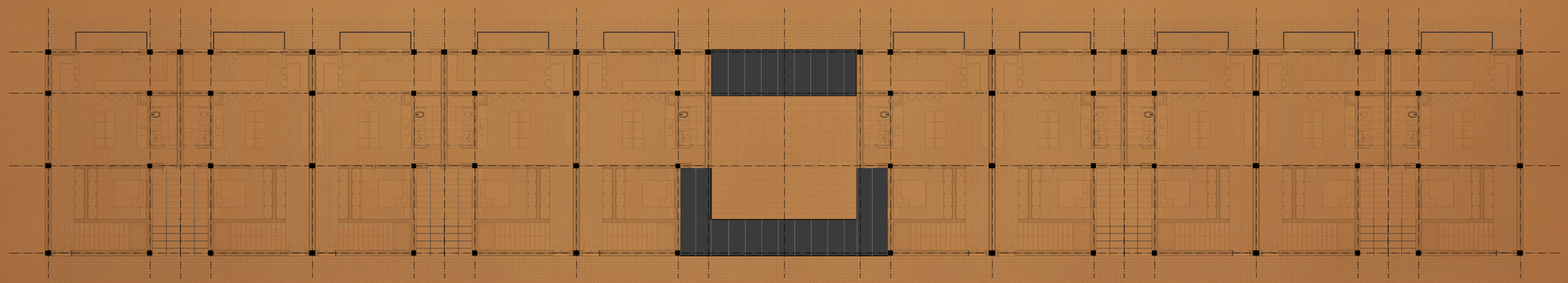
**TRABALHO FINAL DE MESTRADO**

**NOVEMBRO 2015**

PISO TÉRREO



PISO 1



LISBOA

**Orientadores**

Professor Doutor Pedro Jorge Dias Pimenta Rodrigues | Professor Doutor Pedro António Janeiro

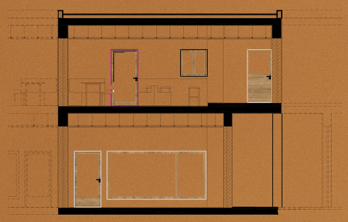
**Orientando**

José António Feliciano Fidalgo Ferreira Crespo

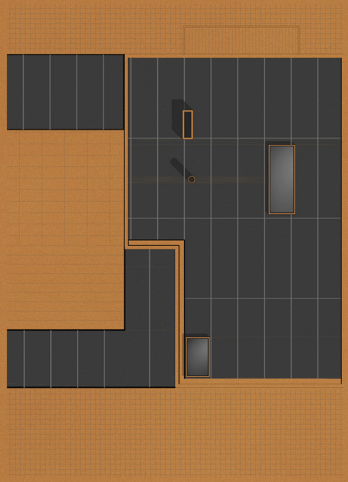
**HABITAÇÃO T1** Escala 1:100

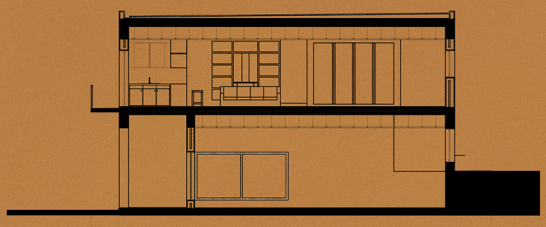
**TRABALHO FINAL DE MESTRADO**

**NOVEMBRO 2015**



CORTE A A'





CORTE B B'





**Orientadores**

Professor Doutor Pedro Jorge Dias Pimenta Rodrigues | Professor Doutor Pedro António Janeiro

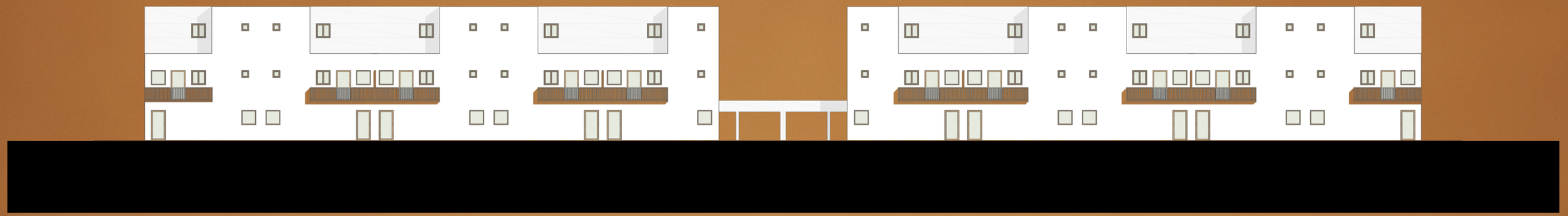
**Orientando**

José António Feliciano Fidalgo Ferreira Crespo

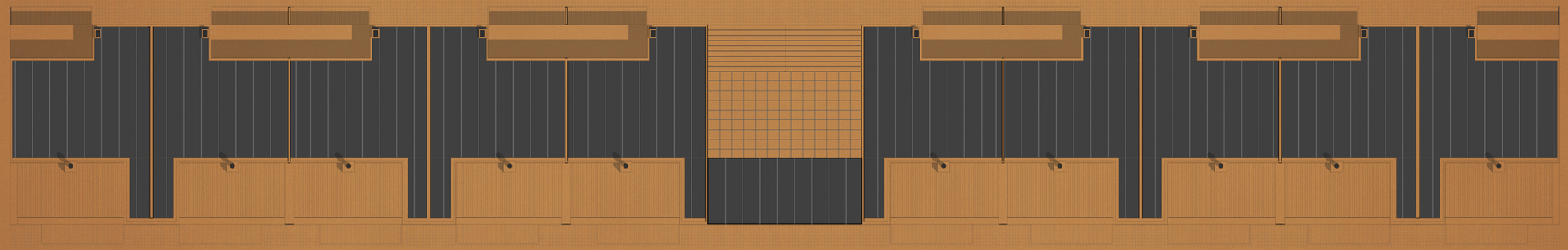
**TRABALHO FINAL DE MESTRADO**

**NOVEMBRO 2015**

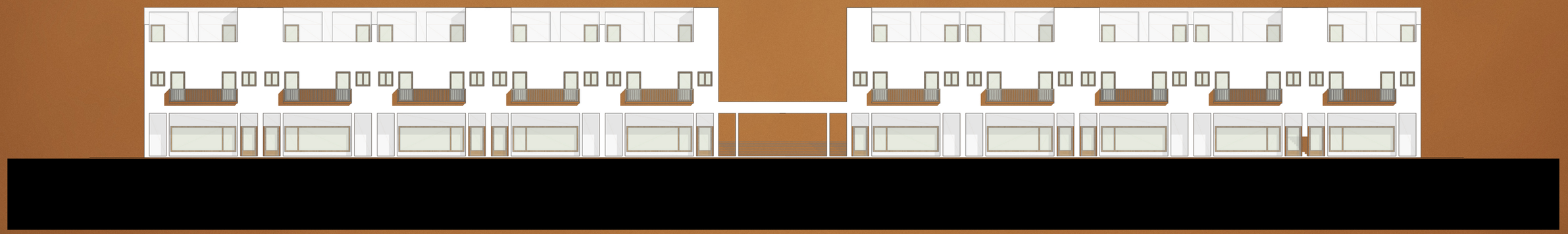
ALÇADO POENTE



COBERTURA



ALÇADO NASCENTE



LISBOA

**Orientadores**

Professor Doutor Pedro Jorge Dias Pimenta Rodrigues | Professor Doutor Pedro António Janeiro

**Orientando**

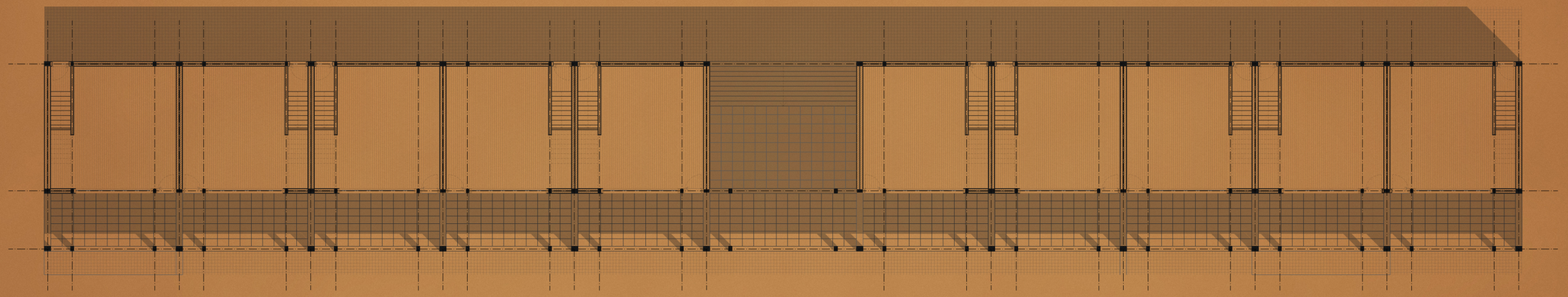
José António Feliciano Fidalgo Ferreira Crespo

**HABITAÇÃO T2** Escala 1:100

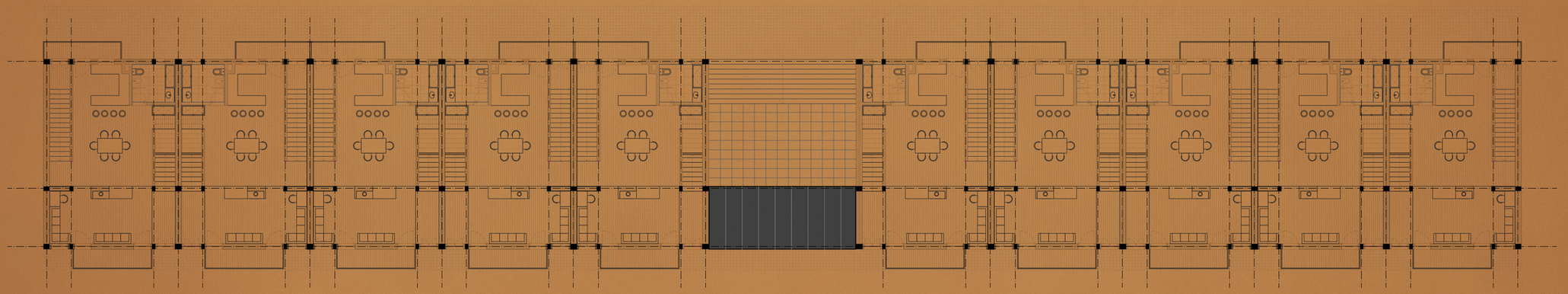
**TRABALHO FINAL DE MESTRADO**

**NOVEMBRO 2015**

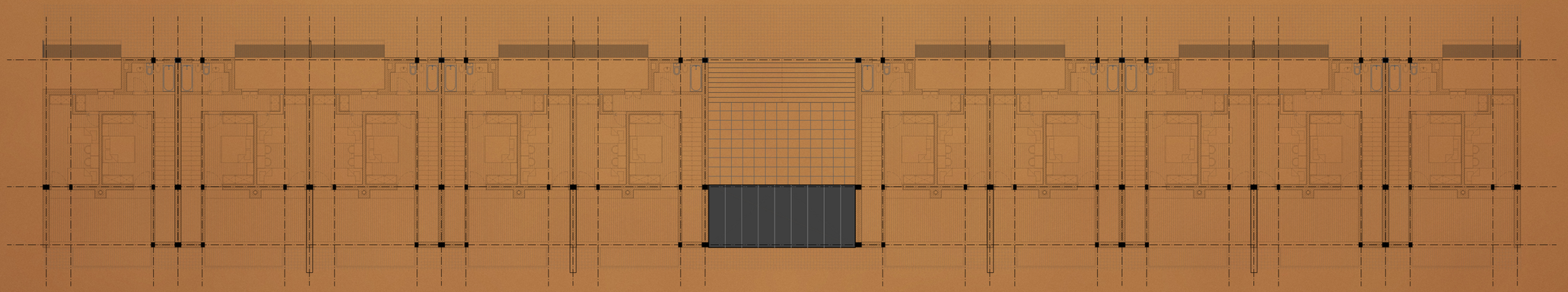
PISO 0



PISO 1



PISO 2



LISBOA

**Orientadores**

Professor Doutor Pedro Jorge Dias Pimenta Rodrigues | Professor Doutor Pedro António Janeiro

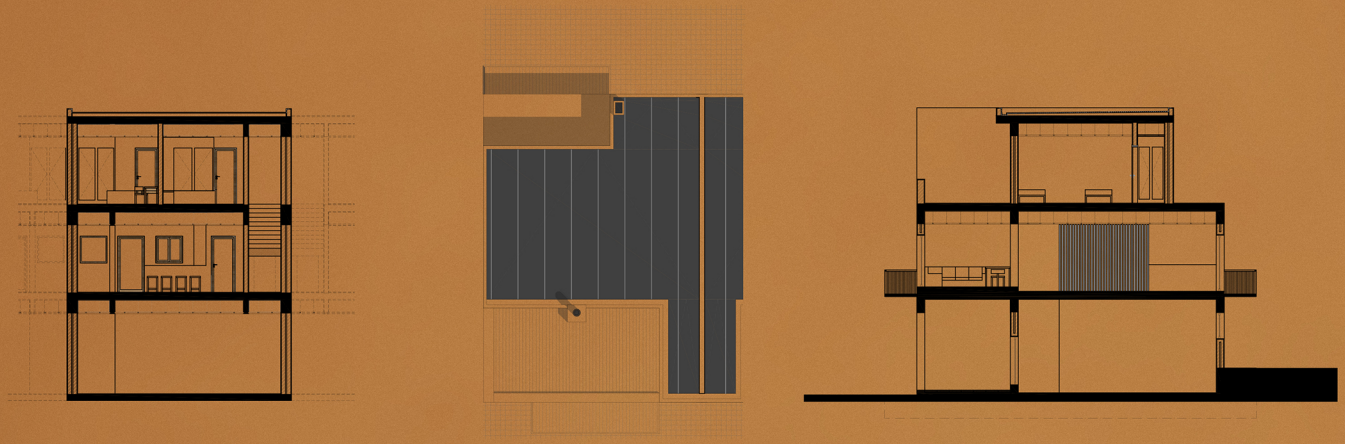
**Orientando**

José António Feliciano Fidalgo Ferreira Crespo

**HABITAÇÃO T2** Escala 1:100

**TRABALHO FINAL DE MESTRADO**

**NOVEMBRO 2015**



CORTE A A'

CORTE B B'





**Orientadores**

Professor Doutor Pedro Jorge Dias Pimenta Rodrigues | Professor Doutor Pedro António Janeiro

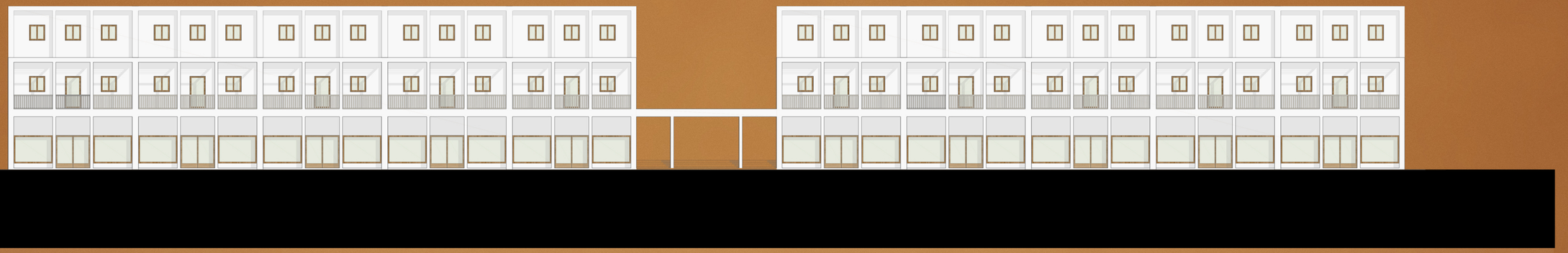
**Orientando**

José António Feliciano Fidalgo Ferreira Crespo

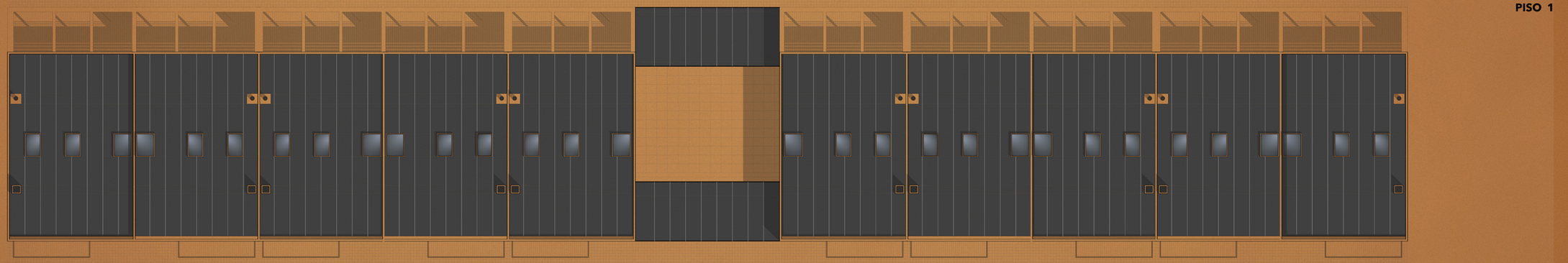
**TRABALHO FINAL DE MESTRADO**

**NOVEMBRO 2015**

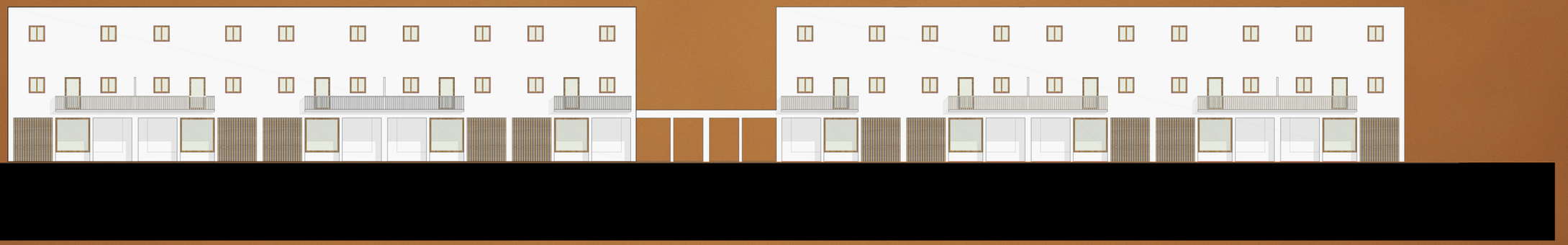
PISO 0



PISO 1



PISO 2



LISBOA

**Orientadores**

Professor Doutor Pedro Jorge Dias Pimenta Rodrigues | Professor Doutor Pedro António Janeiro

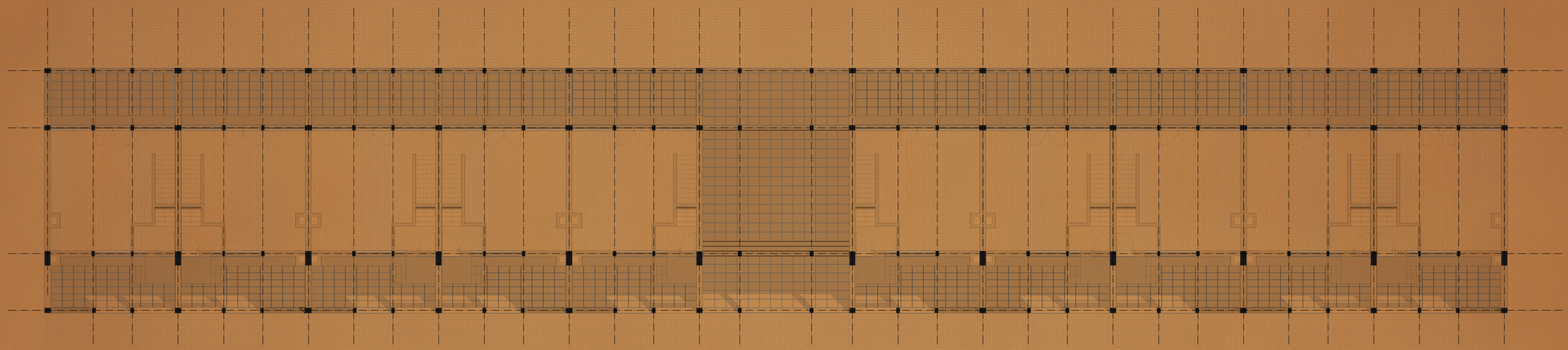
**Orientando**

José António Feliciano Fidalgo Ferreira Crespo

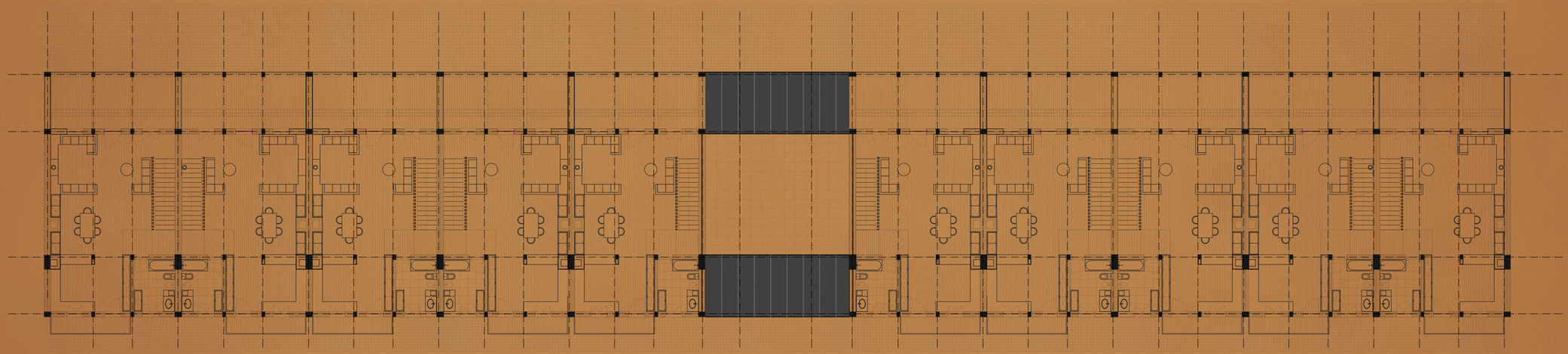
**HABITAÇÃO T3** Escala 1:100

**TRABALHO FINAL DE MESTRADO**

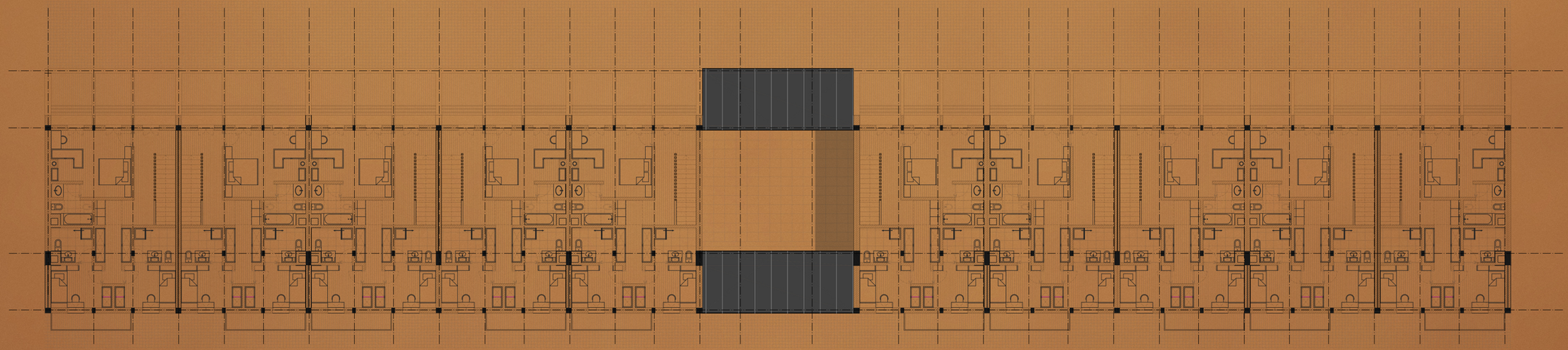
**NOVEMBRO 2015**



PISO 0



PISO 1



PISO 2

LISBOA

**Orientadores**

Professor Doutor Pedro Jorge Dias Pimenta Rodrigues | Professor Doutor Pedro António Janeiro

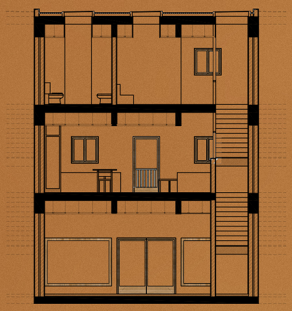
**Orientando**

José António Feliciano Fidalgo Ferreira Crespo

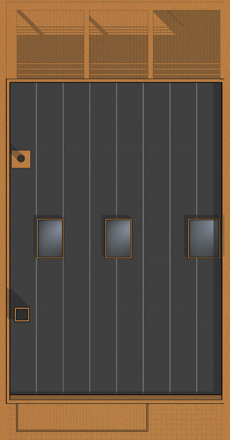
**HABITAÇÃO T3** Escala 1:100

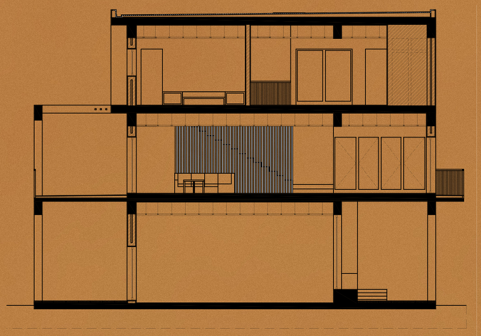
**TRABALHO FINAL DE MESTRADO**

**NOVEMBRO 2015**



CORTE A A'





CORTE B B'





**Orientadores**

Professor Doutor Pedro Jorge Dias Pimenta Rodrigues | Professor Doutor Pedro António Janeiro

**Orientando**

José António Feliciano Fidalgo Ferreira Crespo

**TRABALHO FINAL DE MESTRADO**

**NOVEMBRO 2015**